

K U M A G A E      K A S U K U O

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DE TRANSFORMAÇÕES AGRÁRIAS  
OCORRIDAS NA OCUPAÇÃO DO ESPAÇO EM JATAIZINHO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Rocha Penteado

S ã o   P a u l o  
- 1980 -

Aos meus pais,  
ao meu esposo, Pedro  
e a minha filha, Thais.

Contribuição ao estudo de transformações agrárias  
ocorridas na ocupação do espaço em Jataizinho

S U M Á R I O

1. Apresentação
2. Jataizinho no Norte do Paraná
  - 2.1. As bases físicas
  - 2.2. O processo de ocupação do espaço
3. O meio rural
  - 3.1. A população
  - 3.2. O habitat rural
4. O uso da terra
  - 4.1. As atividades agrárias
  - 4.2. Outras atividades
5. Conclusões

## 1. Apresentação

1. Apresentação: A presente pesquisa realizada no município de Jataizinho, Estado do Paraná, constitui uma contribuição ao estudo da Geografia Agrária e tem como objetivo principal, o estudo dos fatores que implicaram nas diferentes formas de ocupação do espaço desta porção do Norte Paranaense, desde as suas origens, até os dias atuais.

Foi no século XIX, às margens do rio Tibagi, com a instalação da Colonia Militar do Jataí e do Aldeamento de São Pedro de Alcântara, que surgiu Jataizinho. Assim, Jataizinho difere de outros municípios localizados no Norte Velho que tiveram suas origens vinculadas ao ciclo cafeeiro. Este foi, o principal fator que motivou a escolha desta área para a presente pesquisa.

A escolha do tema, todavia, está ligada às transformações que se processaram no espaço geográfico de Jataizinho e que resultaram, não só das atividades agropecuárias mas, também, daquelas relacionadas à exploração

de olarias. Estas, surgiram em decorrência da abundância de argila que existe em vasta porção deste município e, principalmente, no vale do rio Tibagi. Assim, foi graças à presença de "barreiros" que se tornou possível o estabelecimento de olarias e cerâmicas em Jataizinho. Mais recentemente, a atividade econômica que maior influência exerceu nas transformações do espaço jataiense foi o cultivo de produtos comerciais entre os quais merecem destaque o café, o algodão, além de cereais.

Outro objetivo desta pesquisa foi determinar quais os recursos técnicos empregados pelos habitantes de Jataizinho na exploração do espaço agrário e, também, na dinâmica que se observou na organização destas atividades econômicas.

Por outro lado, em virtude de sua posição geográfica, Jataizinho, localizado no Norte Velho do Paraná, desde o início apresentou problemas concernentes às vias de circulação que interferiram na sua vida de relações com os demais municípios. Em época mais recente, graças a uma nova política econômica, Jataizinho passou por uma dinamização mais acentuada, em decorrência de melhorias introduzidas no sistema de circulação ferroviário e, principalmente, no rodoviário. Este, embora aumente os custos finais dos produtos transportados, é utilizado mais intensamente, em razão da segurança e rapidez que apresenta para o escoamento da produção agro-industrial de Jataizinho. Assim, foi com base nestas indagações e constatações que se procurou compreender as causas e as conseqüências da atuação do homem sobre o meio rural que provocaram transformações sócio-econômicas no espaço de Jataizinho.

Objetivando realizar esta dissertação de Mestrado, foi realizada , em 1969, uma sondagem preliminar no município de Jataizinho. Esta sondagem permitiu uma visão ampla da interferência do homem na paisagem desta porção do Norte Velho Paranaense. Este primeiro contato com a área possibilitou a definição do tema e a delimitação do espaço a ser pesquisado. Além disso, foi através desta sondagem que se tornou possível conhecer as bases geográficas locais para a elaboração dos questionários aplicado posteriormente.

A fase seguinte compreendeu o levantamento bibliográfico e cartográfico e envolveu visitas a inúmeras entidades, oficiais e particulares, além da consulta de inúmeras obras que, depois de lidas, foram convenientemente fichadas e catalogadas. Destas consultas resultaram informações valiosas para a elaboração deste trabalho. Para a reconstituição de aspectos da ocupação do espaço de Jataizinho foram utilizados alguns documentos históricos referentes à Colonia Militar do Jataí e ao Aldeamento de São Pedro de Alcântara, além de correspondências oficiais, Relatórios Presidenciais, Atas e Avisos, entre outros.

Muitos desses documentos sobre Jataizinho foram consultados no Arquivo Público do Paraná, em Curitiba; na biblioteca do Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro; e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, também no Rio de Janeiro. Em São Paulo, preciosas informações foram coletadas no Museu Paulista e no Arquivo do Estado.

A documentação cartográfica forneceu elementos indispensáveis para a elaboração de mapas, cartas e plantas de natureza histórico-geográfica e econômica. Foram consultadas obras raras e valiosa documentação cartográfica no Departamento de Geografia, Terras e Colonização do Estado do Paraná e na Biblioteca Municipal de São Paulo.

Além disso, foram utilizadas fotografias aéreas de Jataizinho, na escala de 1:50.000, resultantes da cobertura aerofotogramétrica efetuada em 1970, pela PROSPECT S.A.. Assim, com este material, foi possível elaborar "overlays" que, devidamente interpretados, permitiram a caracterização da área afim de melhor compreender os problemas da organização do espaço de Jataizinho e as transformações que aí vem se operando.

Contudo, é necessário salientar que este trabalho é o resultado de uma longa e cuidadosa pesquisa de campo, realizada desde 1974. A partir dessa época foram aplicados 250 questionários nas propriedades rurais e cerca de 420 na área urbana. Entretanto, face as características rurais serem mais significativas, decidiu-se limitar esta pesquisa somente ao estudo do meio rural. Nos anos posteriores foram efetuados os levantamentos relativos ao sistema rodo-ferroviário e aos estabelecimentos oleiros.

Assim, com os dados obtidos no inquérito de campo, na bibliografia geral e específica, na consulta de documentos históricos foi possível obter as informações necessárias para compreender as transformações agrárias ocorridas na ocupação do espaço de Jataizinho que resultaram nesta dissertação de Mestrado.

Na impossibilidade de nomear todas as pessoas que, direta ou indiretamente colaboraram para que este trabalho fosse realizado, gostaria de deixar aqui o meu reconhecimento à Direção e funcionários do Serviço de Foto-interpretção do I.B.C. (Instituto Brasileiro do Café) - GERCA; à biblioteca



do Exército do Ministério da Guerra; à Biblioteca Municipal; à Biblioteca do Museu Paulista; à Biblioteca do Departamento de Geografia e História da Universidade de São Paulo; ao Arquivo do Estado; ao Arquivo Público do Paraná; ao Departamento de Geografia da Companhia de Terras e Colonização do Paraná; ao Departamento de História da Universidade do Paraná; às bibliotecas do Centro de Ciências Humanas e do Centro de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Londrina; à Agência do IBGE de Londrina, na pessoa do Senhor Clélio Augusto de Souza; a Coordenadoria da Comissão de Pós-graduação e à Coordenadoria de Recursos Humanos da Universidade Estadual de Londrina.

À Beahir Edna Mendonça, Dalva Conde Pitta, Aparecida Trassi, Neila F. Estigarríbia, Yara Neiva de Lima, Katsumi Mori, Maria Helena Jareta, Maria de Lourdes Siqueira, Alice Yatio Assari, Eliza Makie Kariya, Makie Hatsuta e Ercília Toshiko Hiroma Hatori, que me acompanharam na pesquisa de campo, elaboraram as representações gráficas e auxiliaram no serviço de datilografia, a minha gratidão.

Agradecimentos sinceros aos professores do curso de Pós-graduação do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, responsáveis pela minha formação científica.

Agradecimentos especiais ao Prof. José Carlos Pinotti, Reitor da Universidade Estadual de Londrina, pelo apoio recebido; ao Prof. Dr. Oscar Alves; Iran Martin Sanchez; Prof. Manoel Barros; Prof. Gil Mario de Macedo Grassi, coordenador da Comissão de Pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina; Prof. Carlos Roberto Appoloni, Diretor

do Centro de Ciências Exatas; e Prof. Wilson de Araujo Claudino.

Aos amigos que proporcionaram condições de trabalho, incentivando e orientando sempre as atividades de pesquisa: Prof. Airton Nozawa, Profa. Aparecida Garcia Constantino, Dr. Enoch Vieira, Profa, Dra. Nilza Freres Stipp, Prof Nestor Fernandes da Silva e Profa. Dra, Yoshiya Nakagawara.

A todos os membros da comunidade jataiense que sempre me forneceram subsídios para a execução deste trabalho, especialmente ao Prof. José César Reis, Francisco Senra Neto, João Nelson de Azevedo, Davi Prieto, meu muito obrigada.

Agradeço ainda a Orlando Striquer, ex-Prefeito de Jataizinhô e ao seu sucessor Evilásio Rangel Cordeiro pela prestimosa colaboração.

Ao Prof. Nelson Tagima, sinceros agradecimentos.

Aos amigos que sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis e que me ajudaram a transpor as dificuldades para que eu pudesse chegar ao término deste trabalho, meu muito obrigada, especialmente à Maria Aparecida, Assae, Toshiko e Bárbara.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos, meu obrigada pelo incentivo constante.

As amigas Olga Tulik e Takako Kondo meus agradecimentos pela valiosa colaboração prestada.

Finalmente, ao Prof. Dr. Antonio Rocha Penteado, meu orientador, agradecimentos sinceros pela atenção que sempre me dedicou, pelo incentivo constante e pela direção segura que soube dar a esta pesquisa.

## 2. Jataizinho no Norte do Paraná

### 2.1. As Bases Físicas

### 2.2. O Processo de Ocupação do Espaço

2.1. As bases físicas - O Norte do Paraná ca  
racteriza-se por ser uma região individualizada, em virtude  
de de fatores diversos, entre os quais sobressaem aqueles  
derivados das condições geográficas específicas que pos  
sui. Com efeito, é nesta região que aparecem, com maior  
frequência, os chamados solos de "terra-roxa" que funda  
mentaram a ocupação do espaço regional. Este importante  
fator, aliado a outros como, por exemplo, os de ordem po  
lítica, foi o sustentáculo da ocupação humana que esteve  
assentada, sobretudo, na dependência direta dos quadros  
naturais.

As sucessivas fases de ocupação do Norte parana  
ense, que estiveram, portanto, apoiadas na exploração  
do quadro natural, acabaram por originar a sua subdivisão  
em Norte Velho (onde está localizado o município de Jataiz  
inho), Norte Novo e Norte Novíssimo. Esta classificação,

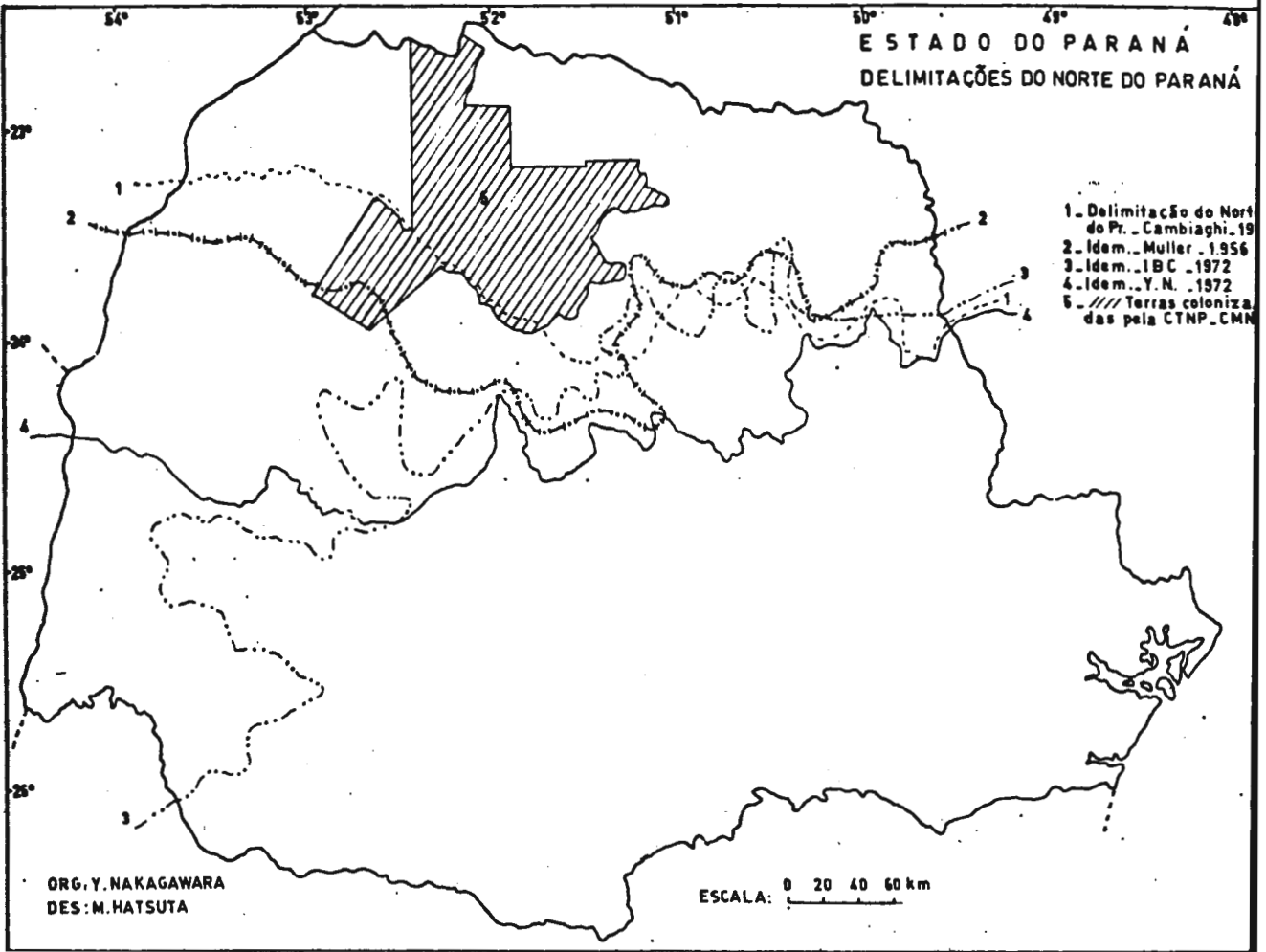


FIGURA 1

que revela um critério geográfico, uma vez que se relaciona não só ao homem e ao meio, mas, também, às diferentes transformações que se processaram na região, pode ser observada nos trabalhos de MÜLLER(1), BARTHELMESS(2) e SOUZA(3). Entretanto, a Comissão de Estudos dos Recursos Naturais Renováveis do Estado do Paraná juntamente com o Centro de Pesquisas Pedológicas da EMBRAPA(4) e a Comissão de Estudos da Bacia do Rio da Prata(5) Noroeste do Estado do Paraná, optaram pela subdivisão dessa área em Nordeste e Noroeste, de caráter mais generalizado, e que se baseia, principalmente, no levantamento pedológico do Norte Paranaense. (Figura 1)

- 
- (1) MÜLLER, Nice Lecocq - "Contribuição ao estudo do Norte do Paraná", em Boletim Paulista de Geografia, nº 22, São Paulo, março de 1956, pag.57.
- (2) BARTHELMESS, Heloísa - "Divisão Regional do Paraná" em Boletim da Divisão de Geografia nº 3, Curitiba, D. G.T.C. 1967, pag.16
- (3) SOUZA, Maria Adélia Aparecida - "O quadro geográfico, histórico e econômico do processo de urbanização", em Boletim Paulista de Geografia, nº 46, São Paulo, dezembro de 1971, pag. 49.
- (4) LARACH, Jorge Olmos Iturri e outros - "Levantamento de Reconhecimento dos Solos do Nordeste do Estado do Paraná" "Boletim Técnico nº 16, 1971, pags. 15 e 16.

Esta região, que está localizada na porção mais setentrional do Estado do Paraná, apresenta limites muito precisos ao Norte, onde está separada do Estado de São Paulo pelo rio Paranapanema; a Leste, cuja fronteira com o mesmo estado é marcada através do Rio Itararé; e a Oeste, onde o rio Paraná serve-lhe de divisa com o Estado de Mato Grosso. Todavia, ao Sul, as fronteiras do Norte Paranaense já não se apresentam tão demarcadas em virtude da ausência de limites naturais definidos(6), o que pode ser facilmente aceitável, do ponto de vista da moderna metodologia geográfica.

Estendendo-se, segundo NAKAGAWARA(7), por uma área aproximada de 82.371 km<sup>2</sup>, o Norte do Paraná abrange terras do Segundo e do Terceiro Planaltos Paranaenses, (Figura 2) pertencentes ao vasto Planalto Meridional; são estas unidades que possuem maior interesse para o estudo do Norte Velho e, conseqüentemente, para o de Jataizinho.

---

(5) Vários Autores, "Aspectos de erosão no Noroeste do Paraná, em Bacia do Rio da Prata - Vol.I, 1973, pag. 50.

(6) Admite-se como limite meridional do Norte do Paraná o paralelo de 24° S, no trecho compreendido entre os meridianos de 53°7' e 50°5' W de Greenwich.

(7) NAKAGAWARA, Yoshiya - "As funções regionais de Londrina e sua área de influência". Tese de doutoramento, inédita, USP, 1973, pag. 20.

# MAPA GEOLÓGICO DO ESTADO DO PARANÁ

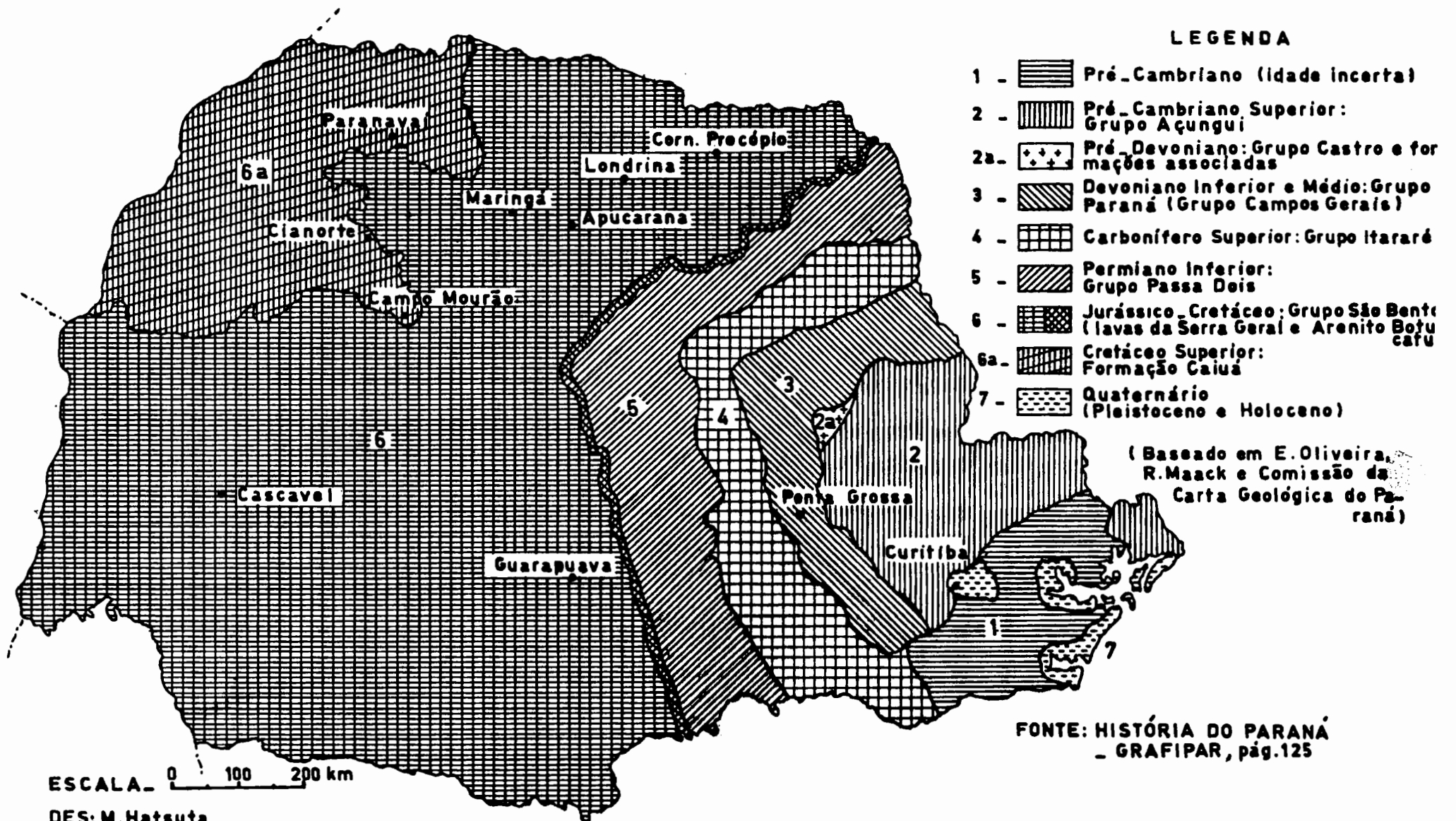


FIGURA 2



O Segundo Planalto, onde está localizada parte do Norte Velho, é separado a Leste do Primeiro Planalto Paranaense, pela escarpa devoniana que se estende, a partir do Sul, com o nome de Serrinha e continua para Oeste e Norte como as denominadas Serras de São Luis, das Furnas, Puruna, Santa Ana, Itaiacoca, São Joaquim, Taquari e Buriti(8). A Oeste, o Segundo Planalto é separado do Terceiro através da "cuesta" da Boa Esperança que no Paraná se estende de Norte a Sul.. Já na sua porção Sul, seus limites apresentam apenas diferenças litológicas, uma vez que ele se confunde com o Primeiro Planalto, fato que denota a suavidade do relevo que predomina nesta área do Estado; ao Norte o Segundo Planalto Paranaense prolonga-se em direção ao Estado de São Paulo, onde suas escarpas aparecem com as denominações de Serras da Faxina, da Fartura e das Almas.

De modo geral, o relevo do Segundo Planalto é caracterizado, segundo SALAMUNI, por uma "Topografia suave, de colinas arredondadas e mesetas estruturais"(9).

---

(8) MAACK, Reinhard - "Geografia Física do Paraná", Curitiba, 1968, pag.88.

(9) SALAMUNI, Riad - "Fundamentos Geológicos do Paraná", em História do Paraná, GRAFIPAR, 2º Volume, Curitiba, pag. 36.

A partir do topo da escarpa devoniana (1,100 - 1,200 m ) as altitudes decrescem, suavemente, para Oeste, Sudoeste e Noroeste, até a base da escarpa do Terceiro Planalto , conhecida como Serra da Boa Esperança (740 - 800 m) (10). As menores altitudes, entretanto, aparecem na parte Norte, entre os rios Laranjinha e Itararé, já nos limites com o Terceiro Planalto.

Deve ser considerado ainda que, em diversos pontos do Segundo Planalto, a paisagem é marcada por "degraus estruturais em forma de arco com a testa voltada paRA Leste"(11). Estas feições morfológicas que, podem ser entendidas como pequenas "cuestas"(12) resultam, principalmente, da ação da erosão diferencial. Predominam no Segundo Planalto, rochas sedimentares antigas, do Paleozóico, reunidas nos grupos Paraná ou Campos Gerais( Devoniano), Itararé (Carbonífero) e Passa Dois (Permiano) Além dessas, registra-se a ocorrência de arenitos ( Vila

---

(10) MAACK, Reinhard. Obra citada, pag. 309.

(11) BIGARELLA, João José - "Esboço da Geomorfologia do Estado do Paraná", Boletim nº 32, Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas (IBPT), Curitiba, Pag.19.

(12) SALAMUNI, Riad. Obra citada, pag.36.

Velha e Furnas, entre outros), de carvão mineral e, também, de folhelhos, como os pirobetuminosos, de importância econômica para o Estado do Paraná.

O Terceiro Planalto, onde está inserida a maior parte do Norte Velho, desenvolve-se a Oeste da Serra da Boa Esperança, inclinando-se suavemente até atingir as barrancas do rio Paraná. A paisagem desta região mostra, no conjunto, uma predominância de mesetas e chapadas, levemente onduladas, com encostas suaves.

Na constituição geológica do Terceiro Planalto predominam rochas eruptivas que datam do Mesozóico, formadas pelos basaltos, diabásios e maláfiros, entre outras. A topografia desta área, apresenta-se subordinada aos níveis dos extensos derrames de lavas revelando formas de superfície, talhadas conforme a resistência das rochas à ação erosiva. Da decomposição das rochas eruptivas básicas resultam solos argilosos conhecidos como "terra-roxa", que ocupam a maior parte do Terceiro Planalto.

Além das rochas eruptivas existe a ocorrência de arenito Botucatu e Caiuá dando como resultado um modelado onde predominam testemunhos e chapadas típicas de estruturas tabuliformes. O arenito Caiuá, que aparece com maior frequência no Noroeste e Oeste do Norte do Pa

raná, pode ocorrer no topo dos espigões, nas encostas e , muitas vezes, como acontece em Paranavaí, nos fundos dos vales. Este fato apresenta grande significado para a ocupação do espaço, pois os solos resultantes da decomposi - ção do arenito Caiuá, após despojados da cobertura vegetal, ficam mais sujeitos à erosão e mais frágeis. Deste modo, a utilização agrícola fica comprometida, o que conseqüentemente, tem contribuído para gerar problemas de ordem sócio-econômica.

O Terceiro Planalto, que de um modo geral se caracteriza por uma relativa simplicidade no que diz respeito às suas morfologia e estrutura, revela, todavia, algumas diferenciações. Isto já foi demonstrado por MAACK que subdividiu esta unidade do relevo paranaense em quatro regiões geográficas naturais, cujos divisores seriam os vales dos rios Tibagi, Ivaí, Piquiri e Iguaçu<sup>(13)</sup>.

O Município de Jataizinho<sup>(14)</sup>, objeto deste estudo, está localizado na porção Nordeste do Norte do Paranaá, nos limites ocidentais do chamado Norte Velho, na Re

---

(13) MAACK, Reinhard. Obra citada, pag. 314.

(14) Jataizinho limita-se ao Norte com o Município de Rancho Alegre; ao Sul com o de Assaí; a Leste com o de Uraí; e a Oeste, através do rio Tibagi, com o Municí-pio de Ibiporã

gião geográfica que MAACK denominou Planalto de São Jerônimo da Serra, que se estende entre os rios Tibagi e Itararé. Esta parcela do Planalto arenito-basáltico caracteriza-se por uma série de mesetas e platôs isolados, cujas altitudes oscilam entre 300 e 650 m<sup>(15)</sup>, embora possam alcançar 800 m em algumas elevações situadas a Leste do rio Congonhas e entre os rios Laranjinha e das Cinzas.

As características morfoclimáticas são de grande importância para o uso da terra em Jataizinho e, por isso, nelas está apoiada a divisão do referido Município em três partes: Sul, Centro e Norte.

A porção Sul do território de Jataizinho, que abrange a maior parte do município, é drenada pelos formadores do rio Jataizinho (nascentes dos Ribeirões Água Branca e do Tigre). Predomina nesta unidade o "latosol roxo eutrófico", (Figura 3) e, em pequena área, a "terra-roxa estruturada eutrófica". O primeiro tipo de solo, originado de materiais provenientes da desagregação do basalto, maláfiro e diabásio,<sup>(16)</sup> caracteriza-se por ser friável, não muito coeso. Como consequência destas condições, sua capacidade de retenção de água é considerável e, assim sendo,

---

(15) MAACK, Reinhard. Obra citada, pag. 314.

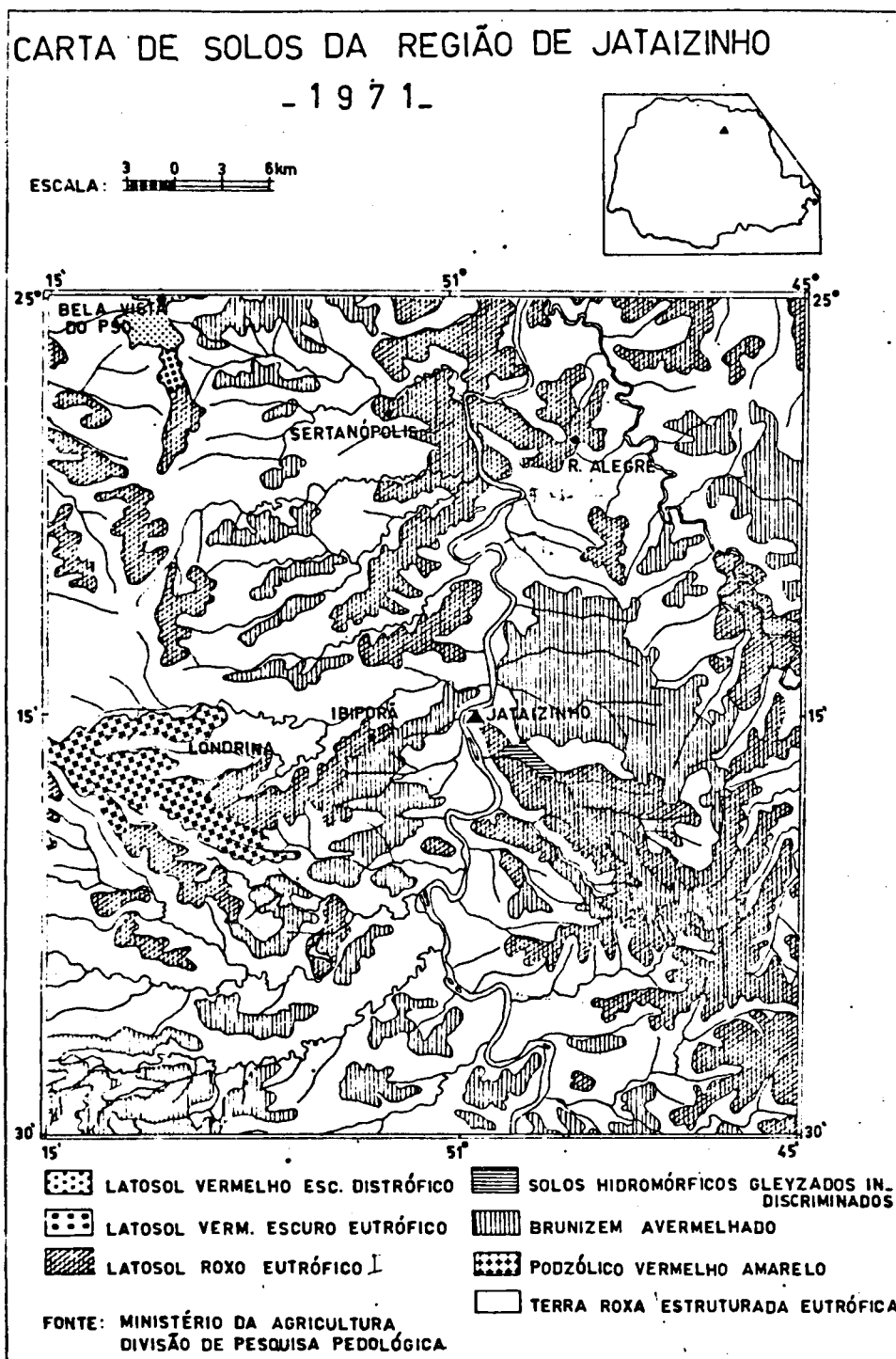


FIGURA 3

as culturas nele praticadas não se ressentem, mesmo no período de estiagens prolongadas. Por outro lado, no "latosol roxo eutrófico" não existem horizontes compactos que dificultem a drenagem interna do perfil do solo e sendo sua porosidade elevada, a aeração não é prejudicada pelo acúmulo de água, mesmo nas épocas mais chuvosas.

A "terra roxa estruturada eutrófica" cobre áreas adjacentes aos ribeirões e rios que drenam o Sul de Jataizinho, formando várzeas e baixos terraços que são aproveitados para culturas diversificadas. Assim, é devido à existência de terrenos pouco ondulados em quase toda a extensão desta unidade, que se torna possível a utilização de implementos e máquinas agrícolas.

A porção Centro de Jataizinho, onde assenta o sítio urbano, caracteriza-se por apresentar uma extensa mancha de "terra roxa estruturada eutrófica" que ocu

---

(16) LARACH, Jorge Olmos Iturri e outros, obra citada - "Levantamento de Reconhecimento dos Solos do Nordeste do Estado do Paraná (Informe preliminar)", em Boletim Técnico nº 16, Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária, Divisão de Pesquisa Pedológica, Curitiba, pag. 76.

pa a maior parte do seu território. Já nas proximidades do baixo curso do Jataizinho aparecem pequenas extensões de solos que a Divisão de Pesquisa Pedológica do Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária definiu como "Solos Hidromórficos Gleyzados Indiscriminados"(17).

De um modo geral, a área de ocorrência dos solos hidromórficos está restrita às regiões de relevo plano, às porções inundáveis, às proximidades de cursos d'água e de vales de rios. Assim, em virtude da água que neles se acumula, estes solos só podem ser utilizados depois de convenientemente drenados. O excesso de água no perfil destes solos pode ser constatado pelo acúmulo de material orgânico no horizonte superior ou pela coloração característica nos horizontes inferiores(18).

A porção Norte de Jataizinho é drenada pelo Ribeirão do Jacutinga e pelos Córregos Fundo, Taquari, Água do Caboclo, Água do Mimoso, Floresta e Barrinha, tributários do Tibagi. Nesta área, o relevo apresenta-se mais movimentado como consequência da presença desta rede hidrográfica que nele escavou vales profundos, princ

---

(17) Idem. Idem, pag. 16

(18) Idem. Idem, pag. 120.



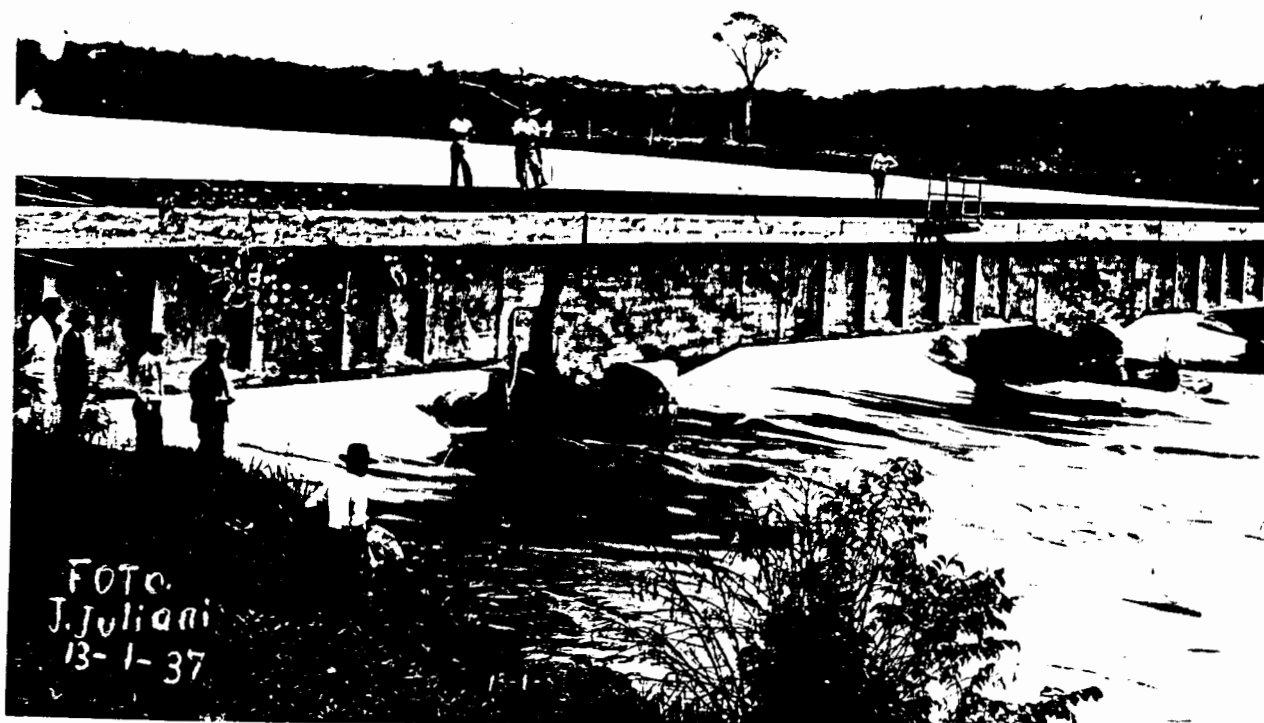


FOTO 1. Vista do Rio Tibagi. Aspecto da enchente de 1937 que cobriu grande parte das pilastras da ponte que liga Jataizinho a Ibiporã. Foi através desta ponte que, a partir de 1935, se tornou possível o acesso às terras situadas além desse rio.

palmente, nos locais onde a decomposição química do bal salto é mais intensa.

Predomina nesta unidade, um solo raso, de textura argilosa e pedregosa, que está enquadrado naquele tipo que a já citada Divisão de Pesquisa Pedológica classificou como "Brunizem Avermelhado"<sup>(19)</sup>. Estes Característicos edáficos, além do relevo movimentado aí dominante, dificultam a mecanização e, mesmo, a prática agrícola nas áreas em que aparecem solo "Brunizem Averdelhados". (Foto 1) .

A vegetação original do Norte Paranaense, (Tabela 1) a exemplo do que ocorria na maior parte do Estado, compreendia extensas áreas de matas, que recobriam porções consideráveis, além de campos, que somente podiam ser observados no início do Segundo Planalto ou , ainda, constituindo manchas isoladas no Terceiro Planalto. É o que se pode perceber da análise do Mapa da Vegetação do Paraná, (Figura 4) organizado por MAACK, que distinguiu diferentes tipos de formações vegetais com base em vários fatores, entre os quais aqueles decorrentes da temperatura, altitude e solo.

---

(19) Idem. Idem, pag. 122.

## COBERTURA VEGETAL PRIMITIVA DO ESTADO DO PARANÁ

Tipos	Área em Km <sup>2</sup>
Mata pluvial tropical-subtropical	94.044
Mata de araucária	73.780
Campos e campos cerrados	30.532
Vegetação das várzeas e pântanos	1.761
Vegetação das praias, ilhas, restingas e vegetação das regiões altas das serras	529
Área das baías com faixas de mangues	557
<b>TOTAL</b>	<b>201.203</b>

Fonte: Reinhard Maack, pags. 192-193

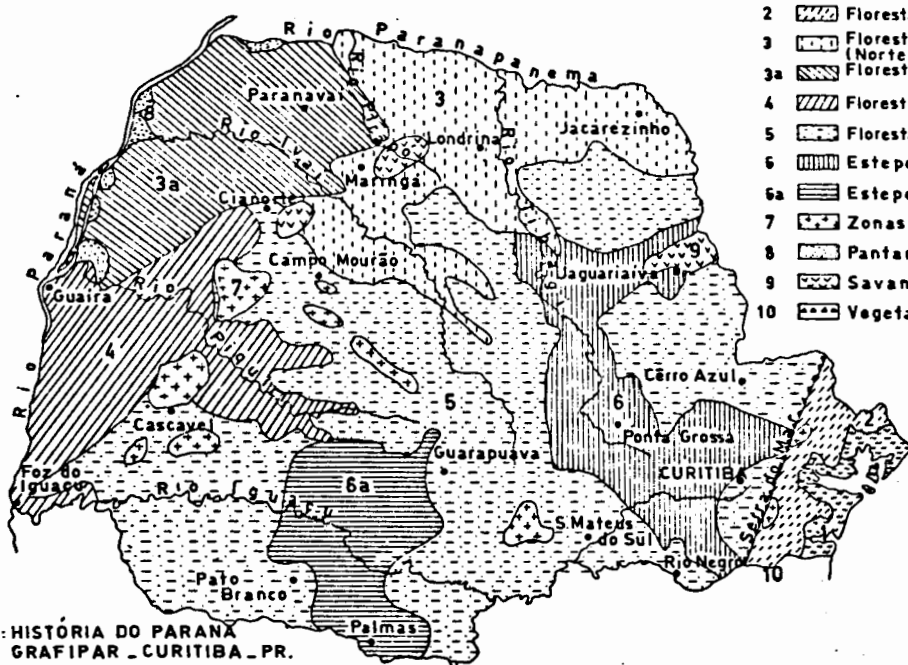
**TABELA 1**

ESTADO DO PARANÁ  
VEGETAÇÃO  
1.948

Organizado por Reinhard Maack, 1.948

LEGENDA

- 1 Vegetação prairieira e de mangue
- 2 Floresta pluvio-tropical do litoral
- 3 Floresta pluvio-tropical do interior (Norte)
- 3a Floresta pluvio-tropical menos exuberante (Nordeste)
- 4 Floresta sub-tropical
- 5 Floresta de Araucaria
- 6 Estepes (Leste)
- 6a Estepes (Sul)
- 7 Zonas principais da erva-mate
- 8 Pantanaís
- 9 Savanas
- 10 Vegetação das regiões altas



CONFORME: HISTÓRIA DO PARANÁ  
GRAFIPAR - CURITIBA - PR.

DES: MAKIE HATSUTA

ESCALA - 1:3.600.000

FIGURA 4

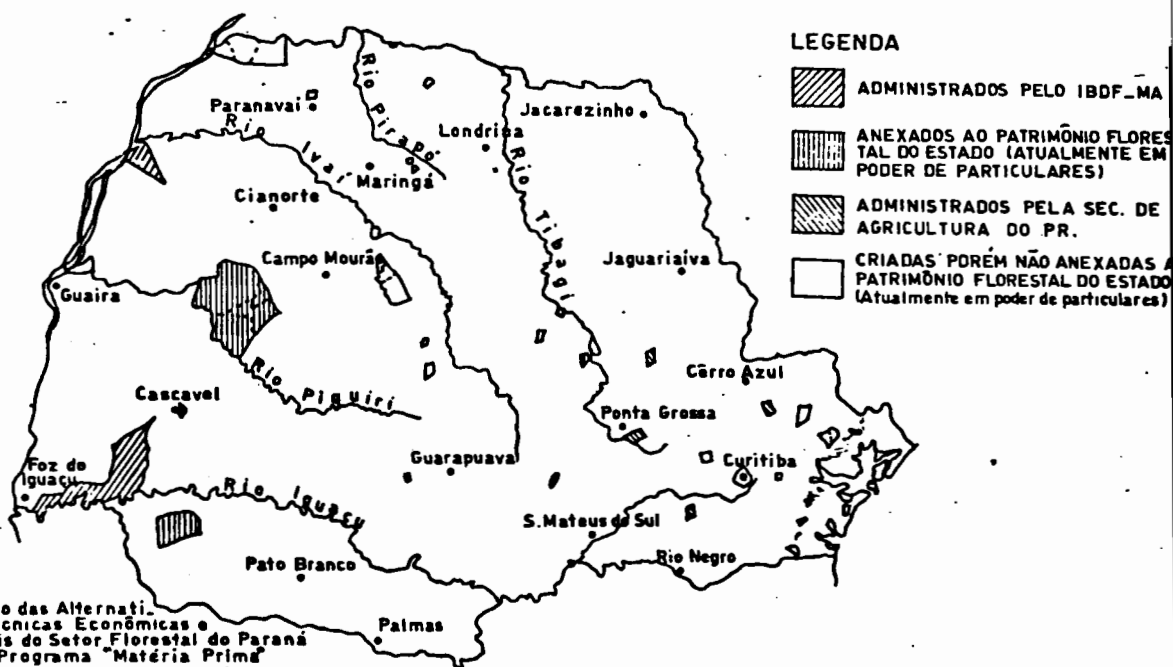
ESTADO DO PARANÁ  
ÁREAS OCUPADAS PELA AGRICULTURA E PECUÁRIA  
1940 - 1970

Ano	Agricultura área em ha	Pecuária área em ha
1940	364.370	2.043.482
1950	2.376.378	2.248.582
1960	3.440.921	2.694.028
1970	8.400.128	4.513.746
TOTAL	14.581.797	11.499.838

Fonte: Censo Agropecuário - 1970  
IBGE

TABELA 2

## PARQUES E RESERVAS FLORESTAIS DO ESTADO DO PARANÁ



DES: M. HATSUTA

FIGURA 5

A devastação das matas no Norte do Paraná foi muito intensa, em virtude do grande impulso imprimido à agricultura e à exploração madeireira. Deste modo a análise das áreas ocupadas pela agricultura e pela pecuária no Estado do Paraná, no período de 1940-1970, (Tabela 2) pode dar uma idéia da extensão devastada. Percebe-se ainda que a área ocupada pela agricultura em 1970, quase dobrou em relação ao decênio anterior; no mesmo período, situação semelhante ocorreu com a pecuária. (FOTO 2 e FOTO 3).

Desta forma, a Mata subtropical foi desaparecendo em função de diversos interesses econômicos: quer, para atender à crescente demanda de exportação, ou para alimentar as indústrias que dela necessitavam como matéria prima, quer para dar lugar à agricultura e pecuária, havendo, também, outras circunstâncias que ocasionaram seu desaparecimento, como incêndios e queimadas.

Convém lembrar que o maior ritmo de desmatamento ocorreu nas regiões Oeste e Noroeste do Estado, justamente em zonas ocupadas pelo arenito Caiuá, fato que concorreu para a existência de um problema quase insolúvel, que é o agravamento da erosão. Esse problema transformou antigas zonas cafeeiras em áreas de pastagens de baixa rentabilidade.

Uma das medidas adotadas para a preservação do



FOTO 2. Perobeira da Mata Latifoliada Tropical. Espécie que ainda predominava na região em 1935, quando foi derrubada para ceder lugar aos cafezais.





FOTO 3 . Aspecto da Mata Latifoliada Tropical. A direi  
ta podem ser observados alguns exemplares de  
palmito (*Euterpe Edulis*), hoje extinto na re  
gião. Esta foto, tirada em 1935, mostra, também,  
uma picada aberta em plena floresta.

que restava de vegetação foi a criação de Parques e Reservas Florestais que, todavia, não surtiu efeito pois, das trinta e cinco áreas criadas, poucas escaparam da invasão de particulares, enquanto que outras, nem mesmo foram anexadas ao patrimônio florestal público.<sup>(20)</sup> (Figura 5).

No que se refere ao Norte do Paraná, as poucas reservas existentes estão em poder de particulares e apenas uma pequena área, próxima à foz do Ivaí, é administrada pelo IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal)<sup>(21)</sup>.

Em 1980, no Norte do Paraná, apenas subsistiam algumas manchas de florestas (Floresta/Latifoliada Tropical e Floresta Aciculifoliada), em áreas reduzidas, além de cerrados e matas acompanhando alguns cursos d'água.

A Floresta Pluvio-Tropical do Interior<sup>(22)</sup> ou

---

(20) SUDESUL (Superintendência do Desenvolvimento do Sul):

"Estudo das Alternativas Técnicas Econômicas e Sociais do Setor Florestal do Paraná", 1974, pag.34.

(21) IBGE Censo Agropecuário , 1976 pag.

Floresta Latifoliada Tropical<sup>(23)</sup>, caracteriza-se principalmente pela multiplicidade de espécies; é exuberante, rica em epífitas e palmáceas, desenvolvendo-se em terras férteis do Segundo Planalto. Muito densa, esta floresta é constituída de indivíduos de porte elevado (25 - 30 m de altura) entre os quais aparecem com maior insistência, o pau-d'alho, (*Gallesia gorarema*) a peroba (*Aspidosperma polyneuron*), o pau-marfim (*Baltou rodendron Riedelianum*), a figueira branca (*Ficus Orga - nensis*) e a guarita.

Todavia, as características acima assinaladas que podem ser observadas em áreas de "terra-roxa", a apresentam modificações nas regiões onde predominam so los derivados do arenito Caiuá. Nestas porções, a Flores ta Latifoliada Tropical apresenta-se menos exuberante, com indivíduos de menor porte e, também, em menor número; além disso, escasseiam as espécies consideradas co mo padrão de terra boa, como o palmito (*Euterpe edulis*) a peroba (*Aspidosperma Polyneuron*) e a figueira branca (*Ficus Organensis*).

---

(22) MAACK, Reinhard . Obra citada pag. 210.

(23) Conforme ROMARIZ, Dora de Amarante. "Aspectos da Ve getação do Brasil", IBGE, Rio de Janeiro, 1974, pag. 10.

As áreas do Norte Paranaense recobertas pela Floresta Latifoliada Tropical foram, em grande parte, devastadas em função do cultivo do café. Em 1968, segundo MAACK, em todo o Estado do Paraná cerca de 60.928km<sup>2</sup> já haviam sido despojados da Floresta Plúvio-Tropical do Interior<sup>(24)</sup>. Em Jataizinho, a sua ocorrência atual está restrita somente aos vales e alguns rios.

Na Região Norte do Paraná, a Floresta aciculifoliada, ou Mata de Araucárias, aparece recobrendo porções do Segundo e do Terceiro Planalto, sobre os mais diversos tipos de solo, apesar de ser conhecida a sua preferência pelos sílico-argilosos. Sua presença parece estar associada às condições de altitude e, consequentemente, de clima. Na Mata de Araucarias ocorre um predomínio da "Araucária Angustifolia" que apresenta tronco sem ramificações até cerca de 25-30 m de altura, onde se abre a copa, na característica forma de taça. A predominância desta espécie, todavia, não caracteriza esta floresta como homogênea, pois a ela associam-se outras, como a imbuia, a erva mate ( *ilex Paraguaiensis*) e o cedro (*adrella fissilis* Vell). Por todo o Norte do Paraná, em razão do avanço do cafezais, foi notável a devastação da Mata de Araucárias.

---

(24) MAACK, Reinhard. Obra citada, pag.200.

Pouco resta da vegetação de campos cerrados que, outrora revestia pequenas áreas ao sul da região de Venceslau Brás, nas proximidades de Jaguapitã e Mirasselva. Atualmente, os campos cerrados, constituídos de as associações de árvores (baixas e altas), arbustos, ervas e gramíneas, ainda podem ser observados nas vizinhanças de São Jerônimo da Serra, em áreas dominadas por um clima subtropical, úmido, mesotérmico (Cfa)

As árvores dos cerrados apresentam troncos e galhos tortuosos e duros, casca grossa e porosa, folhas coriáceas e sistema radicular bem desenvolvido. Entre as espécies que aparecem com maior frequência estão o angico, o barbatimão, a carobinha do campo, a peroba do campo, jerivã, taquara, sapê, caxingui e barba-de-bode. (Aristides Pellens).

O clima do Norte do Parana apresenta caracte - rísticas que o individualizam, uma vez que "por ser de transição, difere tanto do que predomina nas regiões pau

---

(25) MÜLLER, Nice Lecocq - "Contribuição ao estudo do Norte do Paraná", em Boletim Paulista de Geografia, nº 22, março de 1956, pag. 58.

listas vizinhas, quanto do que caracteriza o restante do Terceiro Planalto Paranaense"<sup>(25)</sup>. Além disso, o Norte Paranaense está localizado numa zona de contato entre as Massas de ar Tropical Atlântica (Ta) e Equatorial Continental (Ec). A primeira possui grande importância para esta região porque é ela, que, atuando no decorrer do ano, determina a sucessão sazonal, como se fosse um anti-ciclone semi-fixo<sup>(26)</sup>. "No verão, quando a Tropical Atlântica se desloca para Leste, toma seu lugar a Massa Equatorial Continental que, atraindo os ventos alísios do hemisfério Norte, que aí chegam quentes e úmidos, é animada de forte movimento de convecção, instalando um regime climático de tipo equatorial, com fortes aguaceiros e perturbações atmosféricas<sup>(27)</sup>.

Devido as alternâncias das massas de ar, o regime de chuvas (Figura 6) apresenta-se com um período úmido no verão, dada a predominância de Ec e um de secas, no inverno, seguindo-se a instalação de Ta<sup>(28)</sup>. Também as grandes escarpas que delimitam o Segundo e Ter

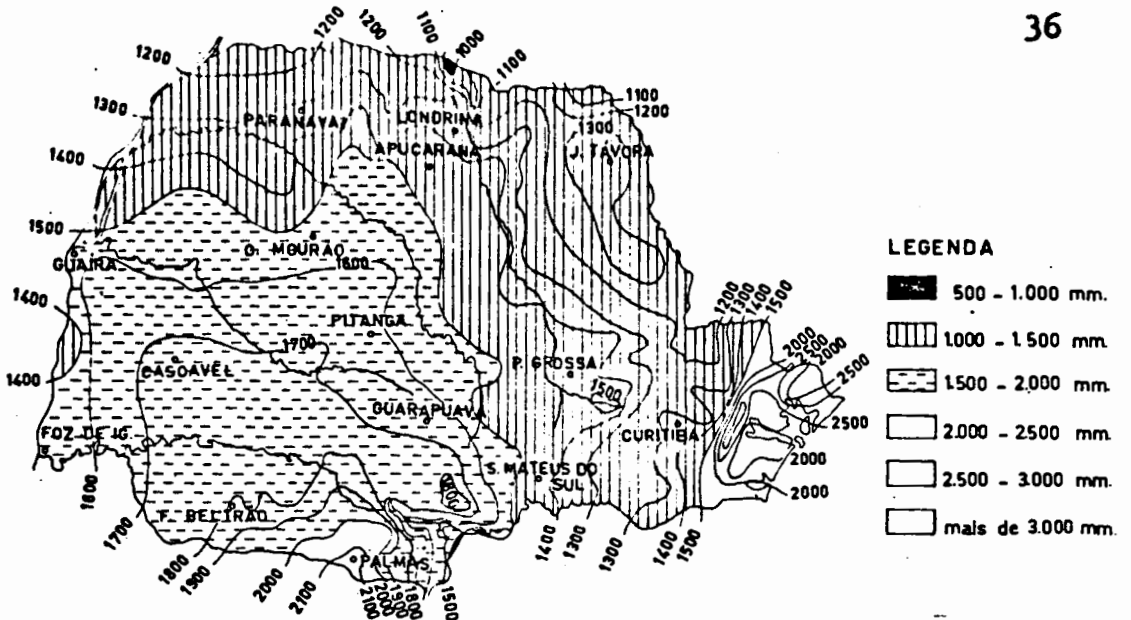
---

(26) Idem. Idem, pag. 58

(27) Idem. Idem, pag. 58

(28) Idem. Idem, pag. 58

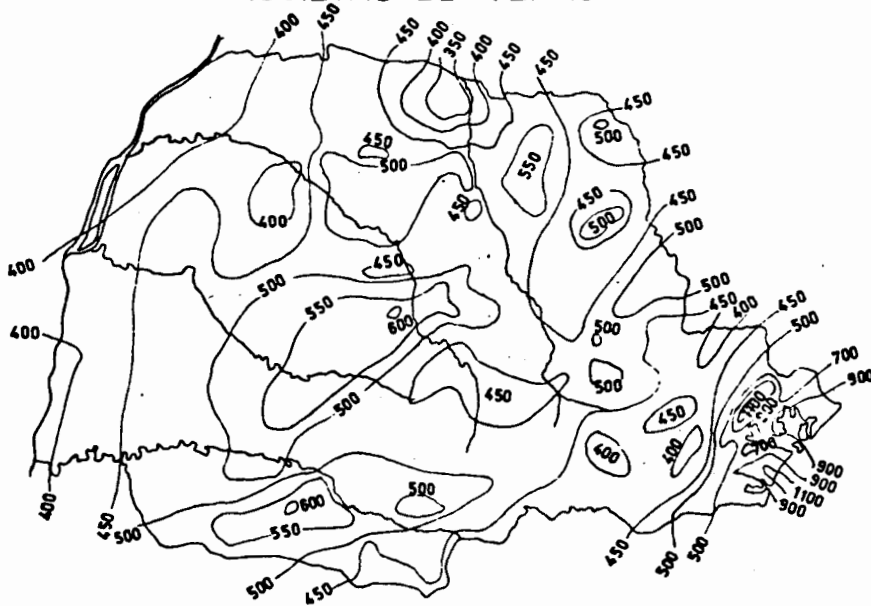
(29) MAACK, Reinhard. Obra citada, pag. 152.



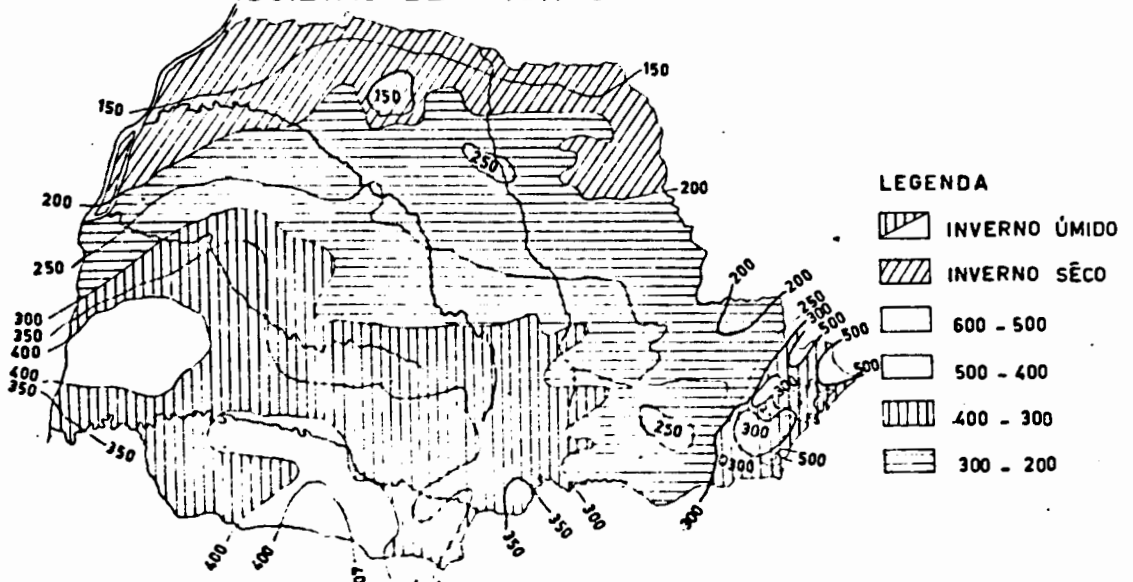
LEGENDA

- 500 - 1.000 mm.
- 1.000 - 1.500 mm.
- 1.500 - 2.000 mm.
- 2.000 - 2.500 mm.
- 2.500 - 3.000 mm.
- mais de 3.000 mm.

ISOIETAS DE VERÃO



ISOIETAS DE INVERNO



LEGENDA

- INVERNO ÚMIDO
- INVERNO SECO
- 600 - 500
- 500 - 400
- 400 - 300
- 300 - 200

ESCALA: 1:3 600 000

FONTE: DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TERRAS E COLONIZAÇÃO

FIGURA 6

ceiro Planaltos influem na distribuição das chuvas, pois forçam a precipitação dos ventos marítimos úmidos que sopram de Leste, Nordeste e Sudeste, como alísios desviados pela Serra do Mar<sup>(29)</sup>. Disto resultam precipitações mais abundantes (índices anuais superiores a 170 mm) nas áreas localizadas logo após as escarpas do planalto basáltico, enquanto que, nas localidades situadas mais para o interior (como é o caso de Jataizinho), os valores decrescem para 1.200-1.400mm).

Deve ser destacado ainda que, no Norte do Paraná, nem sequer as áreas próximas às nascentes foram poupadas pela devastação que atingiu as matas, fato que contribuiu para alterar o regime pluviométrico, tornando-o mais irregular, com períodos de chuvas abundantes, ou de escassez.

A análise das médias pluviométricas de Londrina<sup>(30)</sup> no período de 1956 - 1975, (Tabela 3) mostra que, nesta localidade, assim como ocorre em todo o Norte paranaense, as chuvas aparecem mais concentradas no verão (dezembro-março). Nesta época, registram-se índices superiores a 100 mm, verificando-se o máximo em ja

---

(30) Londrina está localizada a cerca de 28 km de Jataizinho e, também, no Terceiro Planalto.



neiro (242mm). As chuvas prolongam-se pelo outono (março junho), diminuem no inverno (junho-setembro), alcançando o mínimo em agosto (55mm). Novamente aumentam a partir de outubro, já na primavera (setembro-dezembro), até a atingir o máximo no verão. Janeiro (15 dias) detém o maior número de dias de chuvas, enquanto que em julho e agosto (5 dias) registram-se os mínimos.

Jataizinho, que está localizado na área menos chuvosa do Estado (cerca de 1287mm anuais), segue o mesmo esquema geral, do Norte do Paraná; apresenta um alto índice de pluviosidade nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, meses de verãc. Pode-se observar também o mesmo fenômeno no mês de outubro; porém, o mês mais chuvoso é janeiro, com a média mensal anual de 188 mm, entre o período de 1958 - 1975.

Comparando as médias mensais pluviométricas entre Londrina e Jataizinho, nota-se uma diferença significativa, que poderá ser explicada pela altitude.

Os meses que apresentam o mais baixo índice de pluviosidade são julho, agosto e setembro, sendo a média pluviométrica do mês mais chuvoso (julho) em Jataizinho (38mm) e, em Londrina, é agosto (55mm); estes fenômenos das estiagens hibernais, cada vez mais extensas, são re

MÉDIAS TÉRMICAS E PLUVIOMÉTRICAS DE LONDRINA  
1956 - 1975

Meses	Temperatura-C°	Chuvas
	Média	Total mm/dias
Janeiro	23,8	242
Fevereiro	23,7	180
Março	22,9	117
Abril	20,8	134
Maió	17,7	93
Junho	16,6	91
Julho	16,6	62
Agosto	18,5	55
Setembro	20,3	87
Outubro	20,9	189
Novembro	22,8	134
Dezembro	23,2	220
ANO	20,6	1.604

Fonte: Cotação Meteorológica do Aeroporto, 7º Distrito  
de Meteorologia - MA - SP

TABELA 3

MÉDIAS TÉRMICAS E PLUVIOMÉTRICAS DE JATAIZINHO  
1958 - 1975

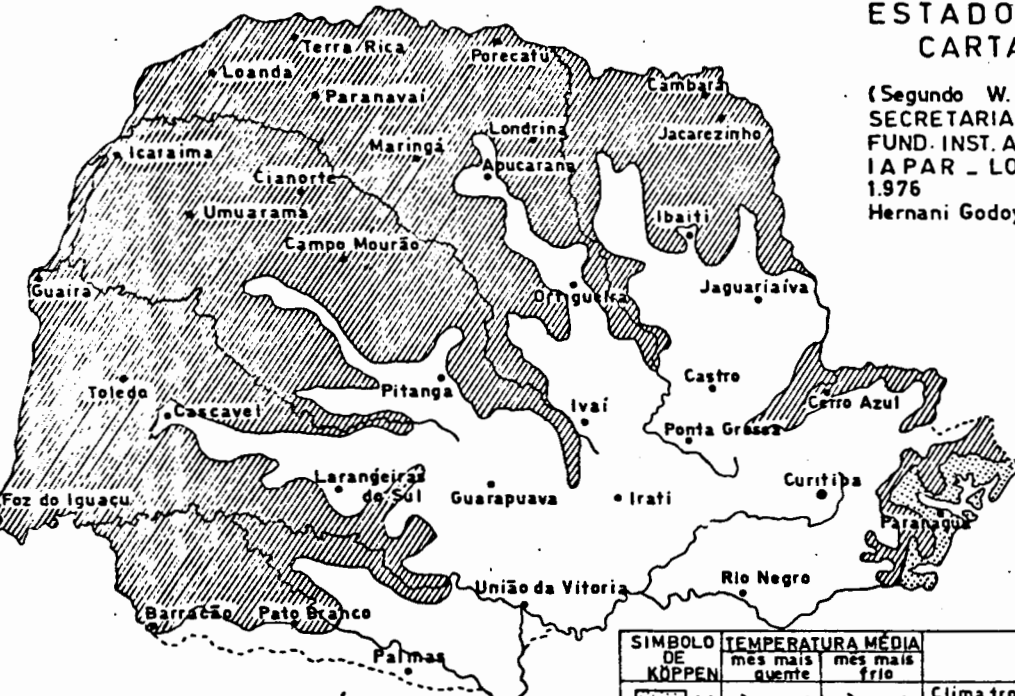
Meses	Temperatura-C°	Chuvas
	Média	Total mm/dias
Janeiro	24,8	188
Fevereiro	24,9	157
Março	23,8	85
Abril	21,6	106
Maiο	18,4	73
Junho	17,1	73
Julho	17,2	38
Agosto	19,1	47
Setembro	20,6	66
Outubro	22,2	160
Novembro	23,6	127
Dezembro	24,2	167
ANO	21,5	1.287

Fonte: Hernani Godoy, "Manual Agropecuário para o Paraná", Instituto Agrônomico do Paraná - IAPAR, 1976 p.19

TABELA 4

## ESTADO DO PARANÁ CARTA CLIMÁTICA

(Segundo W. Köppen)  
SECRETARIA DA AGRICULTURA  
FUND. INST. AGRONÔMICO PARANÁ  
IAPAR - LONDRINA  
1.976  
Hernani Godoy      Antonio Rezende Correia



FONTE: MANUAL AGROPECUÁRIO  
PARA O PARANÁ - IAPAR  
-1.976

Des: Makie Matsuta  
ESCALA - 1:1.000.000

SIMBOLO DE KÖPPEN	TEMPERATURA MÉDIA		CARACTERÍSTICAS
	mes mais quente	mes mais frio	
Af	> 22° C	> 18° C	Clima tropical, super-úmido, sem estação seca isento de geadas.
Cfb	< 22° C	< 18° C	Sub-tropical, super úmido, mesotérmico, com verões frescos e geadas severas demasiadamente frequentes, sem estação seca
Cfa	> 22° C	> 18° C	Sub-tropical úmido, mesotérmico, verões quentes, geadas menos frequentes, com tendência à concentração das chuvas nos meses de verão acima do paralelo 24° S sem estação seca.

FIGURA 7

gistradas nos trabalhos apresentados por MAACK<sup>(31)</sup>, no Norte do Paraná, em consequência do desaparecimento da Mata pluvial.

No que diz respeito às temperaturas, o Norte do Paraná detém as médias anuais mais elevadas de todo o Estado (22,5°C). Em Londrina, no período de 1956-1975, as temperaturas médias mensais atingiram 23,8° C no verão (dezembro-março), sendo janeiro o mês mais quente; no inverno, as médias térmicas mensais decresceram para 16,6°C, com os mínimos em junho e julho.

Em Jataizinho, no período compreendido entre 1958 a 1975, as temperaturas médias mensais atingiram a 21,5°C, sendo que no verão as médias térmicas mensais, como em toda região do Norte paranaense, foram as mais elevadas e, o mês mais quente verificou-se em fevereiro com 24,9°C. A partir do mês de março, já com a chegada do outono, as temperaturas médias começam a diminuir gradativamente, até o mês de julho, com as mínimas temperaturas médias registradas no mês de junho, com 17,1°C.

---

(31) MAACK, Reinhard - "Notas preliminares sobre as águas do sub-solo da Bacia Paraná-Uruguaí", Comissão interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí, Curitiba, 1970, pag. 43.

De modo geral, em todo o Norte Paranaense registram-se fortes e bruscas quedas de temperatura "ocasionadas por incursões de anticiclones móveis escapados da Massa Polar Atlântica (Pa), muitas vezes reforçadas por contribuição da Massa Polar Pacífica (Pp). Estas massas de ar penetram na região pelos vales dos rios, tanto mais quanto maior for o afastamento da Massa Tropical Atlântica (Ta)"(32).

A principal consequência destes bruscos abaixamentos térmicos é a ocorrência de geadas ("branca e preta") que se revestem de grande significado nesta região, em virtude da cultura do café. A geada "branca", que ocorre principalmente no inverno, atinge os vales e depressões que, por isso, são evitados pelos cafeicultores que procuram terrenos ensolarados, situados acima das meias encostas. Diversamente da geada branca, que resulta de resfriamento local em consequência da inversão da temperatura, a "preta", acontece em decorrência do avanço da Frente Polar estando, portanto, relacionada às condições de circulação atmosférica geral. Na geada "preta", a umidade não evaporada das plantas, fica sujeita à brusca queda de temperatura e congela, aniquilando os vegetais.

A geada "preta", embora menos comum, causa maiores danos às culturas pois, além de ser mais intensa ,

nenhuma medida pode ser tomada em defesa delas, porque é o próprio ar que apresenta temperaturas negativas e não apenas as superfícies expostas, como se verifica na geada "branca"(33).

Em 1955, no Norte do Paraná, a geada atingiu proporções catastróficas: devastou 100% das plantações novas e 240 milhões de pés mais velhos que estavam em produção(34). Em Jataizinho, em julho do mesmo ano, a geada destruiu 99% dos cafeeiros de 1 a 3 anos, 84% daqueles acima de 4 anos, num total de 12.686.800 pés de café (35).

De um modo geral, ocorre no Norte do Paraná, uma predominância do clima do tipo Cfa; é o que se percebe através do exame da Carta Climática do Estado do Paraná, (Figura 7) elaborada <sup>em 1976,</sup> pelo IAPAR (Fundação Instituto Agrônomo do Paraná, com base no sistema do KÖPPEN. Este tipo de clima caracteriza-se por ser sub-tropical úmido, mesotérmico, com verões quentes, geadas menos frequentes, com tendência a concentração das chuvas nos meses de ve

(32) MÜLLER, Nice Lecocq. Obra citada, pag.60.

(33) Idem.Idem, pag.60

(34) MAACK, Reinhard. Obra citada, pag.104.

(35) Idem.Idem, pag. 119.

rão acima do paralelo 24°C, sem estação seca, sendo que a média do mês mais quente é superior a 22°C e a do mês mais frio, superior a 18°C.

Todavia, a classificação Climática do Estado do Paraná, organizada por HOLZMANN e, também, baseada no sistema de KÖPPEN, distingue, além do Cfa, o tipo Cwa que ocorre no extremo Setentrião do Norte paranaense. Esta modalidade é do tipo mesotérmico úmido, com estiagem no inverno e temperatura do mês mais quente, também superior a 22°C. (36).

Jataizinho, apesar de estar enquadrado na faixa climática correspondente ao clima Cfa, que abrange todo o Norte do Paraná e estende-se ainda em direção a Oeste e Sudoeste paranaense. Caracteriza-se por apresentar temperaturas médias mensais do mês mais quente superior a 23°C e as médias mensais do mês mais frio superior a 17°C. Estas variações, às vezes bruscas, durante as estações, vão refletir na produtividade agrícola, principalmente, se as plantas estiverem no período de crescimento.

Sendo assim, o clima inter-relacionado a ou

---

(36) Levantamento de Reconhecimento dos solos do Nordeste do Estado do Paraná, pag.21.



tros aspectos físicos, como o solo, a vegetação e o relêvo, foram imprescindíveis, no que concerne ao processo de ocupação da área pesquisada e sua região.

Estas bases físicas serviram de suporte para oferecer subsídios às implicações referentes a cada atividade econômica desenvolvida. Como em Jataizinho, além da atividade agrícola, há a participação da atividade Oleira, que depende da matéria prima local <sup>retirada dos</sup> SOLOS aluvionais (argilas), ocupando áreas ao longo de alguns ribeirões, atividade esta que vem de longos tempos. Assim, os aspectos geomorfológicos, também foram responsáveis pela acomodação do habitat rural e da sua infra-estrutura, pois, à medida que se dava o avanço das frentes pioneiras motivadas pelo café, procuravam os espigões e meias-encostas, em função do fator climático.

Decorrentes das condições, físicas favoráveis enfatizando a posição geográfica, esta sempre foi uma área de interesse, que <sup>o</sup> pode ser comprovado pelas primeiras tentativas, através da ocupação oficial do Norte do Paraná, na segunda metade do século XIX, com a criação da Colônia Militar da Nossa Senhora da Conceição do Jatay e nos fins do Século XX com a ocupação civil, tendo por força propulsora o café.

Percebe-se, hoje, que fatores da ordem física

permitiram rapidez de viabilização e sucesso nos empreendimentos imobiliários trazendo conseqüências sobre todo o sistema social e produtivo que se implantou, em todo o Norte Paranaense, persistindo até o presente.

2.2. O processo de ocupação do espaço. O Norte do Paraná, assim como toda a porção sul brasileira, permaneceu desconhecido durante longos anos, pois a Métrópole tinha interesses por outras áreas do Brasil, como o Nordeste, o Planalto Central e o Sudeste em função da Cana-de-açúcar e da mineração.

O povoamento do Norte Paranaense remonta ao início do século XVII, quando esta região, pertencia à Província de Guaíra e era domínio espanhol. Nesta área, com o conhecimento e o apoio dos governantes da Espanha, os Jesuítas criaram reduções com o objetivo de reunir e catequizar os índios guaraníes<sup>(37)</sup>. Por volta de 1610 existiam no Paraná, treze reduções que tinham sido criadas através

---

(37) MÜLLER, Nice Lecocq. Obra citada, pag.71.

de uma Carta Régia de Felipe III com a finalidade de evitar uma suposta invasão do domínio espanhol pelos portugueses. Este esboço de povoamento, distribuído ao longo dos vales dos rios Paranapanema, Iguaçu e Tibagi, resistiu até fins do século XVII, quando as reduções foram aniquiladas pelos bandeirantes que conquistaram a região. Apenas algumas ruínas ainda existentes no vale do Ivai (Vila Rica e Jesus Maria) e no Vale do Paranapanema (Loretto e Santo Inácio) denunciam esta primeira tentativa de povoamento<sup>(38)</sup> do Norte Paranaense.

Por ter perdido o único atrativo que possuía, **isto é, o elemento indígena, o Norte do Paraná permaneceu** abandonado durante o século XVIII; apenas passavam por ali as tropas de burros que, vindas do Rio Grande do Sul, buscavam atingir as áreas de mineração de Minas Gerais<sup>(39)</sup>.

Em 1770, o Norte do Paraná aparece na "Carta Chorográfica dos ditos sertões do Tibagy e Ivay<sup>7</sup>, como parte dos sertões que se estendem no rumo Oeste, além dos rios Tibagi e Ivai (Figura 8). Sabe-se que o Governador da

---

(38) Idem. Idem, pag. 71.

(39) Idem. Idem, pag. 71.



Capitania de São Paulo (1765 - 1782), D. Luís Antonio de Souza Botelho Mourão - o Morgado de Mateus, planejou a ocupação desta área paranaense e para lá enviou expedições conquistadoras. Esta tentativa, entretanto, parece ter sido infrutífera porque os índios Coroados que ali viviam, revelaram-se hostís a tal penetração.

Na metade do século XIX ocorreu uma retomada da colonização no Norte Paranaense. Em 1520, a Fazenda Fortaleza<sup>(40)</sup> verdadeira "boca-do-sertão" localizada nas proximidades da atual cidade de Castro era o núcleo de povoamento mais próximo das terras ocupadas pelos índios. Nessa época, a mão-de-obra utilizada nesta fazenda era constituída de negros escravos e índios<sup>(41)</sup> que, além das atividades agro-pecuárias, estavam empenhados no extrativismo mineral, principalmente de ouro e diamantes, encontrados no Cascalho do Tibagi. Foi assim, que este rio passou a ser veículo de penetração para o Norte Paranaense. Das principais incursões, resultou um povoamento incipiente <sup>que,</sup> a princípio se instalou às margens do caminho que li

---

(40) SAINT-HILAIRE, auguste de - " Viagem à Comarca de Curitiba - 1820" , Editora Nacional, São Paulo, 1964, pag.60.

gava esta área ao centro-oeste brasileiro.

O interesse pelo Norte do Paraná aumentou, a partir de 1847, quando as autoridades governamentais iniciaram estudos nos rios Tibagi, Paranapanema, Paraná e Samambaia visando aproveitá-los para um sistema de navegação ligando as Províncias de Mato Grosso e Paraná e que deveria estender-se até à bacia do Paraguai. Esta idéia concretizou-se, pelo que se pode perceber através da leitura do Relatório do Presidente da Província do Paraná, em 1865, que dá notícia sobre a viagem inaugural da navegação a vapor no rio Paraná. Neste mesmo relatório, são ressaltadas as vantagens deste sistema de navegação fluvial, por ser este Estado, pobre em recursos e, além disso, porque era impraticável uma via terrestre pois ali existiam extensas léguas de "sertão deserto e de terras imprestáveis para rodagem" (42).

Ainda em meados do século XIX, demonstrando interesse pela abertura de uma via terrestre que ligasse os Campos Gerais ao Mato Grosso, o Barão de Antonina mandou abrir uma picada que, atingindo o rio Tibagi em

---

(41) Idem. Idem, pag. 65.

(42) Relatório do Presidente da Província do Paraná (manuscrito), 1865.

ponto navegável, pudesse alcançar o porto de Jatai, que estava localizado na embocadura desse rio. Esta via terrestre, serviria, além disso, para facilitar o transporte de tropas nacionais, em caso de necessidade. Foi também o Barão de Antonina que lutou para obter meios para a fundação de uma colonia militar, no ponto em que terminava a já mencionada picada<sup>(43)</sup> e, para a exploração desta zona, contou com a colaboração do sertanista Joaquim Francisco Lopes que, mais tarde, seria o diretor do Aldeamento de São Pedro de Alcântara.

Para a instalação da Colonia Militar foi escolhida uma área estratégica, à margem direita do rio Tibagi, que se estendia desde o rio Jatai e alcançava terrenos situados um pouco além do ribeirão Jacutinga. A través do Decreto 751 de 22 de janeiro de 1851, foi criada a Colonia Militar do Jatai a cerca de 12 léguas de distância da embocadura do rio Tibagi. A colonia entretanto, só ficou de fato constituída em 1855<sup>(44)</sup>.

---

(43) IBGE. "Enciclopédia do Municípios Brasileiros" Vol. XXXI, Rio de Janeiro, 1959, pag.283.

(44) Vários autores - "Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná", Edanee, São Paulo, 1975, pag.224.

(45) MÜLLER, Nice Lecocq. Obra citada, pag.71.



A Colonia Militar do Jatai (Figura 9) deveria "estabelecer ligação com Mato Grosso, agindo como posto militar avançado de proteção desta vasta área então ameaçada pelo ditador paraguaio Solano Lopez"<sup>(45)</sup>; consta ainda que serviria para o registro da cobrança do pedágio para o ocidente<sup>(46)</sup>. Deste modo, a colonia militar do Jatai fiscalizaria o trânsito de tropas e mercadorias que seguem para o Mato Grosso e Paraguai<sup>(47)</sup>. Todavia, no que se refere a ser mantido nessa colonia um entreposto de cargas, surgiram considerações contrárias, como aquelas que podem ser percebidas no Relatório de PITANGA<sup>(48)</sup> e que foram referendadas no Relatório do Presidente da Província<sup>(49)</sup>; ambos, mostram a impraticabilidade dessa intenção em virtude das difíceis condições de comunicação por via terrestre, não só de Jatai com outras províncias, mas, também, desta com a do próprio Paraná.

---

(46) "Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná", pag. 224.

(47) Idem, pag. 224.

(48) PITANGA, Epiphânio, Candido de S. - "Reconhecimento do Estado da Estrada da cidade de Antonina à Colonia Militar do Jatai" em Revista Itinerário 1858, pag. 587.

(49) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1865, pag. 48.

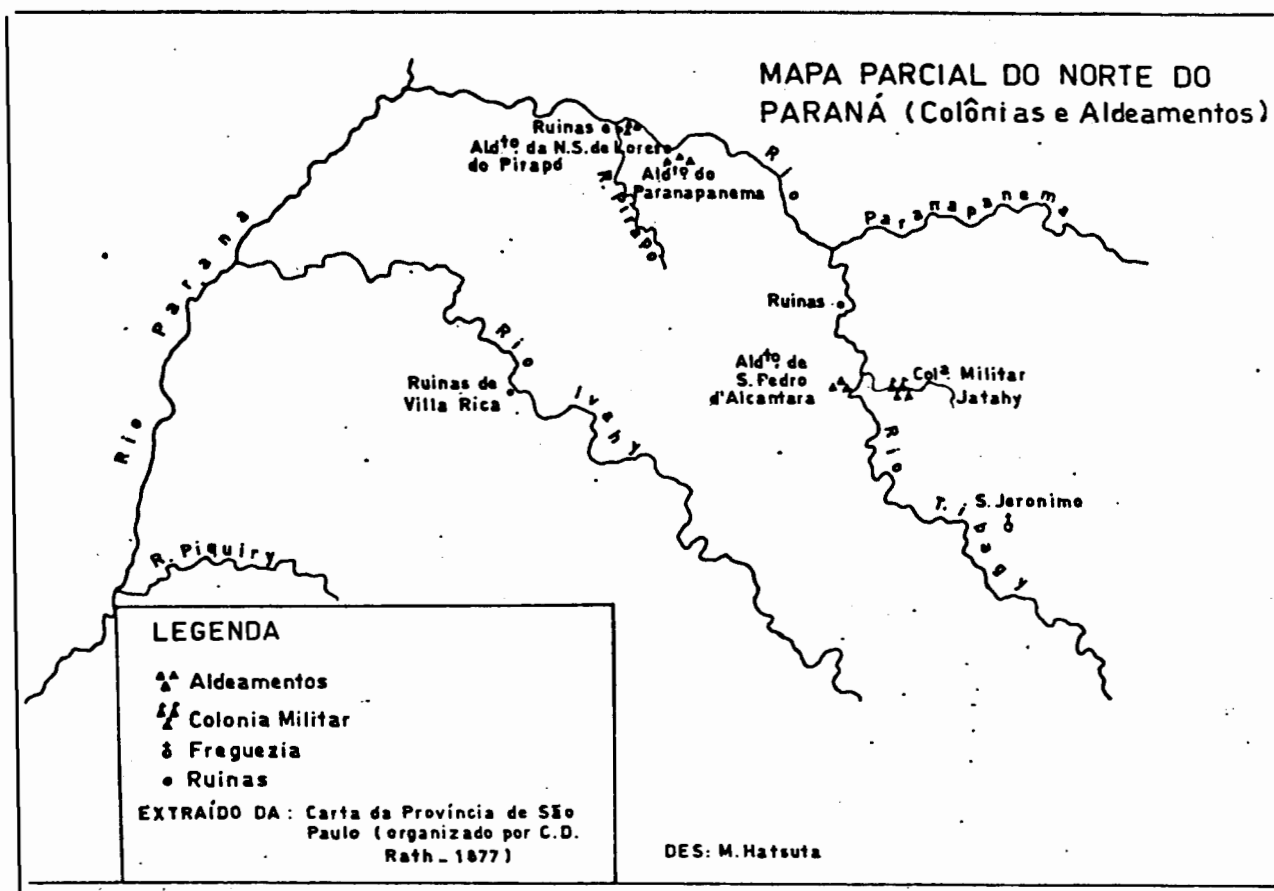


FIGURA 9

Deve ser lembrado, entretanto, que, assim como acontecia em todas as outras colônias militares do Brasil, o indivíduo deveria ser agricultor e soldado. Desse modo, a Colônia Militar de Jatai, que de militar só tinha o nome, desde o início esteve voltada para as atividades agrícolas.

Assim, logo após a promulgação do citado Decreto de 1851, o Barão de Antonina, autorizado pelo Governo Imperial, recrutou portugueses para as colônias de Brilhante, Nioas (Figura 10) e, também, para a de Jatai (50); nessa mesma época, foi-lhe concedida a subvenção de 27:470\$00 (vinte e sete contos e quatrocentos e setenta mil réis) para fazer frente aos gastos com a recepção, transporte e primeiras despesas dos colonos (51).

A primeira medida tomada pelo Barão de Antonina foi a de mandar abrir roças para prover os colonos de gêneros de primeira necessidade. Um dos primeiros a se estabelecer na Colônia Militar de Jatai foi o sertanista Joaquim Francisco Lopes, juntamente com alguns camaradas e africanos (52).

---

(50) Relatório do Ministério do Império, 1855, pag.32

(51) Idem. Idem, pag.7.

(52) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1862, pag.57



FIGURA 10

É interessante observar entretanto, que o primeiro diretor nomeado para a colônia militar, o Major reformado do exército, Thomaz José Muniz, que ali chegou em fins de 1854, ficou decepcionado porque encontrou apenas meia dúzia de indivíduos provenientes de Faxina<sup>(53)</sup> (Província de São Paulo). Assim, na falta de ordens e de instruções, Thomaz José Muniz, regressou para o Rio de Janeiro para aguardar deliberações do governo.

Em razão dos constantes ataques de gentios à Colônia do Jataí, o Barão de Antonina solicitou a ajudado Clero e conseguiu o auxílio do Capuchinho Frei Timóteo de Castelnuovo; este, ao chegar, em fins de 1854<sup>(54)</sup>, assinou a "presença de 78 indízenas, cujo número, daí a quatro dias, elevava-se a 109, com a chegada de mais 31 indivíduos<sup>(55)</sup>. ( FOTO 4).

Em 1855, na margem esquerda do rio Tibagi, de

---

(53) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1856, pag.50.

(54) ORLEANS, Casimiro M. de (Frei) - " Pai dos Coroados" Tipografia Roesner, Curitiba, 1975, pag. 75.

(55) Idem. Idem, pag. 60

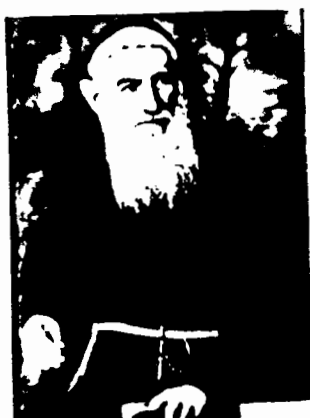


FOTO 4. Frei Timóteo de Castelnuevo, da ordem dos Capuchinhos, Diretor do Aldeamento Indígena de São Pedro de Alcântara também chamado "Pai dos Coroados". Tendo chegado a Jataí em fins de 1854, muito fez para que se efetivasse a ocupação daquela área.

fron<sup>te</sup> à Colônia Militar, foi instituída, oficialmente, o Aldeamento de São Pedro de Alcântara com o objetivo de reunir a população civil, entre os quais estava um grande número de indígenas que haviam sido dispersados pelos paraguaios; ao todo, viviam no aldeamento 340 indivíduos: "o padre diretor; um administrador; um mestre ferreiro; um dito carpinteiro; um dito telheiro; dois camaradas; um intérprete; 32 escravos; 300 índios, no termo médio, visto ser variável o seu número"<sup>(56)</sup>. Além disso, para os primeiros trabalhos em São Pedro de Alcântara, foram colocados à disposição de Frei Timóteo, a pedido seu, 30 africanos da Fábrica de Ferro do Ipanema, em São Paulo<sup>(57)</sup>.

Desta forma concretizava-se a ocupação desta área que já contava com algumas habitações e oficinas : "uma casa para o diretor, uma pequena capela, um paiol, uma pequena casa para o feitor, uma ferraria, uma olaria, diversas senzalas para os pretos e cabanas para os

---

(56) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1856, pag.61.

(57) Relatório da Repartição Geral das Terras Públicas , 1855, pag.34.

índios"(58), sendo que todas as casas eram cobertas de telhas. Na Colonia Militar de Jatai, entretanto o processo era mais lento, pois ao regressar do Rio de Janeiro em agosto de 1855, o Major Tomaz José Muniz encontrou 28 indivíduos engajados e, entre eles o capitão interino Frei Matias de Gênova, companheiro de Frei Timóteo.

Todavia, embora algumas <sup>vezes</sup> Frei Timóteo destacasse as qualidades do solo, registra também, a ocorrência de geadas e secas que prejudicavam a lavoura; assim, a população do aldeamento e da colonia não produzia, nessa época, sequer o necessário para sobreviver.

Esta situação era agravada por atos de hostilidade dos indígenas como, por exemplo, o ocorrido em 1854, quando os Caiuás, aldeados em São Pedro de Alcântara e os Terena, vindos de Mato Grosso, arrasaram a roça e, deste modo, esmoeceram os ânimos da população que precisou, mesmo, lutar contra a fome.

Entretanto, nos anos seguintes a situação pa

---

(58) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1856



rece ter melhorado na região, pois na Colonia do Jatai, a colheita da mandioca e do milho superou as necessidades da população, tanto que os colonos puderam vender o excedente de farinha para a expedição do sertanista Joaquim Francisco Lopes. O Relatório de 1858, sem fazer restrição alguma ao clima, ressalta as boas condições do solo, pois a colonia produzia arroz, mandioca, cana-de-açúcar, feijão, milho e batata doce de excepcionais qualidades. A criação de animais, entretanto, era reduzida.

Nessa época, na colonia do Jatai, havia cerca <sup>de</sup> 13 casas, cobertas de telhas, para os dirigentes, e 19 cobertas de palha para camaradas, africanos e índios (59).

Em 1856, a maior parte dos colonos do Jatai não tinha a necessária aptidão para os trabalhos: uns por velhice, outros por defeitos físicos e outros, ainda, por indolência. Nesta época, a colonia, exceção feita ao comandante, compunha-se de paisanos chamados operários agrícolas (60). Em fins desse ano o aspecto geral da colonia era desanimador, pois além do pequeno número de operários apresentava ainda imensas dificuldades de comunicação. Em fins de 1867 era tão grande o abandono

---

(59) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1858, pags. 84-85.

das estradas que a colonia se viu ameaçada de ter completamente cortadas suas relações com o interior da província.

No que diz respeito à produção de São Pedro de Alcântara, percebe-se que progredia, tendo registrado excelentes colheitas no ano de 1857, apesar de " muita chuva e de um pássaro à semelhança do chupim que persegue as roças<sup>7</sup>". Não falando dos canaviais e dos mais pertencentes aos índios e aos africanos, diz o diretor que foram plantados 22 alqueires de milhos, quatro de feijão e 5 de arroz e preparado um pasto de gramado<sup>(61)</sup>.

Percebe-se assim que era intenção do dirigente do aldeamento de São Pedro de Alcântara, incentivar a agricultura, não só a de subsistência, mas, também, a comercial, assim como a pecuária, contribuindo desta maneira para fixar o homem à terra.

Ao assumir a direção da Colonia Militar em 1859, o Major Bento Marcolino apenas assinalou a deca -

---

(60) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1858, pag.58.

(61) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1858, pag.77.

dência que ali se verificava. As construções ruíam, os instrumentos estavam imprestáveis e ali habitavam apenas 157 indivíduos. Dos 23 operários que ali existiam, ficaram apenas 5. Sem produção e sem reserva de mantimentos, para o pessoal da Colônia, o novo diretor precisou pedir proteção aos aldeamentos de São Pedro de Alcântara e de Pirapó localizado às margens do Paranapanema.

O Major Avena, embora tentasse reorganizar as plantações, não conseguiu sucesso, sendo substituído por Tomaz José Muniz que, pela segunda vez, dirigia a Colônia. Lá chegando em 1862 fez uma nova tentativa de reativar a agricultura. Para tanto, conseguiu vários instrumentos, pessoal e animais: "40 foices, igual número de machados, duas bestas para condução de cargas, um feitor, um carpinteiro e um oleiro para fazer funcionar a olaria que mandara reedificar<sup>(62)</sup>.

Mais uma vez, apesar dos esforços, as condições climáticas não foram favoráveis; as chuvas ou as secas dificultavam a produção de cereais que não bastavam para suprir as necessidades locais. Em fins de 1862,

---

(62) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1869, pag.60.

com a exoneração do Major Muniz, assume a direção da colonia militar o Capitão Vicente Antonio Rodrigues Borba, que procurou reconstruir algumas edificações e cuidou da agricultura, queixando-se das chuvas que reduziram as plantas a menos da metade<sup>(63)</sup>.

Em 1864, desencadeia-se a Guerra do Paraguai e tem início a mobilização nas províncias limítrofes. Na do Paraná, o então Presidente Joaquim do Carmo já mandara reforçar as guarnições das fronteiras e designara o militar Vicente Antonio Rodrigues Borba para comandar a Colônia do Jatai<sup>(64)</sup> e Telêmaco Augusto Morçino Borba para dirigir o aldeamento de São Jerônimo.

As tropas brasileiras utilizavam a Colô<sup>nia</sup> Militar como posto de abastecimento pois, Jatai era, por ocasião da Guerra do Paraguai, o centro de operações mais próximo da frente inimiga<sup>(65)</sup>.

---

(63) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1869, pag.61.

(64) VARGAS, Túlio - " O Indomável Republicano", Instituto Assistencial de autores do Paraná, Curitiba, 1970, pag.52.

(65) ORLEANS, Casimiro M.de (Frei) Obra citada, pag.80.

Objetivando a fixação definitiva do homem nos aldeamentos indígenas de São Pedro de Alcântara e de São Jerônimo, o governo tomou várias medidas como a venda de terras a longo prazo e a sub-divisão de áreas extensas que seriam distribuídas, gratuitamente, a indivíduos que pretendessem povoar aqueles sertões. Para a realização desta medida, foram concedidos "lotes de 500 braças<sup>(66)</sup> de frente e outras tantas de fundo, a serem entregues às famílias pobres que deveriam nelas presidir e cultivá-las por espaço de cinco anos consecutivos, findo o qual seria expedido o título de propriedade definitiva"<sup>(67)</sup>.

Tais medidas pretendiam solucionar para o problema do despovoamento, pois o objetivo principal era fixar o homem e, assim, efetivar a posse das terras relativamente férteis desta área. Desse modo, atingia-se um segundo objetivo, não menos importante, que era o policiamento do vasto território, embora, os problemas de circulação que dificultavam o escoamento da produção impedissem que muitas famílias se estabelecessem nessa área.

---

(66) Uma braça corresponde a 4,84 m<sup>2</sup>.

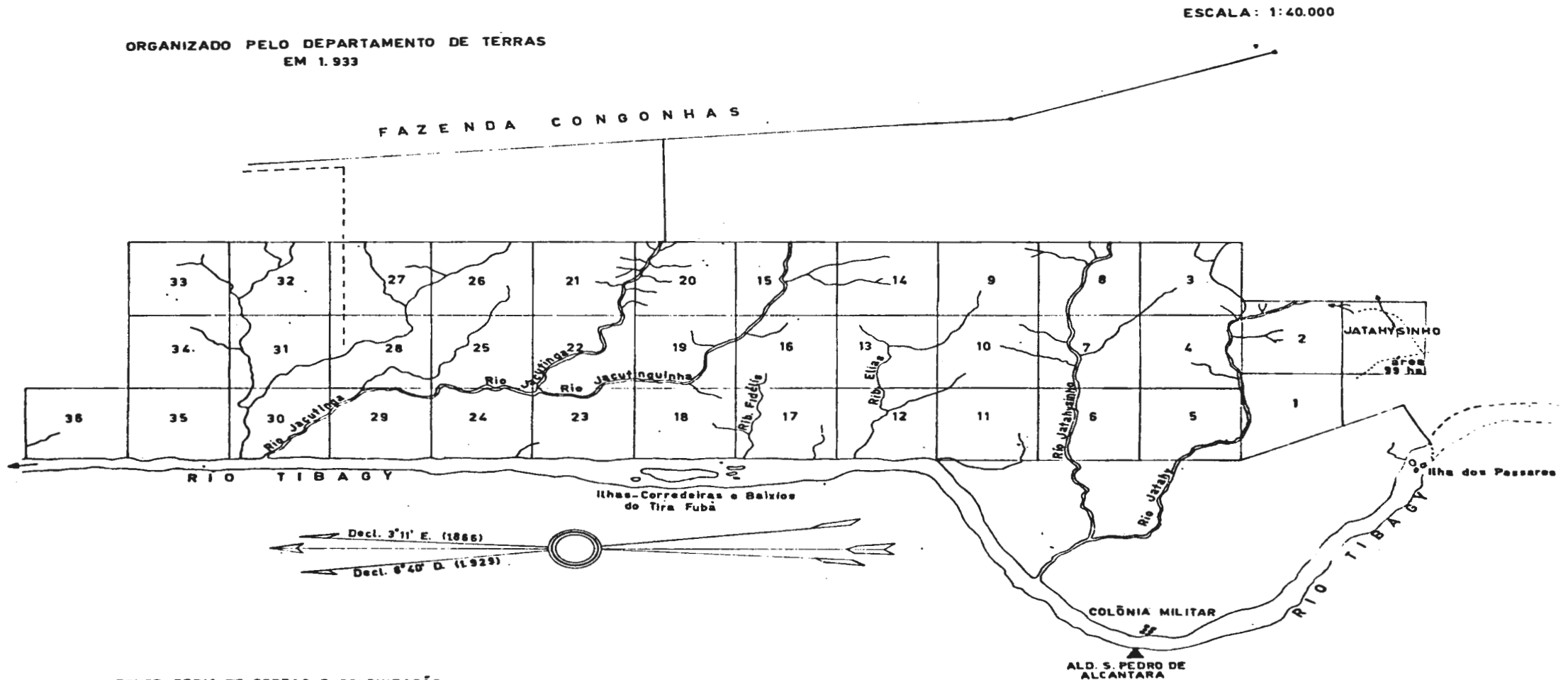
(67) Relatório apresentado sobre as terras devolutas , 1865, pag.47.

Em 1866 foram distribuídos, entre colonos e operários, 36 lotes de uma légua de terras pertencentes ao patrimônio de Jatai (Figura 14).

A Colonia Militar do Jatai, entretanto, continuava decadente. A plantação e toda a produção agrícola, reduziram-se a cada ano. Em 1867 o Capital Matias Tabor da Ribas que assumiu a direção da Colônia registrou o atraso em que ela se encontrava, apesar de contar já com treze anos de existência, a maioria dos quais, sob a tutela do Estado. Mais uma vez o diretor reclama da falta de vias de comunicação que impedem a exportação de produtos, fazendo com que a população produza apenas o indispensável para a sua sobrevivência. Nessa época, a população era de 210 pessoas, que desenvolviam as seguintes atividades: dois carpinteiros; um oleiro; 66 lavradores; 4 serradores; 3 canoeiros, um sapateiro; 4 comerciantes (68).

Esta situação dá uma idéia clara do predomínio absoluto de lavradores atestando uma vez mais, o caráter agrícola da colônia do Jatai. Observa-se porém, que ao lado destes labutavam serradores e carpinteiros que se utilizavam da matéria prima oriunda das matas adjacentes. Apenas um oleiro está registrado nesse ano, revelando que, já nessa época, estava presente uma ativi-

PLANTA DA EXTINTA COLONIA MILITAR DO JATAÍ LEVANTADA EM 1.866  
E DAS MEDIÇÕES EFETUADAS ENTRE 1.892 E 1.902  
PELO ANTIGO COMISSARIO DE TERRAS JOAQUIM FLORIANO DO ESPIRITO SANTO  
NO DISTRITO DE JATAÍ



dade que consagraria Jataizinho como "Capital da Cerâmica". Deve ser lembrado ainda que a olaria sempre esteve na região, tanto no aldeamento de São Pedro de Alcântara como na Colonia de Jatai.

Em 1868, computado o rendimento da Colônia Militar e de particulares aparecem , além da aguardente e do açúcar, produtos como milho, feijão, arroz, algodão, mandioca, fumo e cana-de-açúcar, além do café que deve ter sido introduzido nesta área por volta de 1862<sup>(69)</sup>.

Em 1870, nova demarcação de terras é realizada com o objetivo de distribuí-las a indivíduos que trabalhavam como assalariados na Colônia Militar e que não tinham sido contemplados anteriormente. Foram também beneficiados alguns elementos de fora que desejavam estabelecer-se na Colônia<sup>(70)</sup>.

Percebe-se assim, mais uma vez, que o gover-

---

(68) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1869, pags.61-62.

(69) ORLEANS, Casimiro M.de(frei) Obra citada, pag.72

(70) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1870,



no estava interessado em povoar a área, uma vez que distribuiu pequenas glebas de terra ou gratuitamente, ou para serem pagos por baixo preço e a longo prazo, a quem não as possuísse. Transparece nesta medida, do governo, um meio de coibir o absenteísmo que, de um modo geral, dominava em todo o estado e, principalmente, no Norte para - naense.

De acordo com o Aviso Régio nº 136 de 1870 aqueles que fossem contemplados com as glebas não podiam derrubar matas altas, por ser expressamente proibido por lei e constituir um crime, pois as matas devolutas eram propriedade nacional e aos colonos só era permitido cultivar lote de terra que lhes fosse concedido; não podiam fazer lavoura em terrenos da colonia onde bem lhes aprovesse mas, unicamente naquela área que lhes fosse concedida pelo governo; podiam, entretanto, fazer chácaras e construir casas fora do quadro da povoação, desde que tais estabelecimentos fossem feitos nos terrenos que lhes foram concedidos e depois de haver construído no quadro da povoação, no lugar que lhes fora designado; além disso, entre outros regulamentos, constava que ao dire - tor competia designar a área para a construção acima re - ferida.

Percebe-se, através destas regras, a intenção

do governo, não só de controlar a ocupação das terras mas, sobretudo, de que esta se efetivasse e chegasse a um resultado mais objetivo.

Nota-se ainda, que havia sempre preocupação de doar terras a elementos nacionais que assim seriam retirados da marginalização e das mil necessidades em que viviam.<sup>(71)</sup> Este deve ter sido o motivo do não ter sido atendida a solicitação do Major Tomáz José Muniz que em 1855 pedia que viessem para a Colonia do Jatai " homens laboriosos, principalmente mineiros e alemães, concedendo-se-lhes gratuitamente, as terras de que careçam" (72). O exame dos relatórios mostra que de fato, não vieram alemães, pois <sup>só</sup> há registro de alguns portugueses.

Outro aspecto importante para avaliar a fixação do homem nas terras do Aldeamento de São Pedro de Alcântara e da colonia militar do Jatai é o exame da evolução demográfica nestes núcleos.

Através da leitura dos Relatórios, verifica-

---

(71) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1858, pags. 18-19.

(72) PITANGA, Epiphanio Candido de S. — Obra citada pag.

se que a população do aldeamento oscilava muito, como revela a análise referente ao período de 1864-1893 (Tabela 5) a principal razão deste fato está ligada ao hábito errante de algumas tribos, como, por exemplo, a dos Coroados. Deve ser lembrado ainda que estão excluídos destes Relatórios, os índios que frequentavam o aldeamento mas que não residiam nele permanentemente.

A partir dos 109 indígenas que, em 1854, deram início à ocupação do Aldeamento de São Pedro de Alcântara, a população aumentou lentamente porém de modo progressivo; quadro anos depois, viviam em São Pedro, 300 índios, além de africanos livres<sup>(73)</sup>, em fins de 1864 Frei Timóteo assinalava a presença de 290 Coroados e 320 Caiuás. Um excepcional aumento demográfico ocorreu no período de 1864 a 1876 quando o aldeamento passou a contar com 1487 indivíduos sendo que destes, 902 eram Coroados, 461 eram Caiuás, além de 124 brasileiros e estrangeiros.

Este expressivo crescimento demográfico, no que se refere aos elementos nacionais explicou-se pela penetração de mineiros e paulistas que chegaram atraídos

---

(73) ORLEANS, Casimiro M.de-Obra citada, pag.100.

COLÔNIA MILITAR DE JATAI  
EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA  
1855 - 1895

Ano	População Total
1855	108
1856	101
1858	153
1859	157
1862	146
1868	210
1869	251
1877	300
1888*	468
1895*	401

Fonte: Relatórios do Presidente da Província do Paraná  
1855-1877

\* WOOD, David Lyle - Obra citada pags.72 a 72B do Paraná

**TABELA 5**

pela fertilidade dos solos, próprios para as culturas tropicais<sup>(74)</sup>.

Todavia, entre 1876 e 1880 a população do aldeamento de São Pedro de Alcântara ficou reduzida a 762 indivíduos; este período é assinalado pela presença de guaranis, africanos e portugueses e, também, por um notável decréscimo entre os Coroados e Caiuás. Este último aspecto, está ligado à epidemia de variola que, em 1876, grassou na região atacando, sobretudo esses grupos indígenas<sup>(75)</sup>. Essa dizimação que atingiu os indígenas poupou o elemento branco, mais resistente, <sup>porém</sup> gerou sérios problemas em relação à mão-de-obra, essencialmente constituída de nativos.

Em 1893, último recenseamento realizado por Frei Timóteo no Aldeamento de São Pedro de Alcântara, a população registrou um aumento em relação a 1880. O mesmo ocorreu em relação ao elemento indígena que ultrapassou 1000 indivíduos. É curioso observar entretanto, que nesse último ano não aparecem elementos portugueses ou

---

(74) Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1876, pag.99.

(75) ORLEANS, Casimiro M.de. Obra citada pag.103.

de qualquer outra parte da Europa.

No que diz respeito à evolução demográfica da Colônia Militar do Jatai, no período de 1855 a 1895 (Tabela 6) verificou-se que houve uma certa constância, o que, sem dúvida está relacionado às causas já assinaladas no decorrer deste capítulo.

Todavia, o lento e tumultuado processo de ocupação desta área que teve lugar desde a época das reduções até o fim do século XIX foi decaindo em razão do abandono e do isolamento a que estavam submetidos os que ali habitavam.

Com a Proclamação da República em 1889, todas as colônias militares do Brasil foram extintas e deixadas a sua própria sorte.

Ainda no final do século XIX, processavam-se ao mesmo tempo, a ocupação do Norte Velho pelos cafeicultores vindos de São Paulo e Minas Gerais e a retomada no processo de ocupação na parte Oeste do Tibagi às custas de povoadores que penetraram através do Paranapanema.

Nessa época, Jataizinho era "Boca do Sertão" e tinha como limite mais ocidental o Rio Tibagi, verdadeiro entrave para a expansão do povoamento. Tal situação perdu

ALDEAMENTO DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA  
EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA  
1864 - 1893

Especificação	1864	1876	1880	1893
Coroados	290	902	210	247
Caiuãs	320	461	191	884
Guaranis	-	-	185	
Africanos	-	-	43	184
Portugueses	-	-	134	-
Estrangeiros	-	124	1	-
Brasileiros	-		-	-
TOTAL	610	1.487	764	1.315

Fonte: Relatórios do Presidente da Província do Paraná  
- 1893

TABELA 6

rou por longos anos e esta área ficou entre espaços diferenciados quanto à forma de ocupação. De um lado, em terras adquiridas do governo imperial por baixo preço, as plantações de café, de outro áreas de solos de terra roxa recobertas, pela floresta latifoliada tropical, totalmente despovoadas.

Nessa época teve início em Jataizinho, uma nova forma de ocupação do espaço apoiada nas companhias de terras e colonização que foi antecedida pelas concessões de terras devolutas feitos pelo governo aos interessados. Em 1873, houve a concessão de um terreno por parte do Presidente da Província do Paraná a Antonio Joaquim Moreira Coelho, localizado no meio da Colonia Militar do Jataí, denominado Olaria Velha. Foi através desde mesmo processo que se constituiu em 1896 no Distrito de Jataí, Comarca Tibagi, a fazenda Congonhas que compreendia uma área de 76.365 Ha, pertencente a José Marcondes de Albuquerque e Olegário Rodrigues de Macedo<sup>(76)</sup>. Esta propriedade era banhada pelos rios Tibagi, Congonhas e diversos afluentes do Rio Laranjinha. De Sudeste a Nordeste, em quase toda a sua extensão, essa fazenda era a

---

(76) "Algumas informações relativas as terras denominadas Congonhas", fl.1. Documento pertencente ao Sr. José Pedro S. Carvalho



travessada pelo rio Congonhas procedente do Sul de São Jerônimo e cortada transversalmente por vários afluentes do Congonhas. Nesta fazenda e região vizinha produzia-se, em média, 300 arrobas por mil pés de café, sendo que a exportação para Mato Grosso era feita por via fluvial<sup>(77)</sup>.

Esta fase da ocupação de Jataizinho é um reflexo do que se processou por todo o Norte do Paraná com a marcha do café, que transformou esta área em centro de atração. O volume daqueles que povoavam o Norte do Paraná aumentou de modo que foi necessário que o Congresso elaborasse uma Lei de terras<sup>(78)</sup>. De este modo ficava determinado que somente pela aquisição era dado o acesso a terra e que competia ao governo federal conceder terras<sup>(79)</sup>. A consequência dessa intervenção governamental foi uma relativa paralização no movimento expansionista que, todavia, pouco durou. Foi assim que as companhias colonizadoras de

(77) Idem. Idem, fl.3.

(78) WESTEPHALEN, Cecília Maria, e BALHANA, Altiva Pilatti.

"Nota prévia ao estudo da ocupação....., em Boletim nº 7, do Departamento de História, Universidade Federal do Paraná 1968, pag. 2.

(79) Idem. Idem, pag.11.

terras iniciaram as suas atividades.

Na área de Jataizinho a atuação das Companhias colonizadoras se fez inicialmente, através da Sociiedade Colonizadora do Brasil Ltda, Kigyo Kumiari ( ex fazenda Congonhas) e Maxwell que encontraram muitas dificuldades em relação à venda de terras, em virtude da situação política do país e, também da maleita que afugentava muitos daqueles que procuravam as férteis terras roxa.

A companhia Maxwell que possuía terras nos interflúvios dos ribeirões da Peroba, do Jataizinho, do Tigre e Córrego Pousinho que eram considerados as mais férteis do Município, ali se instalou a fim de promoiver a colonização através de loteamentos e incentivar o extrativismo da madeira que, assim, forneceria matéria prima para a serraria de sua propriedade.

O afluxo de inúmeros proprietários para o Norte Paranaense desencadeou um processo acelerado de ocupação do espaço que deveria, também, ser estendido até Jatai facilitando o acesso às terras situadas além da margem esquerda do Tibagi.

Entretanto nesse mesmo tempo, (1929) a maleita, em Jatai era endêmica, o que retardou a ocupação desta parcela do Norte Paranaense.

A precariedade da circulação na época era outro fator que coibia as atividades das Companhias de terras. Esse fato porém, foi minorado pelo Decreto 450 de 20 de abril de 1928 que concedia 3.600 ha de terras devolutas <sup>centroque do traçado</sup> por km de estrada construída (80). O estímulo atingiu o objetivo pois, a 4 de maio de 1932, a estrada de ferro chegava a Jataí (81). Desta forma com a ponta de trilhos a margem do Tibagi prosseguiu a ocupação do território para o oeste do Tibagi.

Nesta época muitas companhias oficiais e particular<sup>mente</sup> atuaram para a colonização do Tibagi até as barragens do Paranã. Entre estas salienta-se a Companhia de Terras Norte do Paranã que adquiriu do Governo do Estado, 500 mil alqueires, dos melhores solos de terra roxa, situados entre os rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí estas terras foram divididas em glebas e vendidas ao comprador de forma facilitada, uma das razões do êxito desta companhia; a sede da companhia foi localizada em Londrina (Patrimônio Três Bocas).

---

(80) Relatório nº 19 da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, 1939, fl.2.

(81) Idem. Idem, fl.2.

A primeira caravana de compradores de terras chegou em dezembro de 1929<sup>exa</sup> composta de 8 japoneses, acompanhados pelo agenciador Sr. HIKOMO Udihara. A seguir, em 1932, a área foi procurada, ininterruptamente, por grupos de alemães, italianos, brasileiros, tendo um pequeno decréscimo de vendas durante o período de 1930, em virtude da situação política do país, a Revolução. Desta forma iniciou-se a ocupação, além do Tibagi, dando origem a dezenas de embriões urbanos, através do cultivo do café.

Com o início da instalação de núcleos urbanos na região, ocorre uma grande transformação referente à estrutura fundiária: das grandes propriedades, aos poucos foram se modificando e passaram a predominar pequenas e médias áreas. A progressiva alteração foi motivada pela subdivisão e revenda das grandes áreas, cujos proprietários passaram a adquirir terras em regiões mais férteis, na direção oeste, ou a aplicar capitais em negócios de maior rentabilidade.

Verifica-se tal fenômeno através dos dados do Censo Agrícola de 1920, onde as propriedades rurais estão classificadas segundo as classes de extensão <sup>Assim,</sup> 65,14% das propriedades tinham de 41 a 100 ha e 18,14% do total mediam ente 101 a 200 ha. Esta disparidade mostra que, de fato, havia uma desproporcional distribuição de terras,

## ÁREA CULTIVADA NOS ESTABELECIMENTOS AGRÍCOLAS DO NORTE VELHO

- 1920 -

Municípios do N.Velho	Áreas - Culturas Temporárias (ha)							Área (ha)		Total (ha)
	Milho	Feijão	Arroz	Algodão	Cana-de Acúcar	Trigo	Outras	Cultura Temporár.	Cultura p/Café	Geral
01. Carlópolis	378	56	24	35	-	60	4	557	226	783
02. Jataizinho	3.328	1.404	149	884	127	16	9,42	5.827,42	6.443	12.270,42
03. Ribeirão Claro	4.073	4.101	1.239	65	39	-	10,58	9.527,58	6.643	16.170,58
04. Sto. Anton.da Platina	3.178	461	165	265	17	12	9	4.107	1.109	5.216
05. S.José da Boa Vista	7.647	771	368	485	432	22	58	9.783	1.663	11.446
06. Tomazina	5.995	876	514	226	139	2	342	8.274	6.922	15.196
TOTAL	24.509	7.669	2.459	1.960	934	112	433	38.076	23.006	61.082

Fonte: Censo Agrícola - Paraná - 1920 - D.G.E.

TABELA 7

põis enquanto uma área de 16.620 ha estava em mãos de um proprietário, 16.888 ha, estava sob a direção de 723 proprietários (Tabela 7').

Os referidos dados indicam, também sinais de introdução de atividades agrícolas temporárias, que ocupavam 38.076 ha., ou seja, 62,4% do total, enquanto que o café ocupava 23.006 ha, ou seja, 37,6% da área total.

Observa-se também, que o café não era cultivado em grande escala, em todos os municípios. Em Carlópolis e Santo Antonio da Platina, por exemplo, apenas 1.335ha eram ocupadas com o café e 4.664 ha com culturas temporárias.

O principal produto nessa época, contribuía para a ocupação da área era o milho, seguido do feijão. Entretanto, a substituição da mão-de-obra escrava, pelo colono assalariado, concorre para intensificar a população rural.

No início do século XX a cultura cafeeira expande-se em direção ao Norte e, mais tarde para o oeste, atingindo terras mais férteis, desde o 3º Planalto Pa

ranaense até o vale do Tibagi. Esta expansão provocou o aparecimento de inúmeras cidades como, por exemplo, Jacarezinho, Cambarã, Cornélio Procópio e muitas outras.

O contingente humano atraído pela região, aumentou por ocasião da construção de rodovias e ferrovias, que ligaram esta região a São Paulo. E, de fato, facilitou o escoamento das safras.

Uma vez atingido o principal que estava relacionada ao antigo problema de comunicação com outras áreas, as cidades foram acopanhando os trilhos<sup>(83)</sup>. O movimento ferroviário de 1929 - 1933, foi intenso, entre as cidades de Ourinhos e Jataí, o que pode ser avaliado pela arrecadação total. No ano de 1929, registrou-se a arrecadação bruta de 1.501:606\$350 (Cambarã), 93.984\$700 (Ourinhos) 67:252\$150 (Leoflora); em 1930 906.170\$600 (Câambarã) 158:832\$900 (ingã, hoje Andirá), 69.816\$100 (Bandeirantes); em 1931 898:714\$900 (Cornélio Procópio), 450:466\$800 (Cambarã), 153:425\$600 (bandeirantes); em 1932 344:686\$900 (Cambarã), 249:332\$600 (Cornélio Procópio), 100:933\$100 (Bandeirantes) em 1933 505:340\$300 (Leoflora), 395:196\$300 (Londrina) 272:962\$200 (Jataí)<sup>(84)</sup>.

---

(83)MOMBEIG, Pierre. Obra citada pag.16.

Observa-se que nos anos de 1930 a 1933 ocorreu um declínio na arrecadação das citadas estações, como já foi mencionado a Revolução de 1930 e 1932, que paralizaram temporariamente, o tráfego entre Ourinhos e Jataizinho.

Estes fatos servem para mostrar a importância da circulação e da produção agrícola na ocupação do espaço do Norte Velho. Desta forma, num curto espaço de tempo, toda a porção entre os rios Itararé e Tibagi, a chava-se completamente ocupada. Necessário se faz observar que parte da área não ocupada pelos pioneiros do Ve lho Norte Paranaense, foi mais tarde, povoada através de colônias dirigidas, como por exemplo, o caso da colônia Assaí .

Jataí, que a partir de 1947 passou a ser de nominada Jataizinho, abrangia uma vasta porção do atual Norte Paranaense, ocupando extensas áreas de terras do Norte Velho, como do Norte Novo. Em decorrência do pro cesso de ocupação do espaço, o vasto território de Jatai zinho, limitado a grosso modo pelos rios Paranapanema, Pa raná, Ivaí e Laranjinha, sofreu retalhamentos sucessivos.

---

(84) Relatório da Secretaria da Fazenda e Obras Públicas  
ao Governo do Estado do Paraná, 1935, pag.195.



Em 1872 pela Lei 333 de 12 de abril foi criada a freguesia de Jatai da Colonia Militar, inovação de Nossa Senhora da Conceição que fazia fronteira com o Município de Tibagi.

Essa divisão administrativa antecedeu a extinção definitiva da colonia militar do Jatai e dos aldeamentos de São Pedro de Alcântara e de São Jerônimo em consequência do advento da República. Em 1920 Jatai foi elevada a categoria de Vila porém, com a denominação de São Jerônimo<sup>(85)</sup> pela Lei 1918 de 23 de fevereiro.

Acompanhando o grande progresso da região foi criado, através do Decreto nº 1076 de 13.05.1932, o município de Jatai, dentro do território dos municípios de São Jerônimo e Sertanópolis<sup>(86)</sup>, e parte do município de Tibagy. Esta situação política administrativa perdurou até 1934, quando se dá o "desmembramento do Município de Londrina (Decreto nº 2519 de 03.12.1934"<sup>(87)</sup> e de Sertanópolis

---

(85) El Khaïb, Faissal. História do Paraná, Vol.4, 1969, pag.151.

(86) Documento do Município de Jataizinho, Nossa Senhora da Conceição do Jatay, fl.1.

(87) Idem, fl.1.

nópolis. (Figura 12).

Novas transformações sofreu o município de Jataí; conforme o Decreto nº 7573 de 20.10.1938 que determina a nova divisão territorial do Estado para o quinquênio de 1939-1943, o município de Jataí é extinto e seu território passa a denominar-se São Jerônimo com sede em São Jerônimo e, Jataí como Distrito do mesmo nome.

Nova divisão territorial do Estado foi fixada pelo Decreto Lei nº 199, de 30.10.1943 que criou o Município de Assaí, com território em Assaí e Jataizinho, que na época pertenceu ao município de Araiporanga (ex - São Jerônimo). Assim, o município de Assaí, foi subdividido em três distritos judiciários: Assaí, Jataizinho e Uraí (88).

A 16 de outubro de 1947, pela Lei nº 2, Jataizinho foi retomado a categoria de município (Figura 13) sendo a sua sede instalada a 8 de dezembro do mesmo ano.

---

(88) Documento do Departamento de Geografia, Terras e Colonização do Estado do Paraná, Município de Jataizinho, Nossa Senhora da Conceição do Jatay, fl. 3.





Sua área Territorial, todavia, permaneceu pedente até 1980, quando foi resolvido o letigio com o mapa de Assaí que envolvia a posse de 50,14 Km<sup>2</sup>(89).

Só depois de longos anos de luta, Jataizinho conseguiu a sua autonomia política. Sua evolução política administrativa reflete a luta do homem no processo de ocupação do espaço, visando garantir a posse do território.

Jataizinho que evoluiu da Colônia Militar e do aldeamento de São Pedro de Alcântara para a sua configuração atual, manteve-se fiel a vocação agrícola que desde cedo se manifestou e que até hoje é o sustentáculo de sua economia. Seu exemplo frutificou em dezenas de cidades que, embora independentes do processo econômico, que ali se desenvolveu, formaram-se às custas de seu território.

---

(89) Informações obtidas na Agência da FIBEG. Londrina.

### 3. O Homem e o Habitat Rural

#### 3.1. A população

#### 3.2. O habitat rural

3.1. A população - A população rural de Jataizinho sempre superou a população urbana, tendo em vista que a atividade agrícola predominou desde o início, na ocupação da área, como aconteceu em todo o Norte do Paraná. Em Jataizinho, o fator que propiciou o desenvolvimento foi o café.

Assim, o crescimento demográfico da área rural no período de 1950 - 1970 (Tabela 8), foi superior ao urbano. No primeiro ano considerado, viviam na área rural, 12.672 habitantes, perfazendo 92,34% do total; - este fato verificou-se também nas áreas adjacentes, o que revela a integração de Jataizinho no processo de ocupação que atinge a área. No período seguinte, a população rural elevou-se para 15.650 habitantes; a participa

JATAIZINHO  
POPULAÇÃO URBANA E RURAL  
1950 - 1970

Ano	Urbana		Rural		Total
	Nº	%	Nº	%	
1950	1.052	7,66	12.672	92,34	13.724
1960	2.544	13,98	15.650	86,02	18.194
1970	4.239	39,15	6.587	60,85	10.826

Fonte: IBGE - Censos Demográficos (1950-1970)

**TABELA 8**



ção na população total, entretanto, caiu para 86,02% o que mostra um aumento no desenvolvimento da população urbana, que passa de 7,66% em 1950, para 13,98% em 1960. Esta situação está ligada ao êxodo rural de famílias mais abastadas, em razão do cultivo do café, que passaram a procurar melhores condições de estudo para seus filhos e de conforto nos centros urbanos.

Em 1970, registrou-se um decréscimo de 7.368 habitantes na população total, enquanto que a participação da população rural caiu para 60,85% e a da urbana elevou-se para 39,15%. O decréscimo da população total que de 18.194 em 1960 reduziu-se a 10.826 em uma década, e também a diminuição do contingente rural, podem ser explicados pela solução do problema de litígio, que havia com o município de Assaí. Desta forma, uma parte do sul de Jataizinho, foi desmembrada com toda a sua população. Além disso, interferiram também para a redução do contingente populacional de Jataizinho, a saída de habitantes do meio rural em razão da introdução de novas culturas mais exigentes quanto à mecanização e não necessitando numerosa mão-de-obra. Acrescenta-se a estas razões, o fato de ter sido instalada, nesta época, a Usina Capivara que, provocando inundação nas áreas que forneciam a matéria-prima para as olarias, causou o fechamento destas e, conseqüentemente, o êxodo daqueles -

que se dedicavam a esta atividade.

Estes fatos refletem certas características da população de Jataizinho que podem ser percebidas através da análise dos dados colhidos no campo, relacionados com a estrutura e a mobilidade da população.

O inquérito aplicado na área rural da Jataizinho, em 1969 (Tabela 9), mostra uma predominância do elemento masculino (56,08%) sobre o feminino (43,92%), em razão da natureza das atividades que ali se desenvolvem. A superioridade masculina observada na área rural de Jataizinho, verifica-se em todas as faixas de idade até a de 46-50 anos, quando se estabelece uma quase equivalência. (Figura 14)

No que diz respeito aos grandes grupos de idade da população questionada na área rural de Jataizinho, verifica-se que 66,10% da população tem menos de 20 anos, 24,05% tem idades variáveis entre 21 a 50 anos e 9,85% ultrapassam esta idade. Esta situação comprova a juventude da população da área rural e, vai refletir-se na força de trabalho. Este fato, todavia, é atenuado nesta área, pela utilização da mão-de-obra infantil nos trabalhos que se desenvolvem no meio rural. Quanto aos adultos que representam a força de trabalho efetiva, percebe-se um estreitamento acentuado em relação aos

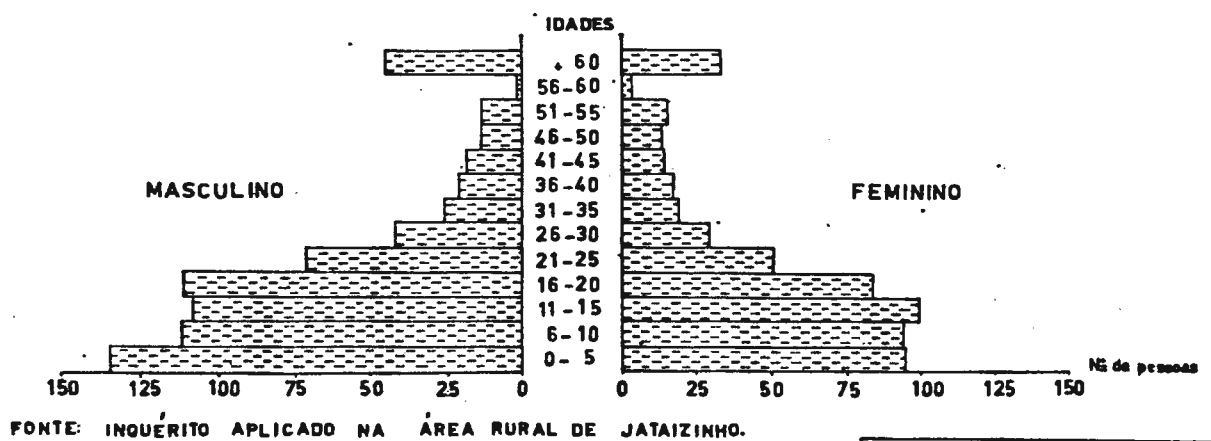
COMPOSIÇÃO ETÁRIA DA POPULAÇÃO RURAL  
JATAIZINHO - 1969

Idade	Masculino	Feminino	Total
0 - 5	130	94	198
06 - 10	113	93	226
11 - 15	110	100	210
16 - 20	114	84	198
21 - 25	71	51	122
26 - 30	43	27	70
31 - 35	26	19	45
36 - 40	20	17	37
41 - 45	18	13	31
46 - 50	12	12	24
51 - 55	12	15	27
56 - 60	1	2	3
+ de 60	41	30	71
<b>TOTAL</b>	<b>711</b>	<b>557</b>	<b>1.268</b>

Fonte: Inquérito aplicado na área rural de Jataizinho  
1969

**TABELA 9**

COMPOSIÇÃO ETÁRIA  
JATAIZINHO-1969



FONTE: INQUÉRITO APLICADO NA ÁREA RURAL DE JATAIZINHO.

ELABORAÇÃO: M. H. JARRETA E  
M. DE L. DE SIQUEIRA  
SOB ORIENTAÇÃO DA AUTORA

FIGURA 14

jovens. A explicação desta normalidade pode estar relacionada a saída de jovens com idade acima de 20 anos , que não mais retornam, seja por ocasião de serviço militar, seja em procura de melhores condições de estudo nos centros urbanos. É impressionante verificar a expressão numérica de idosos, especialmente daqueles com idade superior a 60 anos.

O contorno da pirâmide etária da área rural de Jataizinho, apresenta-se irregular, não somente em relação às diferentes faixas de idade, mas também no que se refere ao sexo. A base da pirâmide, larga, denuncia uma população essencialmente jovem. A partir da base, ocorre um estreitamento mais acentuado à medida que alcança as faixas adultas. Não existem, entretanto, estreitamento considerável, exceto na faixa de 56 a 60 anos; observa-se, entretanto, como já foi assinalado, um considerável alargamento na faixa de mais de 60 anos , pois nela estão incluídos indivíduos de idades superiores a estas .

A população que possuía a idade superior a 60 anos, refere-se àqueles que vieram para Jataizinho , quando se iniciava o processo de ocupação, também, nesta faixa etária que se acham incluídos os estrangeiros, que a força dos colonizadores, quer oficial, tendo a

frente o engenheiro Kaito Ussú, ou particular "Companhia Colonizadora Maxwell", trouxeram a Jataizinho. A estes fundadores se aliaram os paulistas de origem, ou que tiveram passagem, muitas vezes prolongada pelo Estado de São Paulo. Estes fatores proporcionaram a melhor compreensão das ocorrências relativas à mobilidade da população rural de Jataizinho.

Assim a pesquisa efetuada na zona rural de Jataizinho, mostrou que um percentual de 30,88% (Tabela 10), representa os povoadores rurais paulistas. Os mineiros de nascimento, equivalem a 20,75% do total que é muito expressivo, enquanto que a paranaense representou 13,83% do total, incluindo nesta os nascidos em Jataizinho (20%), acrescenta-se que os nascidos em Pernambuco ~~per~~ 3,46%. O restante não têm grande significado, como os naturais do Rio de Janeiro (3,20%), Alagoas (2,71%). Observa-se que entre os 20 relacionados como de outros estados, há o predomínio dos nascidos em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No que se refere à população estrangeira, da zona rural de Jataizinho, destacam-se os italianos, japoneses e espanhóis.

---

(90) Depoimento prestado pelo Sr. Elias Dequech (ex-morador de Jataizinho - 1929)

JATAIZINHO  
 LOCAL DE NASCIMENTO DOS PAIS DOS MORADORES  
 - 1969 -

Local	Pais dos moradores	
	Nº	%
São Paulo	125	30,88
Minas Gerais	84	20,75
Paraná*	56	13,83
Pernambuco	14	3,46
Bahia	14	3,45
Rio de Janeiro	13	3,20
Alagoas	11	2,71
Outros Estados	20	4,93
Estrangeiros	68	16,79
<b>TOTAL</b>	<b>405</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Inquérito aplicado na zona rural de Jataizinho  
 1969

Inclusive os nascidos em Jataizinho

**TABELA 10**

Pela Tabela, conclui-se que Jataizinho está inserido nos moldes do processo de ocupação do Norte Paranaense, pois, demonstrou-se a predominância do elemento paulista, seguida de mineiro e baiano. Esta proporção é sensivelmente variável, de ano para ano, em razão da intensa migração inter-regional, fenômeno comum que vem ocorrendo em áreas agrícolas; o município recebeu - de 1940 a 1950, um intenso afluxo de contingente humano que fora atraído pelo café no início . Hoje, como pode se perceber através da Tabela apresentada, a maioria dos moradores da área rural são paulistas, mineiros ou nordestinos. Foram estes que em ação conjunta com os trabalhadores temporários, efetuaram a ocupação definitiva desta área, como também na região.

O inquérito aplicado na zona rural, mostrou que durante o quinquênio 1941-1945 (Tabela 11), trinta e três famílias chegaram em Jataizinho, (19,78% da população total) e, que 1946 a 1950, foi o período que apresentou maior número de famílias que chegaram em Jataizinho (21,57% do total); nos períodos seguintes, o índice populacional apresentou um crescimento lento, no entanto, entre 1960 a 1970, registrou-se um sensível decréscimo em termos de número de família, que mostrou já o reflexo da substituição da lavoura cafeeira pelas outras, de ciclo anual, como: arroz, feijão, milho, algodão,



POPULAÇÃO RURAL - ANO DA MUDANÇA PARA JATAIZINHO  
- 1969 -

Ano	Nº de Famílias	%
1920 - 1925	1	0,59
1926 - 1930	1	0,59
1931 - 1935	1	0,59
1936 - 1940	9	5,38
1941 - 1945	33	19,78
1946 - 1950	36	21,57
1951 - 1955	27	16,16
1956 - 1960	28	16,76
1961 - 1965	18	10,70
1966 - 1970	13	7,78

Fonte: Inquérito aplicado na área rural de Jataizinho  
1969

TABELA 11

Diante desta mudança de cultura, houve um grande afluxo da população rural para centros urbanos ou outras áreas agrícolas de ocupação mais recente, como Mato Grosso. Quando se trata de população referente aos parceiros e meeiros, o êxodo é mais intenso.

Para solucionar o problema da falta de mão-de-obra rural, em consequência de vários fatores, tem sido utilizado o "bóia-fria" (91). O bóia-fria que é empregado em Jataizinho, a maior parte, tem vindo dos centros urbanos de Londrina, Cambé, Uraí, Cornélio Procópio, a abrange um raio de 30 Km. Esta mão-de-obra compõe-se geralmente de mulheres, crianças e velhos; esporadicamente aparecem jovens entre 20 e 30 anos. O bóia-fria mora na periferia das cidades, sendo geralmente, aquele - que migra do campo para a cidade, tendo em vista a demanda da força de trabalho ou fatores de atração, ligados ao desenvolvimento urbano (92)

---

(91) LANGE, Ana Maria e outros. "O trabalhador rural - volante na Agricultura Paranaense: Esboço de uma hipótese de trabalho". Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências Agrônômicas, Bctucatu, 1977. pag.177

(92) MELLO, Maria Conceição D'Incáó, " O bóia-fria", Ed. Vozes, 1975. pag.68

Como já foi mencionado, a população rural, dia a dia tem decrescido. Em parte, a procura de centros urbanos está ligada ao fator educacional. Verifica-se que esta preocupação é crescente entre  $\frac{\text{habitantes}}{\text{os rurais}}$ , fato comprovado pois entre os chefes de família da população rural, a maior parte já possui a instrução primária, o que não ocorria há 20 anos atrás.

A proporção de pais e mães com nível de instrução primária é de 70,12% do total, sendo que 60,56% corresponde aos primeiros e 39,44% às mães (Tabela 12). Nota-se que a proporção dos analfabetos é de 27,65%, o que <sup>se</sup> explica <sup>porque</sup> uma parcela da população é procedente do Nordeste brasileiro ; foi comprovado na ocasião da pesquisa de campo, que estes são responsáveis pelo analfabetismo na área. Entre os analfabetos, encontra-se 64,29% das mães e 35,71% dos pais. Já no que diz respeito ao nível médio, as mães detêm a liderança com 62,5%, o que pode ser justificado pela oportunidade que muitas delas tiveram de cursar Escolas Normais. Não há justificativa para que as pessoas desta área continuem analfabetas, porque existem muitas escolas à pouca distância de qualquer povoado ou aglomerado.

Os moradores da área rural de Jataizinho, - em sua maioria (76,28%) são praticantes do catolicismo

NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS MORADORES  
JATAIZINHO - 1969

Nível de Instrução	Pai		Mãe		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Analfabeto	40	35,71	72	64,29	112	100,00
Primário	172	60,56	112	39,44	284	100,00
Médio	3	37,50	5	62,50	8	100,00
Superior	-	-	1	100,00	1	100,00
TOTAL	215		190		405	

Fonte: Inquérito aplicado na área rural de Jataizinho  
1969

TABELA 12

romano, os protestantes perfazem apenas 13,48% do total (Tabela 13). Além destes, existem budistas (5,58%) de vido a presença da população de origem nipônica nessa - área. (Figura 15).

O culto religioso é praticado, geralmente,, na igreja ou capela mais próxima, sendo que os católicos são atendidos pelo padre que vem de Jataizinho ou Assaí, quando é solicitado para rezar as missas.

Há presença da Casa de Deus, da Congregação Cristã do Brasil, em várias secções que permitem aos fiéis, a prática de sua religião. Observa-se nesta área que os protestantes têm maior assistência religiosa, pois o pastor, na maioria dos casos, reside no próprio local. Entretanto, o mesmo não acontece com os budistas que precisam ir até Assaí ou Londrina, pois, ali se concentram as diversas ramificações dessa seita. Os adeptos do budismo são, na maioria, japoneses ou descendentes, <sup>destes,</sup> sendo que os mais idosos cultuam-no por tradição. O mesmo não acontece com a população jovem (nissei) que é constituída de católicos praticantes, muitas vezes, influenciados pelos amigos, professores e vizinhos. Resta lembrar, quanto à religião, <sup>que</sup> a escola atua poderosamente na comunidade <sup>que se</sup> <sup>percebe</sup> pelos Batizados e Primeira Comunhão, realizados em grupos, sob a orientação do professor local. Normalmente os distritos como as secções rurais, têm a

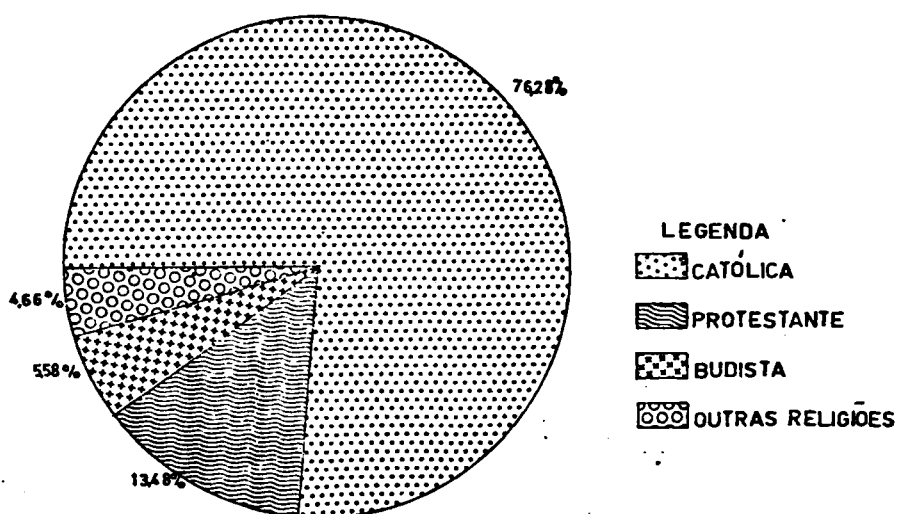
RELIGIÃO DOS MORADORES DA ÁREA RURAL  
JATAIZINHO - 1969

Religião	Nº de Famílias	%
Católica	164	76,28
Protestante	29	13,48
Budista	12	5,58
Outras	10	4,66
TOTAL	215	100,00

Fonte: Inquérito aplicado na área rural de Jataizinho  
1969

TABELA 13

RELIGIÃO DOS MORADORES  
JATAIZINHO - 1 9 6 9



FONTE: INQUÉRITO, APLICADO NA ÁREA RURAL DE JATAIZINHO.

ELABORAÇÃO: M. H. JARRETA E  
M. DE L. DE SIQUEIRA.  
SOB ORIENTAÇÃO DA AUTORA

FIGURA 15

sua igreja ou capelinha, junto ao povoado ou aglomerado, enriquecendo mais o habitat rural.

No que se refere a escolaridade da população rural de Jataizinho, percebe-se que há uma preocupação por parte dos pais, conforme a análise feita, através das escolas isoladas. Os pais já estão mais conscientizados de que a educação primária é necessária à vida. Em Jataizinho como nos municípios vizinhos, as zonas rurais são bem assistidas em relação à educação; há dezenas de casas escolares que permitem o livre acesso da população sem muitos problemas de distância. <sup>Esse aspecto</sup> Evidencia-se, principalmente, no setor sul, onde a pesquisa de campo demonstrou resultados, relacionamento satisfatório, pois no total de 335 alunos que foram questionados, 190 são do sexo masculino (56,72%) e 145 são do sexo feminino (43,28%) (Tabela 14). Constata-se, portanto, que há predomínio da população escolar do sexo masculino sobre a população escolar do sexo feminino. O maior percentual desta população, verifica-se nos alunos que possuíam, na época, 10 anos, sendo 16,43% do total, seguido pelos alunos que contavam com 12 anos, com 14,93%. A faixa etária que vai dos 6 anos aos 10 anos, abrange uma população de 211 alunos, em que se verificou o baixo percentual em relação a faixa etária de 6 a 7 anos. Isto é justificado, porque a população rural não



COMPOSIÇÃO ETÁRIA DA POPULAÇÃO ESCOLAR  
ZONA RURAL DE JATAIZINHO - 1969

Idade (anos)	S e x o		Total	%
	Masc.	Fem.		
06	5	5	10	2,98
07	20	10	30	8,95
08	25	18	43	12,83
09	25	20	45	13,43
10	30	25	55	16,43
11	15	13	28	8,35
12	25	25	50	14,93
13	20	10	30	8,95
14	10	9	19	5,68
15	10	5	15	4,48
16	5	5	10	2,98
TOTAL	190	145	335	100,00

Fonte: Inquérito aplicado na zona rural de Jataizinho  
1969

TABELA 14

tem interesse que a criança participe cedo da vida escolar; em grande parte isto acontece porque os pais acham desnecessário e colocam-nas só depois de 7 ou 8 anos ; muitas vezes, desta forma farão um pouco de economia. Por outro lado, percebe-se que há alunos na faixa etária de 12 até 16 anos, que representa os alunos que procuram as escolas muito mais tarde que os regulares. Portanto mesmo com a idade avançada estão na escola (primária) - quando já deveriam estar concluindo o 1º grau; é representado pela minoria, por exemplo com 16 anos, 2,98 % com 15 anos, 4,48%.

Nota-se que 61,81% do total, são naturais de Jataizinho, vindo a seguir 43 crianças que são nascidas nos estados de São Paulo; de Assaí, município vizinho, vieram 33 crianças (9,86%), e de Londrina, 23 crianças (6,86%). De outros municípios do Paraná, como Ibiporã (2,69%), Rolândia (2,69%), Arapongas (0,89%) , Guaíra (0,89%), não apresentam índices expressivos (Tabela 15).

Cabe salientar que a maioria dos nascidos - em Jataizinho, são filhos de famílias radicadas há muitos anos na própria zona rural, portanto, muitos ainda persistirão na área, embora algumas procurem a cidade.

Verificou-se que os alunos que têm idades

NATURALIDADE DOS ALUNOS DA ZONA RURAL  
JATAIZINHO - 1969

Naturalidade	Nº/Alunos	%
Jataizinho	207	61,81
Estado de São Paulo	43	12,84
Assaí	33	9,86
Londrina	23	6,87
Ibiporã	9	2,69
Arapongas	3	0,89
Guaíra	3	0,89
Guaraci	2	0,59
Engenheiro Beltrão	1	0,29
Porecatu	1	0,29
Uraí	1	0,29
<b>TOTAL</b>	<b>335</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Inquérito aplicado na zona rural de Jataizinho  
1969

**TABELA 15**

superiores a 10 anos, todos trabalham na lavoura, principalmente durante o plantio e a colheita, como vem ocorrendo na do algodão que se utiliza a mão-de-obra familiar, inclusive as crianças menores de 10 anos, pois, coincide com a época das férias escolares (fevereiro).

Na área pesquisada, destacou-se que 19 alunos da área, frequentavam o curso ginásial (1º grau) em Jataizinho, 7 no 2º grau (Jataizinho) e 3 no 3º grau (Londrina). Hoje há uma escola de 5ª e 8ª série na seção Água Branca que atende um grande número da população escolar rural.

Ainda pela pesquisa, observou-se que as famílias não se apresentam muito numerosas <sup>em</sup> sendo <sup>em</sup> média com postas de 5 a 6 pessoas e, esporadicamente, ultrapassando 7 pessoas.

As atividades que esta população rural desenvolve, estão voltadas mais para a agricultura, com exceção de 3 proprietários que desenvolvem a pecuária e 6 que exercem o magistério no próprio local.

Em decorrência  
destas atividades que a população rural exerce na área, é que se estruturou o habitat rural, que não deixará de ser o reflexo do homem paulista, mineiro ou nordestino que calçou, através da sua experiência, a

ocupação do espaço rural de Jataizinho.

3.2. O Habitat Rural .- Numa simples visão do mapa do Habitat Rural da Município de Jataizinho, pode ser percebida uma diferença marcante entre a parte Norte e Sul. O Sul compreende áreas situadas entre o Ribeirão Saltinho, na sua parte mais meridional, nos limites com o município de Assaí, estendendo para o Norte até as proximidades do Ribeirão de Jataizinho. Esta região apresenta características muito definidas em virtude da ocupação que ali se processou, apoiada, principalmente, no cultivo da terra. (Fotos 5-6)

Ao contrário, ao Norte estende-se a faixa de solos mais pobres que tem sido utilizada para a pecuária bovina.

Em virtude destes fatores, o Habitat na por-



Fotos 5-6. Aspectos do Norte de Jataizinho. Na foto superior, vista de uma fazenda localizada à margem da estrada de terra que liga Jataizinho a Rancho Alegre. Observa-se o capim coloniãõ, já cortado, aguardando transporte. Na foto inferior, um dos assalariados da referida fazenda. Ao fundo, o rebanho bovino que constitui a maior riqueza desta parte do município.

ção meridional é, linear, distribuindo-se ao longo do Ribeirão Saltinho, Ribeirão Água Branca, Ribeirão do Tigre, Ribeirão Jataizinho. A rede de drenagem desta área dirige-se a grosso modo, de Sudeste a Noroeste, portanto, seus cursos d'água se apresentam dispostos <sup>paralelamente.</sup> Estes rios acompanham assim a estrutura geomorfológica que caracteriza a região.

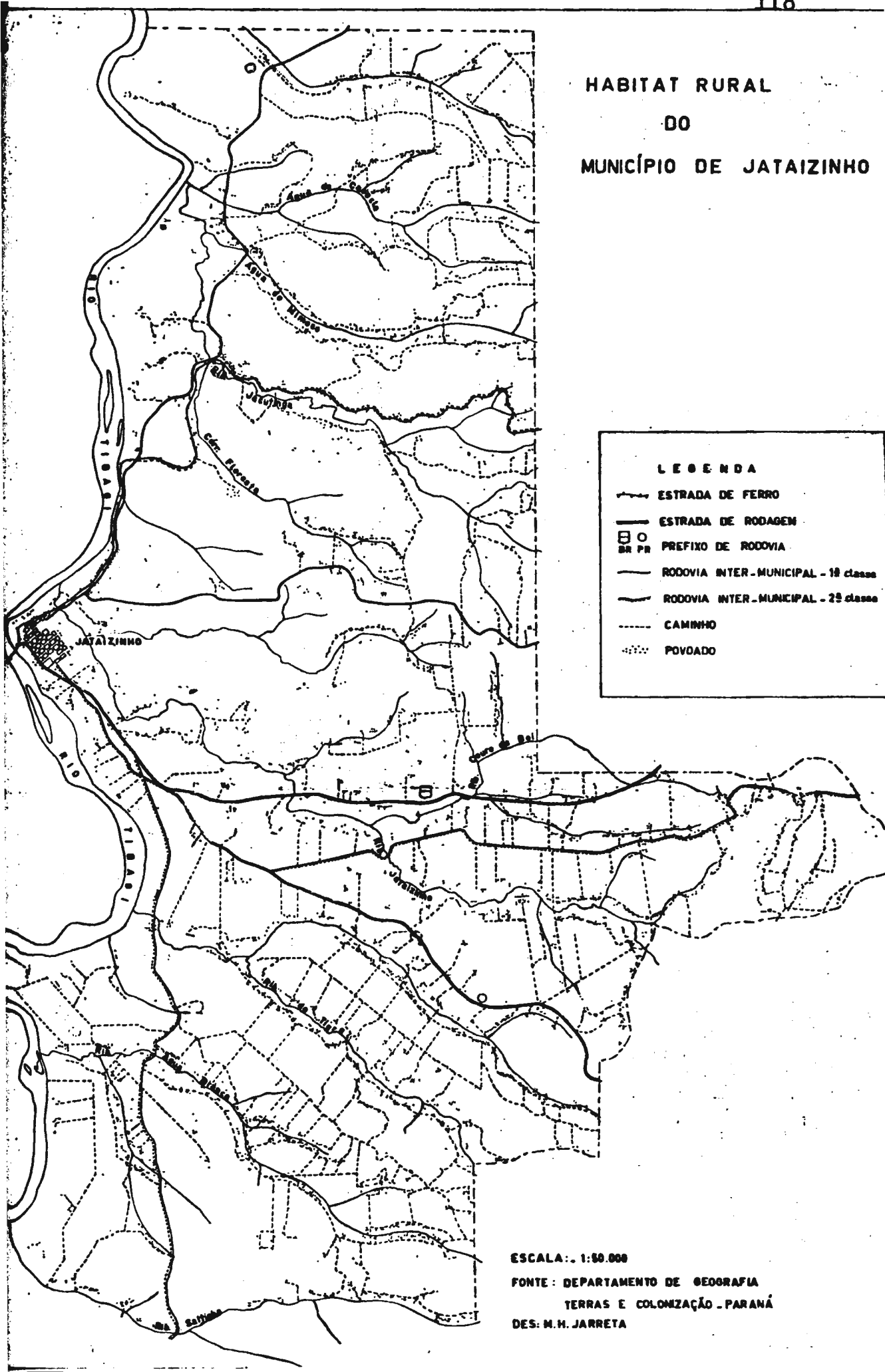
As propriedades apresentam tamanhos diversificados, predominando formas retangulares, tendo as suas frentes voltadas para o sistema de circulação, e terminando nos fundos dos vales. (Figura 16).

As habitações rurais desta porção meridional de Jataizinho, apresentam-se dispersas, isto é, a casa sede e seus anexos fazem parte de cada propriedade. É frequente a distribuição das casas rurais junto aos cursos d'água, devido a facilidade de sua utilização para fins domésticos e, também, agrícolas.

Outra característica que evidencia a ocupação desta área, é em relação aos diferentes grupos étnicos na sua forma de ocupação que reflete a sua herança cultural; em relação às propriedades dos colonos japoneses, italianos que, sempre desenvolveram sua horta, um pomar, para consumo doméstico, ao contrário dos nacio-



HABITAT RURAL  
DO  
MUNICÍPIO DE JATAIZINHO



**LEGENDA**

	ESTRADA DE FERRO
	ESTRADA DE RODAGEM
	PREFIXO DE RODOVIA
	RODOVIA INTER-MUNICIPAL - 1ª classe
	RODOVIA INTER-MUNICIPAL - 2ª classe
	CAMINHO
	POVOADO

ESCALA: 1:50.000

FONTE: DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
TERRAS E COLONIZAÇÃO - PARANÁ

DES: M.H. JARRETA

FIGURA 16

nais que não tem seu hábito. Convém salientar ainda que os japoneses preocupam-se com o paisagismo, desenvolvendo, geralmente, o jardim típico Japonês, em que os elementos: água, rocha, plantas e peixes são indispensáveis.

A área de predomínio da atividade da pecuária localiza-se ao Norte do Ribeirão do Jataizinho estendendo-se além do Ribeirão Água do Caboclo. Nesta região as propriedades rurais são de dimensões maiores do que aquelas do Sul e o seu formato é bastante heterogêneo, com propriedades pequenas ao lado de extensas fazendas, onde se pratica a pecuária extensiva, isto é, criação de gado em invernações, visando a sua engorda para fins de fornecimento ao frigorífico local e aos matadouros. A produção do leite é mais para o consumo local.

A pecuária desenvolve-se nesta porção Norte de Jataizinho, em consequência da topografia e solos mais ácidos e menos férteis que impossibilitaram o desenvolvimento da atividade agrícola, principalmente a cultura do café que exige condições pedológicas e climáticas propícias.

Em virtude desta atividade criatória, percebe-se que a dispersão do habitat rural apresenta - se

mais disperso do que ao Sul.

Geralmente, junto a casa sede da fazenda instala-se também o curral onde ficam estabulados os animais de maior valor econômico ou os reprodutores. Nestas casas sedes da fazenda, praticamente, nada mais existe, além dos estábulos: não se pratica a jardinagem, horta ou pomar; a área circunjacente à habitação apresenta-se nua, sem gramado, <sup>de</sup>chão batido.

Destaca-se no distrito de Frei Timóteo, um aglomerado rural que se desenvolveu junto à estrada ferroviária, e onde o Ribeirão Jacutinga desvia em direção ao norte. Entre a região de estação de ferro Frei Timóteo e o Rio Tibagi, estende-se uma vasta área de solos argilosos, onde se desenvolveu a atividade oleícola que exige mão-de-obra mais numerosa do que a pecuária. Daí justifica-se uma certa concentração populacional nesta área.

Em relação a casa rural como os seus anexos, tanto na porção Sul como na do Norte de Jataizinho, essas feições variam em decorrência da situação financeira de cada proprietário. No início da ocupação contemporânea as casas eram muito modestas, construídas, raramente, de "material"<sup>(93)</sup> e cobertas de telhas. Ao contrário do que podia ser observado em áreas cafeeiras de São Paulo, onde

as casas eram de pau-a-pique, barreado e cobertas de sa

pe, em Jataizinho, as moradias eram feitas de madeira ou de tijolos. A abundância de matéria-prima obtida da floresta latifoliada tropical, a presença de solo argiloso, foram fatores decisivos para estabelecer esta diferenciação. Basta lembrar que as olarias sempre estiveram presentes, na região, como já foi citado acima.

Em Jataizinho, predominam construções como aquelas citadas por MÜLLER<sup>(94)</sup> com o telhado, quase sempre, de duas águas, tendo a parte mais larga voltada para os fundos cobrindo uma espécie de puxado que se prolonga por toda extensão da casa. (Fotos 7-8).

Na área rural de Jataizinho, em 1969, 84,04% das habitações eram de madeira; 9,57% de tijolos; e 6,39% de outros materiais. (Tabela 16). O predomínio das casas de madeira, muitas das quais construídas no período do

---

(93) Termo regional empregado no Norte do Paraná que significa Tijolos, Alvenaria.

(94) MÜLLER, Nice Lecocq - "Apontamentos sobre o Habitat rural no vale do Paraíba" em Anais da Associação dos Geógrafos brasileiros, Volume X, Tomo I, 1958, pag. 206.



Fotos 7-8. Habitações do tempo dos pioneiros. Na foto su  
perior, uma casa de pau-a-pique, com telhado de duas  
águas, coberto de tabuinhas. Na foto inferior, habitação  
da mesma época, também de pau-a-pique, escorada para não  
ruir.

DOMICÍLIO : MATERIAIS EMPREGADOS  
JATAIZINHO - 1969

Parede	Nº/Casas	%
Madeira	158	84,04
Tijolos	18	9,57
Outros Materiais	12	6,39
TOTAL	188	100,00

Fonte: Inquérito aplicado na área rural de Jataizinho

TABELA 16

auge do café, geralmente apresentam pintura na sua parte interior. As habitações construídas de tijolos que revelam um melhor nível econômico de seu proprietário, de um modo geral, são totalmente pintadas. Resta lembrar a presença de <sup>Casas de</sup> ~~de~~ barrotes de pau-a-pique (que muitas vezes eram feitas do caule do palmito- *enterpè edulis*), resquícios de habitações primitivas, feitas com matéria prima local, ainda hoje utilizadas pelos moradores, e outras abandonadas, após o declínio da atividade cafeeira. (Foto 9).

A moradia do lavrador, de modo geral está assentada diretamente sobre o solo, tendo ochão de terra batida, e somente os cômodos básicos; a sala, dois quartos e cozinha.

A maioria das casa não tem forro predominando as de telha vã. Uma minoria (1,6%) das habitações é coberta de zinco. A maior parte (98,40%) das habitações de Jataizinho são recobertas de telha de barro do tipo francesa (Tabela 47); predominam os pisos de madeira (51,88%), seguidos dos de ladrilhos (30,96%) e, apenas uma minoria conta com pisos de tijolos (8,80%); outras, ainda, permanecem com o chão batido (8,36%).

Os equipamentos eletro-domésticos à disposição <sup>dos moradores</sup> da area rural são indícios reveladores do nível de conforto <sup>de</sup> que estes desfrutam. Assim a maioria tem rádio



Foto 9. Habitação de Jataizinho em 1929. A foto mostra a moradia do Senhor Giavarina, a única daquela época que era construída de "material" (alvenaria).



DOMICÍLIO : MATERIAIS EMPREGADOS  
JATAIZINHO - 1969

Cobertura	Nº/Casas	%
Telha de Barro	185	98,40
Folha de zinco	3	1,60
TOTAL	188	100,00

Fonte: Inquérito aplicado na área rural de Jataizinho

TABELA 17

(78,2%), entretanto, poucos contam com ferro elétrico, geladeira, televisão, chuveiro elétrico, máquina de lavar roupa e enceradeira (Tabela 18). O combustível utilizado no fogão continua sendo a lenha. Na maioria das casas (72,87%) <sup>Usam</sup> o fogão a gás, enquanto outros utilizam ambos. Como geralmente acontece nas áreas rurais de Jataizinho também os serviços públicos são deficientes, e, em muitos casos, inexistem. Das casas recenseadas, 61 apenas utilizavam energia elétrica (32,44%); as restantes se serviam de lamparina, lampião a gás ou querosene.

A área rural não é servida pela rede de abastecimento de água e, deste modo, quase todas as habitações (80,31%) tem um poço, geralmente, a pequena distância da cozinha. Os moradores de melhores condições dispõem de "água encanada", isto é, água de poço que é bombeada para o interior da residência que se refere a 25% do total das famílias. A situação é alarmante quando se verifica que poucas habitações utilizam fossa séptica (32,97%) (Tabela 19).

Por todos os dados expostos percebe-se que a população rural de Jataizinho vive em condições precárias de higiene e conforto. As condições sócio-econômicas destes moradores que podem ser percebidas pelo padrão das habitações, seja do pequeno lavrador ou do proprietário de maiores recursos, constituem um dos elementos fundamentais

DOMICÍLIO : EQUIPAMENTOS ELETRO-DOMÉSTICOS  
 JATAIZINHO - 1969

Utensílios Domésticos	Nº	%
Rádio	147	78,20
Fogão à Lenha	137	72,87
Fogão à Gás	53	28,19
Ferro-Elétrico	44	23,40
Geladeira	32	17,02
Televisão	24	12,76
Chuveiro Elétrico	20	10,63
Máquina de Lavar	14	7,44
Enceradeira	6	3,19

Fonte: Inquérito aplicado na área rural de Jataizinho

TABELA 18

DOMICÍLIOS : UTILIZAÇÃO DE ÁGUA, LUZ E FOSSA  
JATAIZINHO - 1969

Especificação	Habitação	%
Poço	151	80,31
"Água Encanada"	47	25,00
Fossa Séptica	62	32,97
Luz Elétrica	61	32,44

Fonte: Inquérito aplicado na área rural de Jataizinho

TABELA 19

na caracterização da estrutura fundiária.

Na área pesquisada o Habitat rural ~~apresenta~~ algumas instituições de grande valia: escola, igreja e associação, que representam um fator de coesão social na comunidade rural. Em Jataizinho, a escola é a instituição de maior importância, razão pela qual ela se faz presente em quase todas as secções de Jataizinho, onde além de oferecer aos discentes a instrução aliada à educação, procura, ainda, dar assistência aos lavradores, através de palestras ou reuniões dirigidas por órgãos governamentais ou particulares, como foi observado na época das campanhas promovidas pela Secretaria da Saúde contra o poliomelite e a varíola. Nela, a população reúne-se para receber as devidas informações, como também se servem delas para a realização de festas folclóricas ou mesmo religiosas. As escolas da zona rural de Jataizinho estão sob a responsabilidade tanto do Estado como do município, portanto, há professores que procedem de municípios vizinhos, como Assaí e Ibipoã.

A igreja é outra instituição que exerce na comunidade rural, a coesão social, através de suas funções próprias, além de outras que, muitas vezes, assume. Geralmente, as secções possuem uma igreja ou capela onde o povo pode fazer as suas preces, pois, como há poucos sacerdotes, nem sempre aos domingos realizam-se as missas

mas <sup>so</sup> em dias pré determinados. Através da igreja são realizados trabalhos de ordem cultural e social, encaminhando seus fiéis, a uma vida mais sadia e cristã. Os fiéis utilizam o pátio das igrejas para as comemorações em homenagem ao Santo Padroeiro, organizando quermesses, bingos e apresentando : peças teatrais ou filmes de caráter religioso.

Nesta área a Associação Japonesa "Kai", que tem por objetivo congregar as famílias não só de origem nipônica mas, também, brasileira, procura esclarecer questões de ordem sócio-cultural, política e econômica. Esta associação é de importância para a comunidade local, porque serve de elo entre os elementos das diversas comunidades. É por meio dela que a cultura e a tradição são preservadas, passando de geração em geração. Como se observou existia o Salão "Kai-Kan", onde funcionava a escola japonesa, sendo por meio desta que se desenvolviam todas as atividades esportivas, artísticas e agrárias. Importante notar que a associação através de sua diretoria, eleita pelos membros da mesma é responsável pelas comemorações cívicas e festas tradicionais, como a de "Undo -Kai" (Atletismo e desportos). Desta festa que se realiza, geralmente, no 1º dia de maio (homenagem ao Imperador) pessoas de todas as idades participam. Desta forma a comunidade rural, tem um centro social onde podem passar horas de ,la

fer, praticando esportes, danças, cantos e músicas, culinária e artes florais (IKEBANA). Nota-se que a associação japonesa desenvolve na comunidade a verdadeira aculturação.

O esforço conjunto do governo e da comunidade fez com que a área rural de Jataizinho passasse por uma série de transformações para apresentar a paisagem geográfica atual que, <sup>por sua vez,</sup> ainda modificará no tempo e no espaço.

A estrutura da área rural de Jataizinho <sup>e</sup> caracterizada pela pequena propriedade, fundamentada <sup>por</sup> em grupos de agricultores da classe média. Isto se notou durante o período de 1950 a 1960 (Tabela 20) quando houve um aumento de 55,49%, ao número de estabelecimentos, sendo que no ano de 1970, <sup>ocorreu</sup> um decréscimo brusco de 11,42 % na área rural, o que pode ser explicado, primeiro pela subdivisão de terras, fato muito comum entre os migrantes por questão de herança e, segundo, pela forma utilizada nestes levantamentos <sup>(95)</sup>. A análise feita, demonstrou que o número de estabelecimentos rurais decresceu muito, em 1970; de 1656 estabelecimentos reduziu-se para 343 estabelecimentos, o que representa uma queda de

---

(95) INCRA, Sistema Nacional de Cadastro Rural - Divisão geral dos cadastros - Recadastramento 78.

MUNICÍPIO DE JATAIZINHO  
OCUPAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS RURAIS

Características	1950	1960	1970
Nº de Estabelecimentos	919	1.656	532
Área	29.636ha	25.929ha	14.907ha
Cult.Temporária	7.144ha	7.515ha	6.117ha
Cult.Permanente	8.090ha	9.605ha	533ha
Mata	7.665ha	1.143ha	52ha
Reflorestamento	2,44ha	1,18ha	34ha
Pastagens Naturais	6ha	7,18ha	701ha
Pastagens Artificiais	4.220ha	5.150ha	5.838ha

Fonte: FIBGE

TABELA 20



207,12%. Este fenômeno, pode ser visto como um dos sintomas proporcionados pela crise econômica, <sup>ou pelo</sup> recuo dos cafeeiros em função do incremento das novas culturas. Vários fatores são responsáveis por esta crise, como: erradicação do café, o próprio mercado e a intensa urbanização. (Foto 10).

Há uma tendência da expansão das áreas destinadas às pastagens artificiais e recuo das áreas ocupadas pela cultura permanente, esta sendo substituída pelas culturas anuais.

No mapa de Jataizinho ~~ocorre~~ o predomínio de pequenas propriedades, refletindo o que aconteceu, também, na própria micro-região "Algodoeira de Assaí".

Do total de estabelecimentos investigados 86,52% representavam propriedades <sup>de dimensões</sup> inferiores a 30 alqueires e, 13,48% correspondiam às propriedades <sup>com extensões</sup> superiores a 30 alqueires (Tabela 21) denotando que há um predomínio de pequenas propriedades.

Esta característica está ligada à própria organização inicial do espaço, que consistia em pequenas propriedades para que, <sup>assim,</sup> fossem facilitadas as vendas e, conseqüentemente, o povoamento <sup>se fizesse</sup> em curto espaço de tempo. Se este fato foi favorável no passado, hoje este



Foto 10. Aspecto de Jataizinho no início da década de 30. Nessa época, apenas uma igreja e algumas casas assinalavam a presença do homem neste trecho de Jataizinho. Atualmente nesta área estão a Praça Frei Timóteo e parte da Avenida Paraná.

DISTRIBUIÇÃO DAS PROPRIEDADES RURAIS  
JATAIZINHO - 1969

Em alqueires	Nº/Imóveis	%
00 - 05	42	21,76
06 - 10	42	21,76
11 - 20	45	23,31
21 - 30	38	19,69
31 - 40	6	3,11
41 - 50	8	4,15
+ de 50	12	6,22
<b>TOTAL</b>	<b>193</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Inquérito aplicado na área rural de Jataizinho

TABELA 21

já não é.

O número de imóveis superiores a 31 alqueires cada vez mais se torna insignificante , perfazendo um total de 13,48%, em 1969 ; por outro lado as pequenas propriedades cada vez mais se rarefazem, deração o tipo de atividade e que dependam dos fatores físicos como o relevo e o solo.

O que se pode comprovar é que está se processando por áreas que foram ocupadas pelo café, não mais o retalhamento , mas, sim a anexação de pequenas propriedades devido às culturas de soja e do trigo.

4. O uso da terra

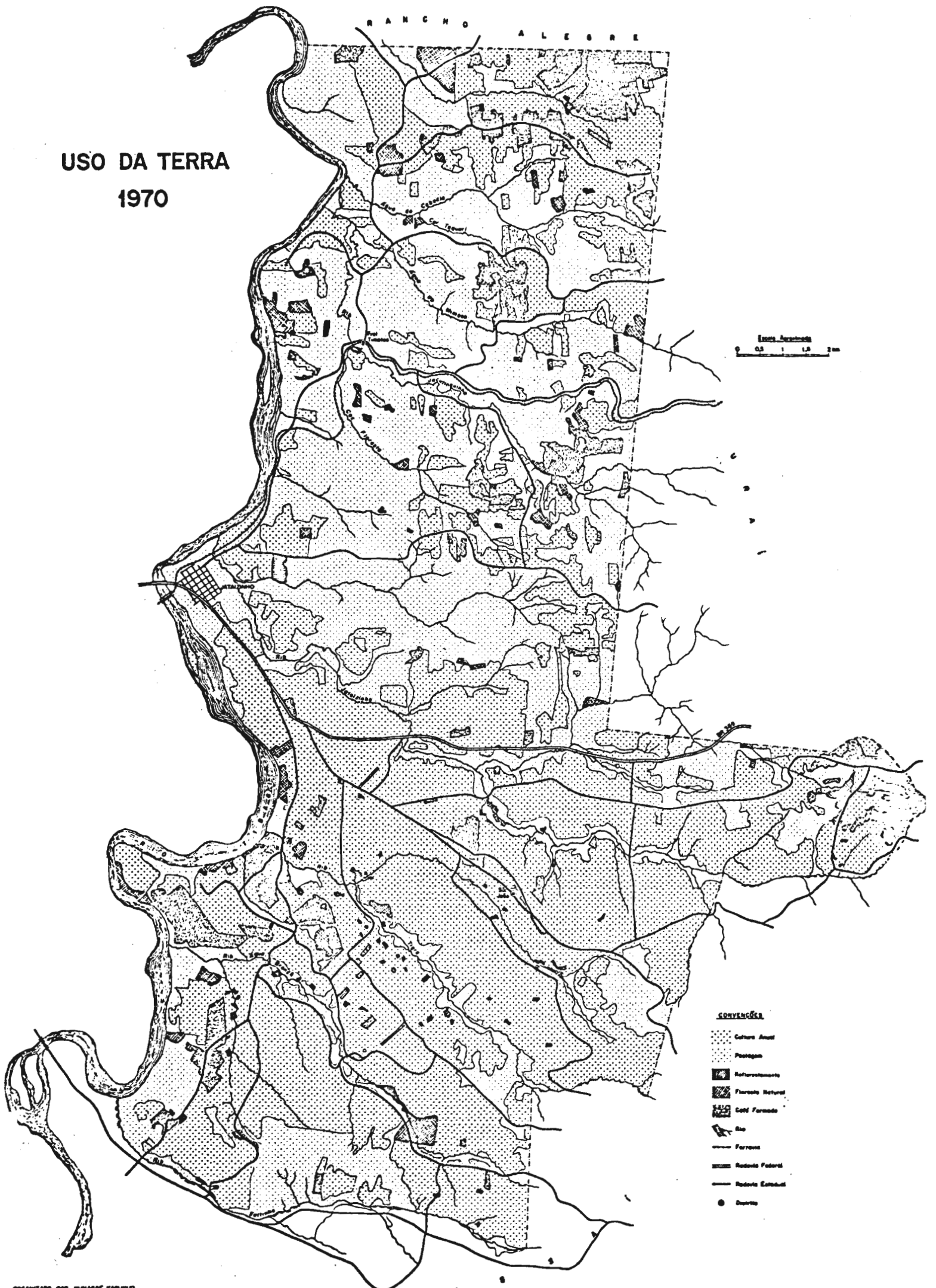
4.1. Atividades agrárias

4.2. Outras atividades

**4.1. Atividades agrárias:** o uso da terra (figura 17) em Jataizinho está apoiado, principalmente, na agricultura em virtude das já assinaladas condições do relevo, do solo e do clima. A vocação agrícola de Jataizinho evidenciou-se, desde o princípio da ocupação de seu espaço quando, em meados do século XIX, ali se instalou a Colonia Militar e o Aldeamento de São Pedro de Alcântara. No início deste século, entretanto, houve uma retomada na ocupação do espaço desta área favorecida pela expansão dos cafezais que, estendendo-se por todo o Norte Velho, atingiram, também, Jataizinho.

O inquérito aplicado na área rural de Jataizinho em 1969 (figura 18), demonstrou que mais da metade dos agricultores (51,75%) cultiva o algodão, enquanto que o restante está empenhado no cultivo do café (10,68%), do milho (8%), do feijão (7,46%), do trigo (4,26%), do arroz (4,26%), do amendoim (4%), da uva (3,73%) e de outros produtos como o girassol e o rami (5,86%) (Tabela 22).

## MUNICÍPIO DE JATAIZINHO

USO DA TERRA  
1970

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS.  
JATAIZINHO - 1 9 6 9

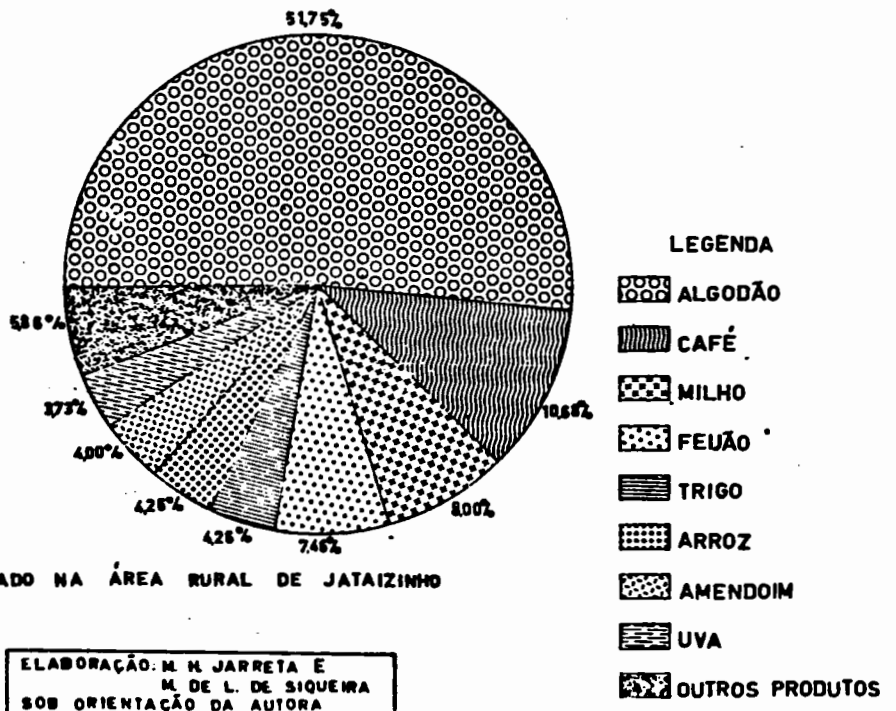


FIGURA 18



Jataizinho  
Principais produtos agrícolas  
- 1969 -

Produtos agrícolas	Agricultores	
	Nº	%
Algodão .....	194	51,75
Café .....	40	10,68
Milho .....	30	8,00
Feijão .....	28	7,46
Trigo .....	16	4,26
Arroz .....	16	4,26
Amendoim .....	15	4,00
Uva .....	14	3,73
Outros produtos .....	22	5,86
<b>Total .....</b>	<b>375</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Inquérito aplicado na área rural de Jataizinho.

TABELA 22

Percebe-se assim, que, ao lado de uma cultura tradicional, o café registrava-se uma tendência à diversificação objetivando atender mercados diferentes através da policultura. Nesse particular, um aspecto interessante foi o da produção da uva Itália, a climatada na região a fim de se obter um amadurecimento precoce, em relação as outras áreas produtoras. Desta forma, a uva Itália produzida em Jataizinho podia ser colocada no mercado em meados de outubro, antes da época em que era feita a colheita das outras áreas e, assim sendo, por ser temporã, alcançava preços mais compensadores. Esta situação perdura até os dias atuais.

Entre as oleaginosas cultivadas no Paraná destaca-se o algodão que nos últimos anos vem sobressaindo no panorama econômico regional. O incremento da cotonicultura está ligado à expansão das indústrias de óleos e, também, à crescente demanda de sementes pelos mercados nacional e internacional.

O algodão, cultura temporária que exige grandes cuidados para uma boa rentabilidade, encontrou nos solos de terra-roxa, no clima quente com chuvas bem distribuídas e no relevo ondulado do Norte do Paraná, condições altamente favoráveis para seu cultivo. Introduzido no Paraná a partir da década de 30, ao mesmo tempo em que começou a ser cultivado em São Paulo, o algodão substituiu o café prejudicado, principalmente, pela crise de 1929. A partir da zona do norte pioneiro paranaense, onde se iniciou de uma forma bastante inexpressiva, a cultura do algodão expandiu-se para o Norte

Novo e Oeste do Estado.

No Paraná, assim como ocorreu em São Paulo, o algodão foi cultivado para atender a crescente demanda industrial. As safras, entretanto, mostraram-se irregulares, principalmente no Norte Novíssimo e no Oeste paranaense, onde os cotonicultores não dispunham do capital e da técnica necessária para alcançar resultados compensadores. Todavia, no norte pioneiro, a Micro-região Algodoeira de Assai, em virtude da presença de manchas relativamente extensas de solos de terra-roxa, obteve excelentes resultados. A produção desta área, no período de 1959-1964, não são ocupou o primeiro lugar no Estado, o que determinou a liderança do Paraná no panorama brasileiro como, também, registrou a mais alta produtividade por hectare.

Em Jataizinho, (Tabela 23) parte integrante da Micro-região Algodoeira de Assai, a cotonicultura iniciou-se a partir dos primeiros anos da década de 50. Sua produção, relativa ao período de 1950-1970, mostra uma grande oscilação, não são no que se refere à área cultivada mas, também, nas toneladas produzidas. Assim, a produtividade por hectare aumentou nos períodos de 1950-1952 e 1959-1960, justamente quando a Micro-região Algodoeira de Assai deteve, em todo o Brasil, o mais alto ndice de produtividade por hectare, fato que mostra a participação de Jataizinho na economia regional. Por outro lado, este aumento da produtividade parece estar ligado, entre outros fatores,  tendência generalizada que se registrou nes

Jataizinho  
 Áreas cultivadas e produção de algodão  
 1950 - 1970

Ano	Área cultivada (em ha.)	Produção (em ton.)
1.950 .....	6.634	..... 1.725
1.951 .....	6.171	..... 4.950
1.952 .....	6.050	..... 5.025
1.953 .....	5.566	..... 4.635
1.954 .....	5.445	..... 4.170
1.955 .....	5.990	..... 4.703
1.956 .....	7.187	..... 5.422
1.957 .....	7.030	..... 3.267
1.958 .....	-	..... -
1.959 .....	7.980	..... 8.970
1.960 .....	8.784	..... 9.867
1.961 .....	8.980	..... 7.800
1.962 .....	8.978	..... 11.196
1.963 .....	8.940	..... 13.703
1.964 .....	5.445	..... 13.703
1.965 .....	4.000	..... 3.990
1.966 .....	3.800	..... 4.050
1.967 .....	3.800	..... 3.780
1.968 .....	3.500	..... 4.200
1.969 .....	3.800	..... 5.700
1.970 .....	4.131	..... 4.535

Fonte: IBGE

TABELA 23

ta época pela crescente demanda do algodão para as indústrias têxteis e pela utilização de gorduras não saturadas, o que implicou na instalação de numerosas usinas de beneficiamento deste produto.

Além disso, os cotonicultores foram beneficiados com incentivos através da Secretaria da Agricultura do Estado, que forneceu-lhes sementes de boa qualidade e pelo Banco do Brasil, que proporcionou-lhes não só recursos financeiros, mas, também, a garantia de colocar sua produção no mercado externo. Foi assim que muitos dos cotonicultores estabelecidos em Jataizinho fizeram deste município um importante produtor de algodão.

A produção algodoeira de Jataizinho, no período considerado (1959-1964) mostra que houve quedas a partir de 1965, que foram se acentuando até 1970. Através de observações posteriores verificou-se que de 1964 até os dias atuais a produção vem oscilando entre 3 e 5 mil toneladas, sendo que não se registrou a produção alguma comparável ao período do auge da cotonicultura em Jataizinho. A decadência da produção de algodão em Jataizinho tem uma série de explicações. Uma delas foi o cansaço do solo pela utilização de técnicas inadequadas, embora muitos dos cotonicultores utilizassem inseticidas, fungicidas, terracramento e curvas de nível e continuassem com elevada produtividade. Em algumas propriedades, entretanto, não foi respeitado o descanso prolongado do solo e a rotatividade das culturas que possibilitassem a recuperação das perdas dos elementos nutrientes básicos, imprescindível para a cultura do algo-

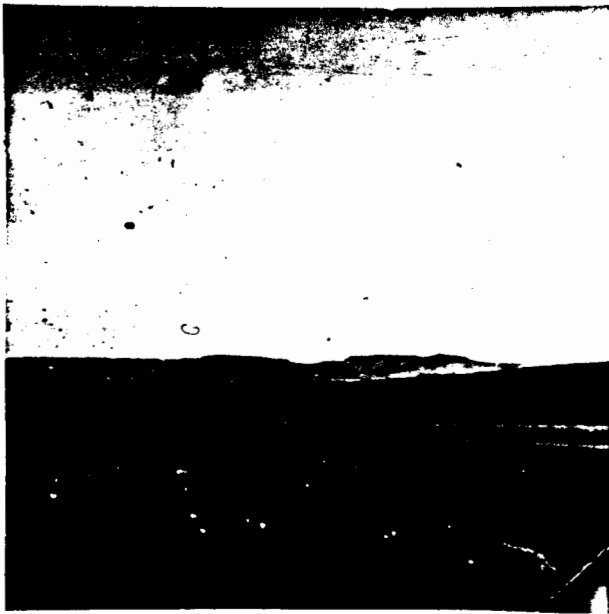


FOTO 11. Cultura de algodão em Jataizinho. A foto registra a época da floração do algodão, em dezembro de 1979, num dos sítios localizados às margens da BE-369.

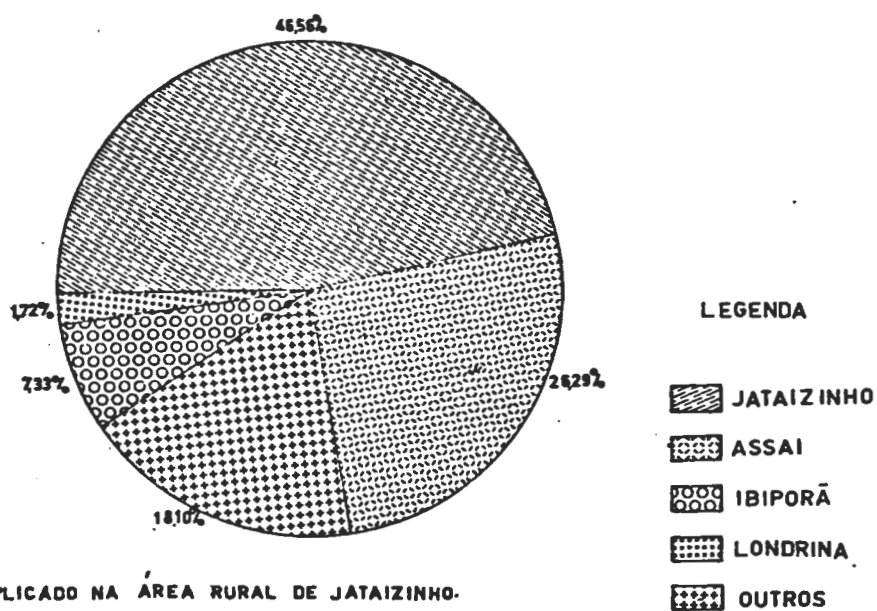
dão. Além disso, deve ser destacado que, em Jataizinho, a obediência a estas condições foi dificultada pelas pequenas dimensões das propriedades pois, deixando o solo em repouso, ou alternando as culturas, o cotonicultor deixaria também de produzir e, conseqüentemente, de auferir lucros naquele ano. Em razão desta situação, principalmente os pequenos proprietários preferiram outras culturas temporárias e não mais retornaram a cotonicultura.

Porém, a Companhia Agropecuária de Fomento Econômico (Café do Paraná), responsável pelos insumos no Estado, interessada em aumentar a produtividade algodoeira vêm prestando assistência técnica aos cotonicultores.

Na região de Jataizinho, como ocorre em todo o Norte do Paraná, a semeadura do algodão é feita de setembro a dezembro. De um modo geral, as sementes são lançadas no solo, devidamente preparado, no local definitivo, em duas etapas. Esta medida evita que a ocorrência do granizo, de secas ou de chuvas abundantes que podem comprometer o desenvolvimento das plantas, aniquilem, ao mesmo tempo, as duas áreas cultivadas. Deste modo, quando ocorrem os citados fenômenos, ou uma das áreas ainda não foi semeada e assim a perda é parcial, ou as plantas já estão mais desenvolvidas e, portanto, mais resistentes e a safra está garantida. (Foto 11).

Durante o desenvolvimento do algodoal, que ocorre de dezembro a fevereiro, a planta cumpre seu ciclo normal produzindo

DESTINO DA PRODUÇÃO ALGODOEIRA  
JATAIZINHO - 1 9 6 9



FONTE: INQUÉRITO APLICADO NA ÁREA RURAL DE JATAIZINHO.

ELABORAÇÃO: M. H. JARRETA E  
M. DE L. DE SIQUEIRA  
SOB ORIENTAÇÃO DA AUTORA

FIGURA 19



flôres que se transformam em 'maçãs' que, por sua vez, secam e arrebentam. De fevereiro até meados de maio é feita a colheita. Esta situação, porém, pode ser alterada, pela ocorrência dos já citados fenômenos climáticos, ou pelo ataque de pragas.

De um modo geral, o cultivo do algodão é feito pelo proprietário e seus familiares; na falta de pessoal em número suficiente para desenvolver as tarefas necessárias, o proprietário recorre à mão-de-obra assalariada recrutada na própria região. Estes assalariados ("boias-frias"), constituem mão-de-obra temporária e seguem para as áreas do cultivo do algodão em grandes levadas, principalmente, na época da colheita. Nesta ocasião, todos participam, sem distinção de sexo ou idade.

Ultimamente, o pessoal que exerce tarefas nos algodais vem rareando porque a mão-de-obra, especialmente a feminina que procede da periferia urbana, prefere deslocar-se à procura de trabalho nas cidades. Quando o agricultor é associado a cooperativas o produto da colheita é absorvido por elas, caso contrário, segue para as algodoieiras instaladas em Jataizinho e adjacências.

O inquérito aplicado na área rural de Jataizinho em 1969, (figura 19) mostrou que 46,56% dos cotonicultores colocam sua produção no próprio local; 26,29% em Assai; e o restante distribuiu-se entre Ibiporã (7,33%), Londrina (1,72%) e outras localidades (18,10%) (Tabela 24).

Jataizinho  
Destino da produção algodoeira  
- 1969 -

CIDADE	Propriedades	
	Nº	%
Jataizinho .....	108	46,56
Assaí .....	61	26,29
Ibiporã .....	17	7,33
Londrina .....	4	1,72
Outras localidades .....	42	18,10
<b>TOTAL .....</b>	<b>232</b>	<b>100 %</b>

Fonte: Inquérito aplicado na Área Rural de Jataizinho.

TABELA 24

A maior parte do caroço do algodão resultante do beneficiamento primário é destinada ao atendimento das indústrias de óleos vegetais existentes no Paraná. Do processamento industrial do caroço do algodão resultam diversos produtos e sub-produtos como o linter (96), óleo refinado, "torta-farelo" e resíduos.

A produção de algodão em pluma é, quase toda, destinada a São Paulo, onde é comercializada junto às indústrias têxteis sendo que, parte dela é exportada pelo porto de Santos (97). São poucas as indústrias paranaenses que consomem algodão em pluma. Além disso, também é reduzida a exportação pelo Porto de Paranaguá, pois em 1969 foi de apenas 15 mil ton. Esta situação modificou-se recentemente, devido à instalação de novas unidades de represagem.

A cotonicultura no Norte do Paraná propiciou a instalação de dezenas de indústrias de beneficiamento, sendo que, em 1970 11 delas estavam localizadas na Micro-região Algodoeira de Assai (8 em Assai e 3 em Jataizinho) o que ampliou o mercado de trabalho local e regional. Atualmente, com a já citada queda de produção, que se verificou não só em Jataizinho como também em todo o Norte Paranaense, apenas permanecem em Jataizinho uma delas, pois as outras

---

(96) Linter: lanugem que fica presa à semente do algodão depois de beneficiado.

(97) Diversos autores. "Produção Agrícola no Paraná", em Revista Paranaense de Desenvolvimento, nº 19, p.40.

duas foram extintas.

A cultura da soja, que na década de 50 estava concentrada no Rio Grande do Sul, surgiu na economia paranaense somente a partir de 1972. No Norte do Estado, a soja foi iniciada em 1960, em áreas antes ocupadas com o algodão.

No Estado do Paraná, a cultura da soja tem se expandido pelas regiões Oeste, Sudoeste e Norte devido às condições ecológicas favoráveis. Assim, o relevo, suavemente ondulado, propiciou a mecanização e, consequentemente, contribuiu para a expansão da cultura dessa leguminosa; por outro lado, a soja adapta-se, facilmente, a qualquer tipo de solo e resiste bem às variações climáticas, o que é mais um fator favorável para a expansão das áreas cultivadas.

No sul paranaense, a soja aparece consorciada ao cultivo do trigo, do centeio e da aveia, enquanto que ao norte, as áreas antes ocupadas por culturas de café, feijão, arroz, milho e algodão vêm sendo transformadas em zonas de produção de soja associada ao trigo. A maior parte da área cultivada com soja no Estado do Paraná é encontrada no Oeste, que em 1970, respondeu por 50% do total produzido nesta unidade da Federação e na região Nor-

te que, na mesma época, contribuiu com, aproximadamente, 43% do total. Embora a Micro-região Algodoeira de Assai não tenha alcançado grande projeção na sojicultura, esta vem sendo incrementada, desde o fim da década de 60.

Em Jataizinho (Tabela 25) a sojicultura foi iniciada a partir de 1967 e, também, consorciada ao trigo. Embora os três primeiros anos registrassem produção pouco significativa, a partir de 1970 as medidas visando incrementar esse cultivo surtiram efeito, pois a produção passou de 36 para 805 toneladas. Todavia, em 1975 e 1976 o ritmo de produção aumentou ainda mais, sendo que no último ano mencionada alcançou 5 910 toneladas, acusando um crescimento de 734%. Este fato deve-se ao aprimoramento das técnicas de cultivo, à utilização de insumos modernos, à introdução de variedades mais produtivas e, também, às condições favoráveis do mercado.

A crescente demanda da soja por parte do mercado externo, seu alto valor de comercialização, além do bom preço alcançado pelos seus sub-produtos, como por exemplo o óleo e o farelo, justificam o interesse dos industriais que, indiretamente, concorrem para aumentar a exportação paranaense que é feita através dos portos de Santos e Paranaguá.

Jataizinho  
Área cultivada e produção de soja  
1967 - 1976

ANO	Área cultivada (em ha.)	Produção (em ton.)
1967	25	33
1968	30	36
1968	30	36
1970	574	805
1975	300	715
1976	5571	5910

Fonte: IBGE

**TABELA 25**

A produção e o comércio da soja no Paraná, en tretanto, ainda não atingiu seu pleno desenvolvimento. Pa ra que isto aconteça é necessário que prossigam as pes quisas no sentido de se obter maior produção e, também, variedades mais resistentes; ( 98) é preciso ainda que haja garantia das cooperativas para a comercialização da produção; que o C.F.P.(Conselho Federal de Preços)fi- xe preços mínimos mais justos; e que haja maior disponi bilidade de máquinas colhedei- ras. Somente desta forma o Paraná poderá obter a liderança da produção de soja.

O cultivo da soja em Jataizinho é feito de mo- do idêntico ao que se observa no restante do Norte do Pa raná. Semeada de outubro a dezembro, a soja só pode ser colhida entre março e maio. Isto é feito mecanicamente, através de colheitadeiras e para que a coheita se faça de modo satisfatório, os grãos devem estar bem secos. Mui tas perdas podem ser evitadas se forem seguidos alguns preceitos técnicos, como realizar a colheita na época certa; limpar e operar convenientemente a colheitadeira; preparar o solo de forma a não prejudicar a mecanização; semear na época correta e com espaçamentos adequados; uti

---

( 98) ALCOVER, Nilon. "Rotação das culturas e sistemas de produção", em Manual Agropecuário para o Para- ná", Curitiba, 1976, p. 156.

lizar variedades recomendadas para a colheita mecanizada ; e manter a limpeza dos canteiros.

Embora sendo de cultivo relativamente fácil, a soja está sujeita ao ataque de pragas que podem danificar suas folhas, provocar manchas nas vagens e ocasionar a podridão das sementes. Para combatê-las, os sojicultores empregam fungicidas e utilizam a calagem.

A cultura do milho desenvolveu-se de maneira promissora em todo o Estado do Paraná. Em 1970, sua produção só foi superada pela do café, sendo que os períodos de maior produtividade coincidiram com aqueles já apontados para o algodão. Um dos fatores que explica o seu sucesso no Paraná e, principalmente, no Oeste e Sudoeste do Estado, é o fato de estar associada à criação de suínos, constituindo o que se costuma chamar de binômio milho-porco, pois, a exemplo que se verifica nas zonas coloniais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, a produção é destinada à engorda destes animais. Todavia, nas regiões Norte e Centro do Paraná, onde isto não acontece, a produção está inteiramente voltada para a comercialização.

Em Jataizinho, o milho é semeado de setembro a dezembro (Figura 20) em covas de pequena profundidade ( 10-15cm), num espamento de 5 a 6 plantas por metro. O



# JATAIZINHO

## 1970

### Calendário Agrícola

Produtos	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Algodão	◐	◑	◒	◓	◔					○	○	◐
Arroz	◐	◑	◒	◓					○	○	○	◐
Feijão	○	○	◐	◑	◒			○	○	◐	◑	◒
Mandioca	◐	◑	◒	◓	◔	◕		○	○	○	◐	◑
Milho	◐	◑	◒	◓	◔				○	○	○	○
Trigo				○	○	◐	◑	◒	◓	◔		
Soja	○	◐	◑	◒	◓					○	○	○

Fonte: Secretaria da Agricultura

Legenda:

Plantio

Desenvolvimento

Colheita



FIGURA 20

cultivo do milho é relativamente simples e pode ser desenvolvido sem grandes cuidados. Todavia, regularmente, deve ser feita a "carpa" nos carregadores, em virtude do aparecimento de ervas daninhas cujo crescimento é estimulado pelas chuvas abundantes que ocorrem no período de formação do milharal. O ciclo de desenvolvimento do milho é de cerca de três a quatro meses quando, então, pode ser colhida a espiga, ainda verde, de larga utilização na culinária que é, também, comercializada em mercados e feiras livres. De abril a maio é colhido o milho maduro que é armazenado nos paióis e, depois de debulhado, segue para as fecularias. Nestas o milho é beneficiado segundo os processos corriqueiros para ser transformado em fubá, canjica, quirera e farinha.

No período de 1950-1970 (Tabela 26), a área cultivada com milho em Jataizinho, bem como a produção deste cereal revelou uma oscilação muito grande. Esta cultura, porém, não foi incrementada objetivando dar-lhe maior realce na economia estadual. Assim, a produção que em 1950 foi de 2 880 toneladas, sofreu um pequeno acréscimo no ano seguinte para, novamente, retornar à cifra anterior. As maiores produções registraram-se entre 1959 e 1969, girando por volta de 5 a 7 toneladas

Jataizinho  
 Área cultivada e produção de milho  
 1950 - 1970

ANO	Área cultivada (em ha.)	Produção (em ton.)
1.950	2.882	2.880
1.951	3.388	3.600
1.952	3.461	2.700
1.953	4.477	3.420
1.954	6.716	5.664
1.955	5.043	1.998
1.956	6.050	4.500
1.957	6.352	3.150
1.958	-	-
1.959	7.019	5.220
1.960	7.018	6.960
1.961	7.018	6.960
1.962	7.018	7.020
1.963	6.799	6.600
1.964	-	-
1.965	6.845	7.440
1.966	6.550	7.110
1.967	6.555	5.949
1.968	3.300	36
1.969	3.400	5.300
1.970	790	1.225

Fonte: IBGE

**TABELA 26**

e, outra vez, ocorreu uma queda brusca em 1970 quando foram registradas 1 225 toneladas.

No que se refere à área cultivada em hectares, não ocorreu fato algum que pudesse indicar uma excepcional produtividade, exceto em 1969 quando 5 304 toneladas foram colhidas de 3 400 ha.. Entretanto, ocorreram baixas na produtividade dos anos de 1953, 1955 e 1957.

O feijão, leguminosa bastante sensível às variações climáticas, pode ter sua produção afetada quantitativa e qualitativamente, caso ocorram ventos frios, geadas ou chuvas pesadas e prolongadas. Além disso, o feijão mostra-se também muito sensível às temperaturas elevadas que podem acelerar o processo de amadurecimento e prejudicar a formação dos grãos. Essa cultura exige ainda cuidados especiais durante o seu crescimento, entre eles, aplicações de herbicidas para evitar a proliferação de ervas daninhas e, conseqüentemente, perdas de produção.

No Paraná, o cultivo do feijão é feito em quase todo o Estado que, por isso, vem se destacando na produção brasileira. No Norte e Oeste paranaense o feijão das secas e o das águas são cultivados, respectivamente, de janeiro a maio e de agosto a dezembro. A região Sudoeste, todavia, destaca-se por ser a mais produtiva, em vir

tude de suas condições climáticas e pedológicas serem altamente favoráveis ao cultivo do feijão.

O feijão é semeado em covas rasas (2-3 cm), dispostas a cada 20cm, formando fileiras que são separadas por espaçamentos de 50cm. O ciclo do feijão completa - se entre 90-95 dias após o que é feita a colheita, através de colheitadeiras. No Norte paranaense são cultivados os tipos "Aroana" (Chumbinho), "Piratã" (Mulatinho) e "Carioca".

Em Jataizinho, as condições de cultivo são semelhantes às do Norte Paranaense. Geralmente o feijão aparece intercalado aos cafezais ou associado ao milho, sendo que apenas 30% é cultivado isoladamente. Em Jataizinho esta cultura apresenta-se irregular, tanto no que se refere à área cultivada quanto no que diz respeito à produção. Estas oscilações podem ser claramente percebidas através da análise dos dados relativos ao período de 1950-1970 (Tabela 27). Verifica-se que houve um aumento da área cultivada em 1954, quando esta se estendeu por 11 808 ha. A partir desse ano ocorreram oscilações consideráveis até 1959, quando se iniciou a retração das áreas cultivadas que registraram seu mínimo em 1970( 193ha).

De um modo geral, a produção sofreu quedas me-

Jataizinho  
 Área cultivada e produção de Feijão  
 1950 - 1970

ANO	Área cultivada (em ha.)	Produção (em ton.)
1.950	6.850	3.180
1.951	8.301	8.100
1.952	9.686	3.540
1.953	9.680	4.740
1.954	11.808	5.076
1.955	7.381	2.238
1.956	8.833	2.712
1.957	8.736	4.029
1.958	-	-
1.959	4.344	2.482
1.960	3.896	2.898
1.961	3.896	2.898
1.962	3.727	2.460
1.963	4.290	3.226
1.964	2.200	1.576
1.965	2.010	1.488
1.966	1.089	1.928
1.967	1.820	1.742
1.968	4.650	1.080
1.969	1.425	1.524
1.970	193	92

Fonte: IBGE

TABELA 27

nos acentuadas porém mais críticas. Por exemplo, a produção que, em 1951 era de 8100 toneladas declinou, no ano seguinte, para 3 540 ton; além disso, no período de 1964 a 1969, esta manteve-se praticamente estável, em torno de 1500 ton para acusar, em 1970, a reduzida quantidade de 92 toneladas. A produtividade em relação à área cultivada também revelou uma série de oscilações, como por exemplo em 1951 quando foram colhidas 8 100 ton de uma área de 8 100 ha, enquanto que em 1954, apenas 5 076 toneladas foram obtidas de 11 808 ha.. Todas estas considerações g servem para demonstrar instabilidades ocorridas no mercado, substituição do feijão por outras culturas que permitem possibilidades de auferir maiores lucros, ou a ocorrência dos já mencionados fenômenos climáticos.

O trigo foi introduzido em quase todo o Estado do Paraná, principalmente no Sudoeste, Sul e Centro-Oeste. Entretanto, só depois da decadência do café e do algodão, é que este cereal passou a ser cultivado no Norte Paranaense. De um modo geral, a produção do Estado tem demonstrado um alto índice de produtividade. Por exemplo, em 1968 uma área de 97 309 ha produziu 143 510 toneladas, alcançando uma produtividade de 1 019 Kg/ha. ( 99)

---

( 99) VÁRIOS AUTORES. Revista Paranaense de Desenvolvimento, nº 19, p. 83.

Em Jataizinho, exceção feita à porção norte do município, o trigo encontrou condições favoráveis ao seu desenvolvimento, graças à topografia suave e aos solos férteis, com ph variáveis entre 5,7 e 6,9.<sup>( 100)</sup> (Figura 21).

Na região Norte do Paraná a maioria dos triticultores pratica o cultivo direto, que consiste na semeadura dos grãos após a colheita da soja, sem a devida preparação do solo. Para isto, são empregadas máquinas especiais que movimentam pequenas faixas de terra, onde são colocadas as sementes, juntamente com o adubo. Durante o desenvolvimento da planta não há necessidade de capina, pois o preparo do terreno inclui a colocação de herbicidas que evitam o aparecimento de ervas invasoras. Para controlar o ataque de fungos, o trigal deve ser pulverizado com fungicidas. Plantado de abril a maio, o trigo pode ser colhido de setembro a outubro, através de colheitadeiras.

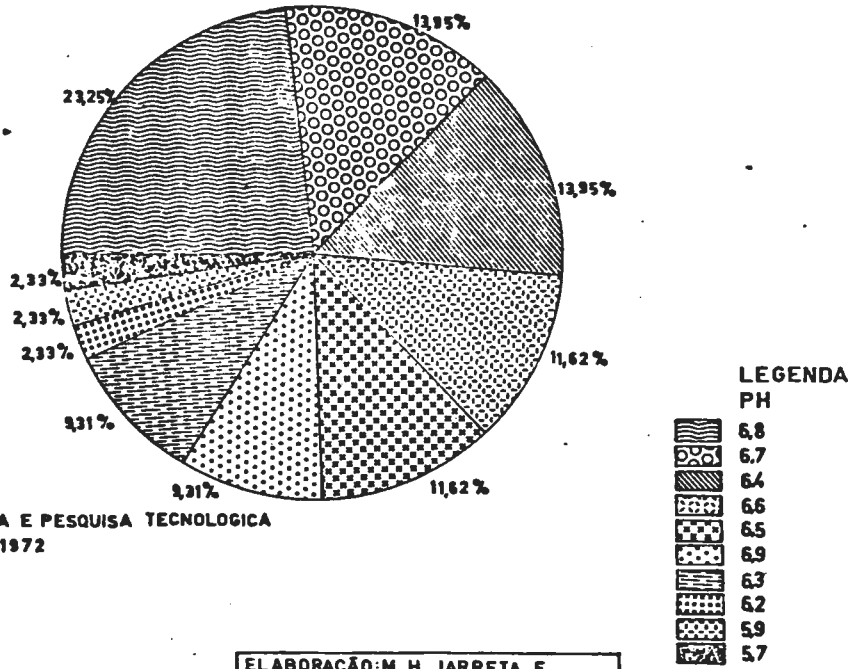
O cultivo de trigo em Jataizinho começou a se destacar a partir de 1969, quando alcançou a produção de 17,5 toneladas numa área de 25 ha. A cultura deste cereal foi incentivada pelo governo que autorizou o IAPAR (Instituto Agrônômico do Paraná) a dar assistência ao triticultor

---

(100) Conforme análise química feita, em 1972, pelo Instituto de Biologia e Pesquisa Tecnológica do Paraná.



ANÁLISE QUÍMICA DO SOLO  
JATAIZINHO - 1972



FONTE: INST. DE BIOLOGIA E PESQUISA TECNOLÓGICA  
15-5 - 25-5-1972

ELABORAÇÃO: M. H. JARRETA E  
M. DE L. DE SIQUEIRA  
SOB ORIENTAÇÃO DA AUTORA

FIGURA 21

no que diz respeito ao uso adequado de novas técnicas; à prioridade de transportes e à intensificação de pesquisas.

Deste modo foi favorecida a ampliação das áreas cultivadas e houve uma tendência para o aumento da produção como ocorreu em 1970 quando, em Jataizinho, 713 toneladas foram colhidas de 1 030 ha e, em 1975, que registrou 2 904 ton. para uma área de 4 750 ha.. (101)

A triticultura alterou profundamente a paisagem agrária, não só do município de Jataizinho mas, também de toda a região. Assim, áreas antes cultivadas com milho, feijão e arroz foram transformadas em zonas produtoras de soja, trigo e algodão, aparecendo, em pequena escala, outros produtos de valor comercial como a uva. (Figura 22).

Desta forma, a paisagem da Micro-região Algodoeira de Assai foi sendo transformada, pois as pequenas propriedades foram sendo anexadas em função das mencionadas culturas que garantiam maior rentabilidade e melhores possibilidades de lucros. Verificou-se, então, um decréscimo

---

(-101) I.B.G.E. "Produção Agrícola Municipal", volume 2, Tomo XIX, 1975.

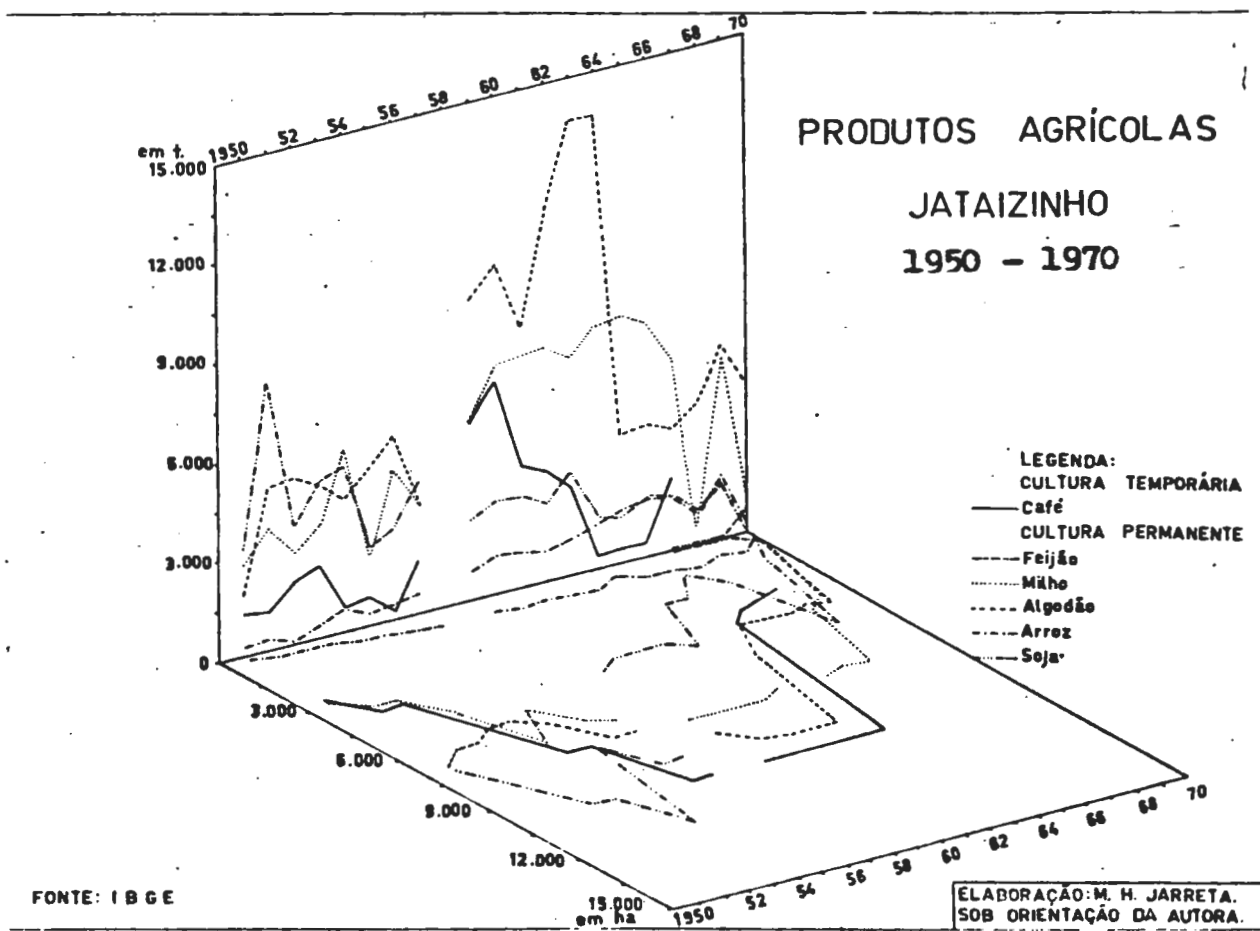


FIGURA 22

no número de propriedades rurais. ( 102) Diante destas transformações agrárias observou-se que a paisagem mudou, radicalmente, de 1960 para 1970, o que exigiu, de certa forma, uma infra-estrutura mais sofisticada que atendesse ao dinamismo da região que, até hoje, continua sendo uma área de produção agrícola, fornecedora de matéria-prima para as indústrias e para o comércio externo.

O arroz, que é cultivado em todo o Estado do Paraná, tem seus maiores produtores nas regiões Norte e Noroeste que, no ano de 1970, participaram com 68% do total ali produzido.

Em Jataizinho, assim como acontece em todo o Norte paranaense, o arroz pode ser cultivado intercalado aos cafezais, consorciado ao milho ou, ainda, constituindo plantações isoladas, muitas das quais, atualmente, es-  
tão ocupadas com trigo e soja. O plantio do arroz é feito de agosto a dezembro e sua colheita, de janeiro a maio.

A produção de Jataizinho é inexpressiva em relação ao total do Estado e destina-se, quase totalmente, ao consumo local e, raramente, ao regional.

A análise da produção e das áreas cultivadas no

---

(102) NAKAGAWARA, Yoshiya. "Movimento demográfico do Paraná. 1900-1975", inédito, p.29.

período de 1950-1970 (Tabela 28), mostra que ocorreu uma grande oscilação na produção e quedas acentuadas na produtividade. Por exemplo, em 1952, de 327 ha de área cultivada foram colhidas apenas 24 toneladas, enquanto que em 1950, de 242 ha foi obtida uma produção de 288 toneladas. O mesmo pode ser verificado em 1959 quando 774 ha produziram apenas 756 ton., enquanto que nos três anos posteriores a mesma área cultivada implicou num rendimento superior a 1000 ton.. Estas variações estão ligadas a vários fatores, entre os quais desempenharam papel de destaque certas peculiaridades climáticas ocorridas durante o desenvolvimento e a colheita do arroz. É o caso de acontecer uma longa estiagem na época da granação, o que pode comprometer a safra, como ocorreu em 1968. Nesse ano, houve uma redução de 95% em relação à produção do ano anterior. Este aspecto da estiagem é sobretudo importante porque, em Jataizinho, predomina o arroz de sequeiro, sendo que o irrigado aparece em áreas restritas.

Entre as culturas permanentes do Norte do Paraná, o café destaca-se, não só pela importância que sempre teve mas, principalmente, pelo papel preponderante que desempenhou e ainda desempenha na economia paranaense.

No Norte Velho, o café penetrou pelo vale do

Jataizinho  
 Área cultivada e produção de arroz  
 1950 - 1970

ANO	Área cultivada (em ha.)	Produção (em ton.)
1.950	242	288
1.951	339	384
1.952	327	24
1.953	322	348
1.954	588	720
1.955	532	342
1.956	605	462
1.957	750	564
1.958	-	-
1.959	774	756
1.960	774	1.038
1.961	774	1.038
1.962	774	1.038
1.963	872	1.188
1.964	450	1.320
1.965	840	1.560
1.966	850	1.704
1.967	900	1.560
1.968	700	800
1.969	800	1.680
1970	200	184

Fonte: IBGE

TABELA 28

rio Itararé, propagando-se à medida que avançavam as frentes pioneiras à procura de melhores solos, até atingir o médio curso do Tibagi. Posteriormente, os cafezais espalharam-se nos rumos Oeste e Sul, ultrapassando, inclusive, as barrancas do Paraná.

Em 1948, em Jataizinho, 900 mil pés de café renderam uma produção de 1 500 toneladas; no ano seguinte, o número de pés frutificando aumentou para 1 189 500 e produziram 1785 toneladas. Estes primeiros dados da produção cafeeira de Jataizinho mostram a importância deste produto para a economia local. Todavia, a partir de 1950 vários fatores, entre os quais a alta de preços no mercado externo, incentivaram a produção.

De um modo geral, no período de 1950-1970 (Tabela 29) ocorreram oscilações acentuadas na produção, motivadas, principalmente, por fatores climáticos e econômicos.

Observa-se que no período considerado, ocorreu, a partir de 1950, um aumento das áreas cultivadas, fato que se prolongou até 1964, quando estas se retraíram até atingir o mínimo em 1970 (apenas 134 ha.).

Já no que se refere à produção, as oscilações são muito mais acentuadas e bruscas. Por exemplo, em 1963 e 1964, para uma mesma área ( 9 600 ha.) foram colhidas,

Jataizinho  
 Áreas cultivadas e produção de café  
 1950 - 1970

ANO	Área cultivada (em ha.)	Produção (em ton.)
1.950	2.633	1.365
1.951	3.645	1.224
1.952	3.645	1.755
1.953	5.670	2.100
1.954	7.493	720
1.955	7.493	902
1.956	9.720	224
1.957	9.720	1.647
1.958	-	-
1.959	9.600	5.400
1.960	9.600	6.300
1.961	9.600	3.600
1.962	9.600	3.300
1.963	9.600	2.700
1.964	9.600	420
1.965	3.840	450
1.966	3.200	450
1.967	3.000	2.310
1.968	2.800	-
1.969	-	-
1.970	134	72

Fonte: IBGE

**TABELA 29**



respectivamente, 2700 e 420 toneladas. Estas instabilidades, refletem a tendência geral que se verificou no Brasil da diminuição de áreas cultivadas em virtude da política de erradicação dos cafezais, que ocorreu a partir de 1965 como consequência de ocorrências diversas. Entre estas, as geadas de 1962, 1963, 1966, 1967 e 1969; ( 103) secas; mudanças de contingentes cafeeiros e modificações de técnica de cultivo. O conjunto destes fatores, além de outros, limitaram as áreas dedicadas à cafeicultura e, conseqüentemente, interferiram na produção. ( 104)

Como aconteceu em todo o Norte do Paraná, tam bém em Jataizinho, registrou-se a tendência de reduzir as áreas ocupadas com os cafezais, em razão das constantes substituições dos cafeeiros antigos por outros, novos, ou pela erradicação, ou mesmo pelo abandono dos cafezais. Es tas transformações fazem parte de um processo dinâmico que depende de incentivos governamentais, afim de que não falte café para o consumo interno e sejam preenchidas as cotas de exportação.

---

(103) Instituto Agrônomo de Campinas. "Ocorrências de geadas com temperatura mínimas nos períodos de 1880-1920 e 1929-1975", folha mimeografada.

(104) VÁRIOS AUTORES. "Produção Agrícola no Paraná", p.18.

O café é uma planta da família das rubiáceas, que exige cuidados especiais desde o plantio até a colheita. Depois de três ou quatro anos o cafeeiro começa a produzir. O cafeeiro floresce na primavera, o que pode, entretanto, ser retardado ou antecipado. Assim, caso as chuvas cheguem antes da época prevista, a florada pode ser antecipada, caso contrário, ocorre o inverso. A queda das flores deixa à mostra os "chumbinhos" que amadurecem a partir de dezembro. Em cerca de cinco meses, estes mudam de coloração, passando do verde para o amarelo, deste para o vermelho-cereja e, depois, escurecem, gradativamente, até que o fruto ("fava" ou "coco") atinge a maturação completa. A colheita, que se inicia em maio e prolonga-se até julho, pode sofrer alterações dentro deste período, conforme a variedade cultivada.

Em Jataizinho, a colheita é feita manualmente. Os colhedores percorrem os carregadores, arriçando os frutos dos galhos. Esses frutos são colocados no chão, ou sobre um pano estendido, ou diretamente sobre o solo. Posteriormente, eles são recolhidos e, depois de ensacados, são depositados nos terreiros onde se efetua a secagem. Alguns cultivadores costumam lavar os frutos em "tanques". Depois de secos, os "cocos" são embalados em sacas com

capacidade para 40 quilos. Deste modo, o café está pronto para ser comercializado. Os compradores levam o café em coco para as máquinas de beneficiamento, onde ele é despulpado; disto resulta a palha do café (casca do coco) que pode ser utilizada como combustível e, também, como adubo.

Em Jataizinho, através de observações de campo, verificou-se que em algumas das pequenas propriedades que se dedicam ao cultivo do café, ainda está em uso o pilão para o despulpamento do café.

Em virtude da maior produtividade e resistência que apresenta, a espécie "Icatu" tem sido preferida pelos cafeicultores do Norte Paranaense, ao invés daquelas tradicionalmente cultivadas ("Robusta" e "Arábia").

Percebe-se assim, a importância que a agricultura sempre desempenhou para a economia de Jataizinho pois constituiu uma atividade permanente na ocupação do espaço, embora alguns produtos tenham cedido lugar a outros de maior rentabilidade e mais procurados no mercado como, por exemplo, a soja e o trigo. Todavia, um dos aspectos mais significativos é a interferência humana, que se manifesta, sobretudo, através da mão-de-obra e da técnica agrícola que, indiretamente, interferem nas trans

formações da paisagem.

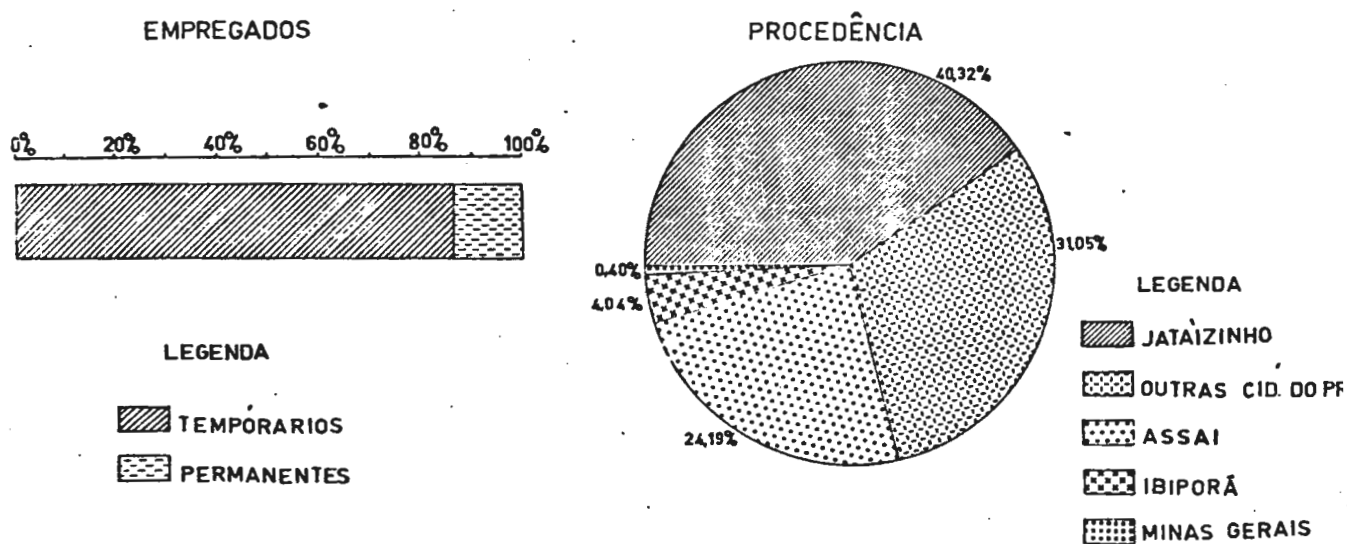
Em Jataizinho predominam pequenas propriedades que estão empenhadas na policultura e, assim sendo, já não necessitam de mão-de-obra numerosa e fixa, como acontecia na fase da cafeicultura. Deste modo, a exploração da propriedade é feita por elementos da própria família e apenas são recrutados alguns assalariados quando as propriedades são maiores e cultivam produtos destinados à comercialização em larga escala, como o café, a soja, o trigo e outros. Os assalariados, que podem ser fixos ou temporários (também chamados volantes), são recrutados nas épocas de plantio, capina e colheita.

O inquérito de campo demonstrou que a maioria dos proprietários ( 86,20%) se utiliza de mão-de-obra assalariada temporária, enquanto que o restante (13,80%), emprega assalariados permanentes.

A procedência dos assalariados ( Figura 23) é diversificada porém, de um modo geral, não excedem localidades situadas além de 100 Km de distância de Jataizinho. A maioria deles ( 40,32%) procede do próprio local; 31,05% vem de cidades próximas, como Londrina, São Jerônimo e Cornélio Procopio; 24,19% procede de Assai e o restante ( 4,04%), de Ibiporã. (Tabela 30).

Além dos assalariados permanentes, que tem

## SITUAÇÃO E PROCEDÊNCIA DOS EMPREGADOS JATAIZINHO - 1969



FONTE: INQUÉRITO APLICADO NA ÁREA RURAL DE JATAIZINHO

ELABORAÇÃO: M. H. JARRETA E  
M. DE L. DE SIQUEIRA  
SOB ORIENTAÇÃO DA AUTORA

FIGURA 23

Jataizinho  
 Procedência dos empregados  
 - 1969 -

Local de Procedência	Empregados	
	Nº	%
Jataizinho .....	100	40.32
Assai .....	60	24.19
Ibiporã .....	10	4.05
Outras cidades do Paraná .....	77	31.05
Minas Gerais .....	1	0.40
TOTAL .....	248	100.00

TABELA 30

salário fixo e dos volantes, que recebem por dia de trabalho ou por tarefa realizada, existem ainda nas propriedades, os meeiros e os parceiros, que constituem mão-de-obra sujeita ao regime de exploração mista. Muitas vezes, eles são donos de pequenas glebas e assumem tais condições em propriedades de seus pais, de parentes ou de compadres, porque têm tempo disponível.

Em alguns casos de pequenas propriedades cuja exploração é anti-econômica, ocorre o proprietário ausenteísta que deixa a cargo do parceiro todas as tarefas decorrentes do cultivo e da administração; neste caso, o parceiro é, também, o próprio caseiro e recebe casa para morar, terra para cultivar, além de sementes, adubos e fungicidas. A produção obtida nesse regime de trabalho destina-se à sobrevivência do parceiro e, quando há excedente, este é vendido na cidade ou no distrito mais próximo.

Uma outra situação entre meeiro e proprietário é a existência de um contrato que estipula a forma de pagamento. Este sistema de "meia" e de "parceria", vem sendo muito difundido e aceito na região.

Predomina em Jataizinho, a utilização do adu-

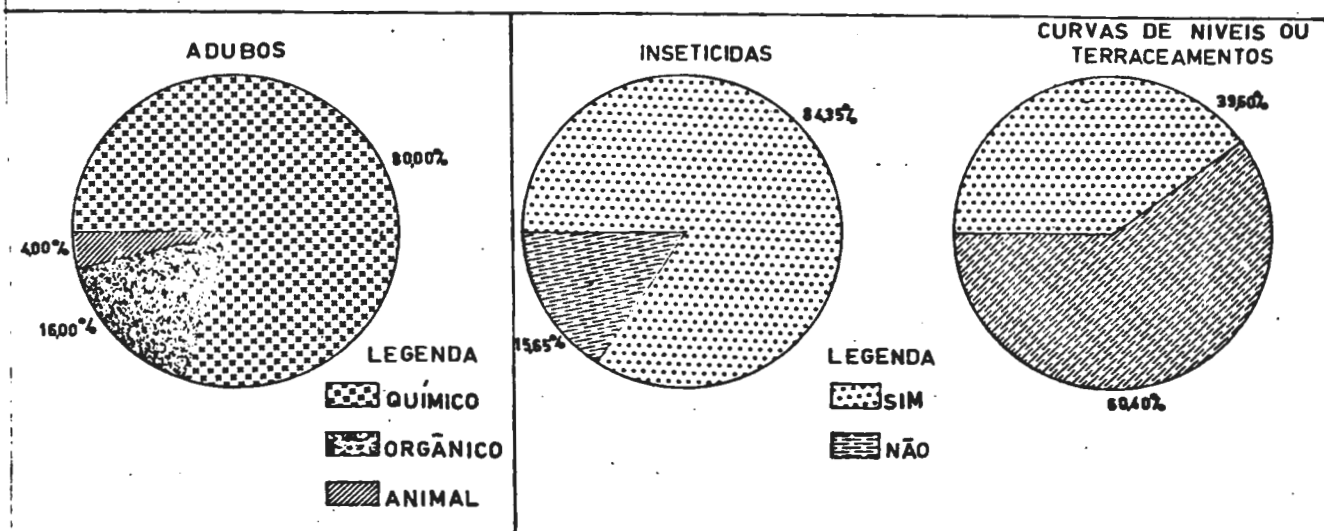
bo químico (80%) (Figura 24), seguido do adubo vegetal (16%). Apenas 4% das propriedades empregam adubo orgânico animal. Percebe-se assim, que a utilização do adubo químico na maioria das propriedades aparece naquelas cujos resíduos vegetais não podem ser utilizados como tal, como acontece nos algodoads. Por outro lado, o uso de adubo orgânico vegetal está estreitamente vinculado às áreas que dispõem de restos, como é o caso daquelas em que são cultivados o feijão e a soja. Quanto ao adubo orgânico animal, a pequena proporção de propriedades que o emprega está relacionada a ausência da pecuária na região em que foi aplicado o inquérito.

Os proprietários de Jataizinho estão conscientizados da necessidade do emprego de inseticidas (Tabela 31), pois observa-se que isto ocorre em 84,35% dos casos. Todavia deve ser considerado que aqueles que não usam inseticidas (15,65%), na maioria das vezes, não necessitam deles. É o que acontece nas áreas dedicadas à triticultura pois, o trigo, está menos sujeito às pragas do que, por exemplo, o algodão.

A utilização de curvas de nível nas propriedades de Jataizinho é decorrente das já mencionadas características do relevo, muito embora a prática desta técnica possa ser observada em apenas 39,60% das propriedades. Na



## TÉCNICAS EMPREGADAS NA AGRICULTURA JATAIZINHO - 1969



FONTE INQUÉRITO APLICADO NA ÁREA RURAL DE JATAIZINHO.

ELABORAÇÃO: M. H. JARRETA E  
M. DE L. DE SIQUEIRA  
SOB ORIENTAÇÃO DA AUTORA

FIGURA 24

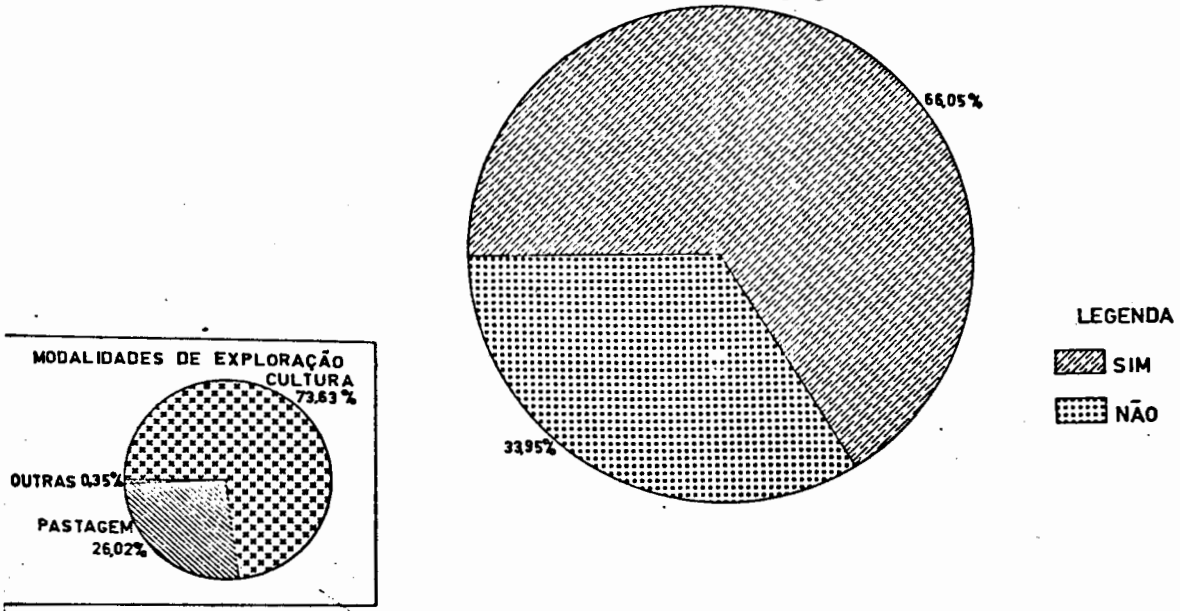
Jataizinho  
Técnicas empregadas na agricultura  
- 1969 -

	Propriedades	
	Nº	%
Usa inseticidas .....	194	84.35
Não usa inseticidas .....	36	15.65
TOTAL .....	230	100.00
Emprega curvas de nível .....	59	39.60
Não emprega curvas de nível .....	90	60.40
TOTAL .....	149	100.00
Usa adubo químico .....	80	80.00
Usa adubo orgânico vegetal .....	16	16.00
Usa adubo orgânico animal .....	4	4.00
TOTAL .....	100	100.00
Possuem implementos agrícolas .....	142	66.05
Não possuem implementos agrícolas ....	73	33.95
TOTAL .....	215	100.00

TABELA 31

IMPLEMENTOS AGRICOLAS

JATAIZINHO - 1 9 6 9



FONTE: INQUÉRITO APLICADO NA ÁREA RURAL DE JATAIZINHO.

ELABORAÇÃO: M. H. JARRETA E M. DE L. DE SIQUEIRA SOB ORIENTAÇÃO DA AUTORA

FIGURA 25

maioria daquelas que não fazem uso das curvas de nível (60,40%), incluem-se casos de desconhecimento e ignorância dos cultivadores que preferem continuar utilizando meios tradicionais.

O relevo de Jataizinho não constitui obstáculo grave ao uso de maquinário (Figura 25); entretanto, 33,95% dos proprietários não faz uso de implementos agrícolas, enquanto que em 66,05% das propriedades acontece o oposto. Tal fato está ligado não só às pequenas dimensões das parcelas mas, também, ao produto cultivado. É interessante observar que nas 188 propriedades pesquisadas em Jataizinho, foram registrados 75 tratores, 53 caminhões, 37 bicicletas, 10 carroças, 19 cavalos e 15 automóveis sendo que muitos dos proprietários tem mais de um veículo, animal, ou implemento agrícola.

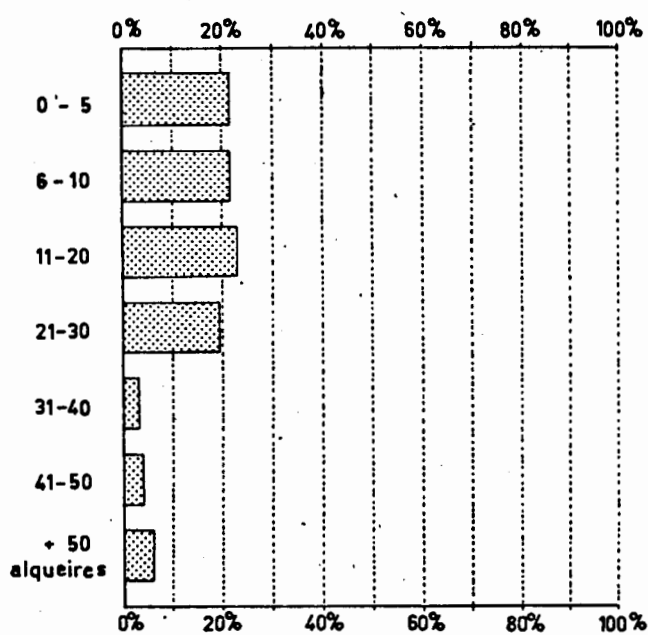
O inquérito aplicado na área rural de Jataizinho em 1969 revelou que as pequenas propriedades ( 0 -10 alqueires) perfazem 43,53% do total; as médias ( 11-30 alqueires) compreendem 43% das propriedades; e as grandes ( 31 - 50 alqueires) totalizam 13,47%. O predomínio das pequenas e médias propriedades ( 86,53%) deve-se, principalmente, à diversidade dos produtos ali cultivados, desde a retomada da ocupação do espaço, com o cultivo do ca-

Jataizinho  
Distribuição das propriedades  
- 1969 -

Dimensões (em alqueires)	Propriedades	
	Nº	%
0 - 5 .....	42	21,76
6 - 10 .....	42	21,76
11 - 20 .....	45	23,31
21 - 30 .....	38	19,69
31 - 40 .....	6	3,11
41 - 50 .....	8	4,15
+ de 50 .....	12	6,22
<b>TOTAL .....</b>	<b>193</b>	<b>100,00</b>

**TABELA 32**

### DISTRIBUIÇÃO DAS PROPRIEDADES RURAIS JATAIZINHO - 1 9 6 9



FONTE: INQUÉRITO APLICADO NA ÁREA RURAL DE JATAIZINHO.

ELABORAÇÃO: M. H. JARRETA E  
M. DE L. DE SIQUE  
SOB ORIENTAÇÃO DA AUTORA

FIGURA 26

fé. ( Figura 26).

Esta situação manteve-se em épocas posteriores ao café, uma vez que as culturas que se desenvolveram em Jataizinho (algodão, milho, feijão e rami) podiam ser praticadas em pequenas e médias propriedades. Todavia, a malha fundiária sofreu alterações no decorrer do processo de ocupação pois, outras culturas, como é o caso do trigo e da soja, exigiam espaços mais amplos. Nessa época, conforme já foi citado anteriormente, ocorreram anexações de propriedades que assim permanecem até hoje.

Todavia, o uso da terra em Jataizinho não se restringe apenas às atividades agrárias. Outras atividades existem, como as olarias e as usinas de beneficiamento do algodão que também tiveram destacado papel nas transformações que se processaram e ainda estão ocorrendo no espaço agrário deste município do Norte Velho Paranaense.

4.2. Outras atividades - Além da exploração agrícola, em Jataizinho devem ser destacadas outras atividades que, embora não sendo agrárias, têm importância para a economia local.

Entre estas, serão realçadas neste capítulo, as olarias e as usinas de beneficiamento do algodão. As primeiras, fazem parte deste estudo porque são imprescindíveis para a compreensão de determinados aspectos das transformações que se processaram no espaço rural de Jataizinho. Todavia, convém destacar, desde já que embora as olarias a princípio estivessem instaladas na zona rural, muitas delas, atualmente integram o espaço urbano.

No que diz respeito à usinas de beneficiamento do algodão, sua inclusão neste trabalho é mais



fácil de ser justificada, uma vez que elas são um reflexo imediato da atividade agrária.

As condições pedológicas específicas existentes na área compreendida entre os vales dos rios Taquari, das Flores e das Ribeirões Jataizinho e Barrinha, afluentes do Tibagi propiciaram a instalação de inúmeros estabelecimentos oleiros para o aproveitamento da argila, matéria-prima básica para o fabrico de telhas, tijolos, manilhas, etc.

A existência de olarias em Jataizinho é muito antiga e como já foi mencionado no capítulo referente ao processo de ocupação do espaço, pode ser comprovado através de relatórios e documentos concernentes ao período Imperial e também através de entrevistas feitas junto a antigos moradores do atual município de Jataizinho. Conforme informações prestadas por Elias De quech, que em 1929 era comerciante em Jatai, a Companhia Territorial Maxwell possuía, além de uma serraria para o aproveitamento da madeira extraída da exuberante floresta Tropical latifoliada que recobria a região, também, uma olaria que produzia tijolos e telhas para o consumo local e regional.

A atividade oleira na maioria das vezes desenvolveu-se paralelamente à agricultura de subsistência, sendo que aquela não exigia numerosa mão-de-obra; é frequente, a sua produção estar limitada ao trabalho de 2 a 3 pessoas e alguns elementos, geralmente menores de idade. Assim, em relação à região de Jataizinho, constatou-se que o aproveitamento da argila, matéria-prima abundante e indispensável à atividade oleira, não refletiu, de imediato, no crescimento da população; a sua contribuição do ponto de vista demográfico só ocorreu bem mais tarde, trazendo algumas implicações na estrutura urbano-rural do município como será visto posteriormente.

O estabelecimento das primeiras indústrias cerâmicas em Jataizinho desenvolveu-se em consequência do surgimento de um grande mercado consumidor, em função das exigências da construção civil na região norte paranaense, onde as cidades proliferavam e cresciam rapidamente.

A partir do final da década de 60, muitas olarias, inicialmente incipientes e rudimentares, passaram a funcionar em melhores condições utilizando a me

canização o que contribuiu para que os produtos fossem fabricados não só em maiores quantidades mas também com melhor qualidade, a fim de satisfazer mercados consumidores cada vez mais exigentes. Também, nesta época, as olarias mais aprimoradas receberam a denominação regional de "cerâmicas" e, gradativamente, foram deixando de produzir o tijolo comum partindo para o de 6 furos, tijolo laminado com 18 furos para parede, elementos vasos (para enfeites), "capas", ladrilhos, lajes e manilhas.

Entretanto, em algumas olarias de pequeno porte, ainda persistiu por muito tempo o sistema de trabalho rudimentar, onde toda a produção era feita manualmente; assim o barro era retirado por meio de pás,

posteriormente era amassado nas pipas à tração animal; quando a textura da argila atingia o "ponto", os tijolos eram batidos um a um. O "bater tijolo" absorvia pouca mão-de-obra, e a produção era baixíssima sendo, as vezes, até anti-econômica. O "batedor de tijolo" vivia em condições precárias, apresentando nível de instrução nulo ou quase nulo; geralmente muito humildes esse tipo regional não tinha grandes anseios pessoais, sociais ou econômicos.

A Construção da barragem da usina de Capivara pela CESP, na década de 70, trouxe à região de Jataizinho algumas implicações de caráter sócio-econômico, pois, com o represamento dos cursos d'água, as áreas ribeirinhas tiveram que ser desapropriadas. Este fato restringiu a exploração da argila pelas cerâmicas em aproximadamente 70% dos barreiros ali existentes. Muitas das "cerâmicas", quer seja de grande, médio ou pequeno porte viram-se, prejudicadas pela invasão das águas represadas, com a destruição dos "barreiros", fontes de fornecimento da argila. Também algumas áreas agrícolas foram afetadas pelas obras da CESP. No conjunto, cerca de 318,80 ha do município de Jataizinho, totalizando 32 propriedades, e cerca de 445,96 ha localizados à margem esquerda do Rio Tibagi, no Município de Ibiporã foram diretamente atingidos pelas obras da referida usina.

Do total de 20 elementos que foram questionados, durante o levantamento de dados de pesquisa de campo, no município de Jataizinho, 9 responderam taxativamente que tiveram grandes prejuízos, perdendo parcial ou totalmente os seus barreiros, ou a produção agrícola, o que obrigou-os a abandonar estas atividades, pro-

curar localidades próximas ou até, mesmo, mudar para outros municípios.

Além disso as desapropriações efetuadas na região de Jataizinho pela instalação da usina de Capiwara provocaram um decréscimo na população oleira da região e, conseqüentemente, interferiram na produção. Entretanto, se a instalação da referida usina trouxe alguns reflexos negativos para a economia local, por outro lado, a instalação de um núcleo populacional localizada em Porecatá a fim de acomodar a mão-de-obra lá empregada, trouxe alterações na paisagem rural da região. A presença de numerosos trabalhadores e seus familiares, exigiu a implantação de uma nova infra-estrutura a fim de atender as necessidades desse contingente populacional.

Entre os oleiros que em 1979 exerciam suas atividades em Jataizinho era a maioria descendentes de imigrantes italianos, enquanto uma pequena minoria era constituída de brasileiros e de descendentes de austríacos, espanhóis e japoneses. A maior parte dos oleiros era natural de Jataizinho e de localidades do próprio Estado do Paraná como Assaí, Cambará, Foz do Iguaçu, Londrina e Sertanópolis. Poucos, entretanto procediam dos

Estados de Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo. Evidentemente, grande parte da população oleira é da própria região do Norte do Paraná o que reduz a participação do elemento extra-regional. (Tabela 33).

Ao que tudo indica a técnica oleira parece estar ligada a uma tradição familiar pois 77% dos entrevistados revelou ter aprendido a profissão com os pais ou com parentes próximos. Observa-se que a maior parte dos proprietários de olarias de Jataizinho deu continuidade a prática oleira, tradicionalmente desenvolvida pelos seus antepassados, não só por terem mais experiência mas também, porque herdaram propriedades que, em virtude das condições pedológicas, favoreciam a exploração da argila.

Os oleiros restantes passaram a se dedicar a essa atividade por ocasião de suas mudanças para Jataizinho sendo que no local de origem desempenhavam atividades variadas relacionadas ao comércio, agricultura e pecuária.

Para atingir a situação atual, as olarias do Município de Jataizinho passaram por várias fases, em decorrência da própria estrutura econômica brasileira.

Jataizinho  
Pessoal empregado nas cerâmicas  
- 1979 -

Denominação da cerâmica	Empregados	
	Nº	%
Bela Vista .....	40	26,86
Planalto .....	28	18,80
Santa Matilde .....	20	13,42
Rainha .....	18	12,08
Claúdio .....	16	10,73
Jatai .....	15	10,06
Santa Mônica .....	12	8,05
TOTAL .....	149	100,00

Fonte: Inquérito aplicado em Jataizinho

TABELA 33

Assim, vários fatores de ordem sócio-política, além de outros decorrentes da crise do café em 1929, limitaram de um modo geral, o desenvolvimento das olarias.

Na região em estudo, entretanto, paralelamente a estes fatos, surtiram efeito positivo as diretrizes adotadas pelas Companhias de Colonização e Lotamentos que promovendo o estabelecimento de pequenas propriedades, ampliaram as frentes de mercado para a colocação dos produtos oleiros. A rápida urbanização e o afluxo constante de contingentes populacionais para esta região que se efetuou durante quatro décadas, em virtude do intenso desenvolvimento econômico que ali se processou, foram suficientes para efetivar a ocupação total de todo o Norte do Paraná. Como consequência desta expansão que se fez tanto no meio rural como no urbano, cresceram as possibilidades de colocação para os produtos das olarias instaladas em Jataizinho.

Por volta de 1930 a produção de Jataizinho destinava-se a atender a demanda local e regional como Assaí, Uraí, Cornélio Procopio e Londrina. Deve ser ressaltado, que nessa época e até mesmo o fim da década de 40 a produção era reduzida, pois as cidades, de um



modo geral, eram pequenas. É preciso lembrar que em 1930 Jataizinho tinha apenas 5 a 6 casas de madeira e uma de alvenaria que era de propriedade de Benjamin Giarvarina.

O crescimento urbano no trecho entre Londrina e Apucarana acelerou-se a partir de 1932 quando foi construída ponte sobre o Rio Tibagi. Esse fato intensificou a ocupação do espaço desta área e contribuiu para que Londrina se tornasse o centro da região. Em Jataizinho o crescimento urbano desta porção do Norte Paranaense implicou no aumento da produção oleira que novamente tomou grande impulso quando, na década de 50 a área em questão tornou-se o foco do desenvolvimento cafeeiro. Desta forma a instalação de novas olarias em Jataizinho foi estimulada pela crescente procura dos produtos derivados desta atividade. O dinamismo que tomou conta desta região foi assim o principal responsável pelas produções, cada vez maiores, das olarias que, por sua vez, ultrapassaram o mercado regional, para alcançar os Estados vizinhos de São Paulo e Mato Grosso.

A produção das olarias de Jataizinho é comercializada não só em função da grande variedade de mercadorias que fabrica mas, principalmente, em decorrên-

cia do sistema de circulação. Assim, é que Jataizinho pela privilegiada posição geográfica que ocupa poderia ser o ponto irradiador da produção oleira para o Sul de São Paulo e também para o Norte Novo e Norte Velho do Paraná. Esta situação entretanto, nem sempre foi convenientemente aproveitada e somente depois das medidas governamentais que fomentaram o programa de desenvolvimento regional é que Jataizinho passou a desfrutar das vantagens de sua situação geográfica. O programa do Governo, que incluiu a substituição de caminhos de Terra, intransitáveis nos tempos de chuva, por estradas asfaltadas, facilitou o escoamento dos produtos das olarias. (Foto 12).

Atualmente a circulação é facilitada pela existência de ferrovias e rodovias sendo que estas últimas, embora mais onerosas, tem sido mais utilizadas para serem mais rápidas. Deste modo, Jataizinho está interligado aos demais municípios da região e com o Estado de São Paulo. Além disso, a Rede Ferroviária Federal é utilizada para o transporte de grandes volumes.

A produção das olarias e cerâmicas, de acordo com levantamento de campo realizados em 1970 e 1971, pode dar uma idéia clara de seu desenvolvimento e de



Foto 12. Cerâmica Cristina. Localizada às margens da BR-369, o que garante um fácil escoamento da produção, esta Cerâmica fabrica tijolos e telhas para atender ao consumo local e regional.

sua atuação regional e extra-regional que atinge parte do Sul de Mato Grosso e do Estado de São Paulo. Nessa época estavam em fase de grande produção as cerâmicas São José, Petri e Ereno, Ourinense, e as olarias Santa Matilde, Princesa do Norte, Diana e Santa Maria. Além destas deve ser lembrada também, a Cerâmica Bela Vista a única do Norte do Paraná que se dedica somente a produção de manilhas e que por isso tem garantida a colocação de seu produto. (Tabela 34).

De um modo geral, as olarias e cerâmicas produzem tijolos, telhas, lajes, ladrilhos e capas sendo que os tijolos e telhas tem sido computados sem distinção da forma.

As mencionadas cerâmicas e olarias efetuaram a distribuição das 6662952 peças que produziam nos anos de 1971, em cem municípios do Estado do Paraná, sendo que a maior parte (78,27%) destinou-se ao Norte Novo e 14,43% seguiu para o Norte Velho. O restante (1,46%) foi distribuído entre o Norte Novíssimo e outras localidades brasileiras. (Tabela 35).

O maior consumo que se verifica no Norte Novo está relacionado, não só o desenvolvimento regional que tem contribuído para aumentar a produção das olarias

## CERÂMICAS - 1971

Municípios	Tijolos		Telhas		Lajes		Ladrilhos		Capas		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
001. Londrina	1.930.599	81,72	369.959	15,66	24.680	1,04	31.550	1,34	5.655	0,24	2.362.443	100
002. Cambé	427.908	93,53	22.685	4,96	2.500	0,55	3.050	0,67	1.320	0,29	457.463	100
003. Apucarana	382.230	94,00	16.590	4,07	4.700	1,16	1.500	0,37	1.600	0,40	406.620	100
004. Assaí	245.500	68,80	107.174	30,03	-	-	4.116	1,17	-	-	356.790	100
005. S. João do Ivaí	10.300	2,97	335.850	96,85	-	-	-	-	600	0,18	346.750	100
006. Maringá	274.300	93,62	18.670	6,38	-	-	-	-	-	-	292.970	100
007. Arapongas	258.920	94,20	15.125	5,50	-	-	-	-	800	0,30	274.845	100
008. Rolândia	169.642	85,24	29.370	14,76	-	-	-	-	-	-	199.012	100
009. Jandaia do Sul	196.250	99,44	1.100	0,56	-	-	-	-	-	-	197.350	100
010. Jataizinho	161.911	88,78	20.180	11,06	-	-	-	-	277	0,16	182.368	100
011. Ibiporã	77.600	59,26	49.395	37,72	-	-	1.450	1,11	2.500	1,91	130.945	100
012. Cornélio Procopio	92.820	98,30	1.600	1,70	-	-	-	-	-	-	94.420	100
013. Loanda	83.700	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	83.700	100
014. Sto. Ant. Paraíso	81.250	99,88	-	-	-	-	-	-	100	0,12	81.350	100
015. Cambira	75.480	98,30	1.300	1,70	-	-	-	-	-	-	76.780	100
016. Ivaiporã	16.190	22,21	56.500	77,51	-	-	-	-	200	0,28	72.890	100
017. S. Seb. Amoreira	51.054	70,95	20.900	29,05	-	-	-	-	-	-	71.954	100
018. Faxinal	51.450	89,56	6.000	10,44	-	-	-	-	-	-	57.450	100
019. Umuarama	30.050	57,32	15.600	29,75	3.500	6,69	3.000	5,72	270	0,52	52.420	100
020. Campo Mourão	15.400	34,82	26.820	60,65	2.000	4,53	-	-	-	-	44.220	100
021. Marumbi	34.800	86,11	5.610	13,89	-	-	-	-	-	-	40.410	100
022. Mandaguari	35.720	91,30	3.400	8,70	-	-	-	-	-	-	39.120	100
023. Itambé	18.610	51,94	17.214	48,06	-	-	-	-	-	-	35.824	100
024. Grandes Rios	31.300	87,43	4.500	12,57	-	-	-	-	-	-	35.800	100
025. Marialva	31.000	87,00	4.630	13,00	-	-	-	-	-	-	35.630	100
026. N. Amér. Colina	18.850	55,39	15.180	44,61	-	-	-	-	-	-	34.030	100
027. Uraí	21.800	66,21	10.170	30,88	-	-	-	-	955	2,91	32.925	100
028. S. Cec. Pavão	21.465	65,33	11.390	34,67	-	-	-	-	-	-	32.855	100
029. Cruz. do Oeste	27.000	98,90	300	1,10	-	-	-	-	-	-	27.300	100
030. Maril. do Sul	-	-	23.380	87,63	-	-	-	-	3.300	12,37	26.680	100
031. S. Jer. da Serra	10.050	38,47	15.940	61,02	-	-	-	-	130	0,51	26.120	100
032. Iporã	7.200	29,50	17.200	70,50	-	-	-	-	-	-	24.400	100
033. Jardim Alegre	8.800	36,44	15.350	63,56	-	-	-	-	-	-	24.150	100
034. Camp. da Lagoa	20.100	86,26	3.200	13,74	-	-	-	-	-	-	23.300	100
035. Barbosa Ferraz	15.100	70,13	6.230	28,93	-	-	-	-	200	0,94	21.530	100
036. Góio-Erê	5.050	25,60	14.520	73,63	-	-	-	-	150	0,77	19.720	100

( Continua )

## CERÂMICAS - 1971

Municípios	Tijolos		Telhas		Lajes		Ladrilhos		Capas		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
037. Miraselva	18.400	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	18.400	100
038. Curitiba	12.000	66,18	5.930	32,70	-	-	-	-	200	1,12	18.130	100
039. Assis Chateaubr.	-	-	16.000	98,76	-	-	-	-	200	1,24	16.200	100
040. Alv. do Sul	6.300	42,57	8.500	57,43	-	-	-	-	-	-	14.800	100
041. Rancho Alegre	-	-	14.500	100,00	-	-	-	-	-	-	14.500	100
042. Fenix	5.200	37,96	8.500	62,04	-	-	-	-	-	-	13.700	100
043. Janiópolis	10.300	79,23	2.700	20,77	-	-	-	-	-	-	13.000	100
044. S. Pedro do Ivaí	11.800	92,18	1.000	7,82	-	-	-	-	-	-	12.800	100
045. Altônia	9.590	82,45	2.040	17,55	-	-	-	-	-	-	11.630	100
046. Munhoz de Melo	9.000	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	9.000	100
047. Cascavel	4.000	49,69	4.050	50,31	-	-	-	-	-	-	8.050	100
048. Boa Esperança	5.500	69,62	2.400	30,38	-	-	-	-	-	-	7.900	100
049. Terra Roxa	-	-	7.300	100,00	-	-	-	-	-	-	7.300	100
050. Ubiratã	3.060	45,26	3.200	47,33	-	-	500	7,41	-	-	6.760	100
051. Bela V. do Paraíso	-	-	6.500	98,36	-	-	-	-	108	1,64	6.608	100
052. Peabiru	5.600	84,84	1.000	15,16	-	-	-	-	-	-	6.600	100
053. Guarapuava	-	-	6.400	100,00	-	-	-	-	-	-	6.400	100
054. Lobato	-	-	6.250	100,00	-	-	-	-	-	-	6.250	100
055. Astorga	3.000	50,00	3.000	50,00	-	-	-	-	-	-	6.000	100
056. Guaraniaçu	1.500	25,86	3.300	56,89	-	-	-	-	1.000	17,25	5.800	100
057. Godoy Moreira	3.700	64,91	2.000	35,09	-	-	-	-	-	-	5.700	100
058. Borrazópolis	4.500	78,94	1.200	21,06	-	-	-	-	-	-	5.700	100
059. Pérola	5.000	90,90	-	-	-	-	-	-	500	9,10	5.500	100
060. Céu Azul	-	-	5.450	100,00	-	-	-	-	-	-	5.450	100
061. Porecatu	2.350	43,43	2.700	49,90	-	-	360	6,67	-	-	5.410	100
062. Quinta do Sol	-	-	5.200	100,00	-	-	-	-	-	-	5.200	100
063. Toledo	-	-	4.550	90,09	-	-	-	-	500	9,91	5.050	100
064. Matelândia	-	-	4.800	100,00	-	-	-	-	-	-	4.800	100
065. Paranavaí	3.000	70,42	1.260	29,58	-	-	-	-	-	-	4.260	100
066. Sertaneja	4.050	96,42	-	-	-	-	-	-	150	3,58	4.200	100
067. Eng. Beltrão	4.100	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	4.100	100
068. Guaraci	2.000	50,00	2.000	50,00	-	-	-	-	-	-	4.000	100

TABELA 34

## CERÂMICAS - 1971

Municípios	Tijolos		Telhas		Lajes		Ladrilhos		Capas		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
069. Corbélia	-	-	3.600	100,00	-	-	-	-	-	-	3.600	100
070. Jaguapitã	3.500	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	3.500	100
071. Curitiba	200	5,88	3.200	94,12	-	-	-	-	-	-	3.400	100
072. Formosa do Oeste	-	-	3.240	100,00	-	-	-	-	-	-	3.240	100
073. Alto Piquiri	-	-	3.000	100,00	-	-	-	-	-	-	3.000	100
074. Mandaguacu	3.000	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	3.000	100
075. Sta. Mariana	3.000	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	3.000	100
076. Iretama	-	-	3.000	100,00	-	-	-	-	-	-	3.000	100
077. Mamborê	2.500	96,15	100	3,85	-	-	-	-	-	-	2.600	100
078. Floresta	-	-	2.500	100,00	-	-	-	-	-	-	2.500	100
079. Cerro Azul	-	-	2.500	100,00	-	-	-	-	-	-	2.500	100
080. Xanbrê	-	-	2.500	100,00	-	-	-	-	-	-	2.500	100
081. Araruna	-	-	2.000	100,00	-	-	-	-	-	-	2.000	100
082. Prudentópolis	2.000	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	2.000	100
083. Pitanga	-	-	2.000	100,00	-	-	-	-	-	-	2.000	100
084. Bom Sucesso	2.000	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	2.000	100
085. Ponta Grossa	1.500	79,78	380	20,22	-	-	-	-	-	-	1.880	100
086. Ortigueira	-	-	1.800	100,00	-	-	-	-	-	-	1.800	100
087. Sertãoópolis	1.200	75,00	-	-	400	25,00	-	-	-	-	1.600	100
088. Rib. do Pinhal	1.500	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	1.500	100
089. Catanduvas	-	-	1.500	100,00	-	-	-	-	-	-	1.500	100
090. Rio Bom	-	-	1.100	100,00	-	-	-	-	-	-	1.100	100
091. Kaloré	-	-	1.000	100,00	-	-	-	-	-	-	1.000	100
092. Bandeirantes	1.000	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	1.000	100
093. Nova Fátima	1.000	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	1.000	100
094. Sapopema	-	-	-	-	-	-	-	-	500	100	500	100
095. Leopólis	-	-	500	100,00	-	-	-	-	-	-	500	100
096. Cambará	500	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	500	100
097. Colorado	500	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	500	100
098. Florai	300	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	300	100
099. Mariluz	300	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	300	100
100. Foz do Iguaçu	-	-	-	-	-	-	-	-	40	100	40	100

TABELA 34

Jataizinho  
Distribuição da produção oleira  
- 1971 -

REGIÃO	Peças	
	Nº	%
Norte Velho .....	961.312	14,43
Norte Novo .....	5.215.100	78,27
Norte Novíssimo .....	389.040	5,84
Outras localidades .....	97.500	1,46
<b>TOTAL .....</b>	<b>5.662.952</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Inquérito aplicado em Jataizinho.

TABELA 35



como, também, à presença de uma rede de transportes bem desenvolvida que permite o escoamento dos produtos, embora possa onerá-los.

A produção das olarias de Jataizinho atende a 44 municípios do Norte Novo sendo que entre estes, os de maior consumo são, obviamente, os grandes centros urbanos como Londrina, Maringá, Araçongas, Apucarana, entre outros.

O elevado consumo destas áreas vem se acentuando ultimamente em consequência do êxodo rural que concorre para ampliar a demanda habitacional nas cidades. A carência de moradias, que tem contribuído para gerar problemas sociais, constitui preocupação de entidades particulares e oficiais que têm desenvolvido esforços para encontrar soluções adequadas. A exemplo do que ocorre em todo o Brasil, também em Londrina e outras cidades do Norte paranaense, o B.N.H. (Banco Nacional da Habitação) construiu unidades habitacionais, visando minorar o problema de moradia das classes menos favorecidas. Assim é que entre 1975-1978 foram construídas 20 514 unidades, financiadas através dos órgãos específicos, afim de atender aqueles que aspiravam adquirir a sua casa própria.

É evidente que a exigência de um número cada vez maior de habitações forçou o consumo de telhas, tijo

jolos, lajes e cerâmicas, o que contribuiu para estimular a produção oleira dos estabelecimentos localizados em Jataizinho .

Por outro lado, a pequena proporção de telhas e de tijolos consumidas pelo Norte Velho pode ser explicada pela grande distância que o separa da zona oleira de Jataizinho. Deste modo, os consumidores desta área preferem adquirir produtos oleiros em Ourinhos (São Paulo) o que lhes garante preços mais vantajosos, em relação aos de Jataizinho e, também, maior variedade de tipos.

No Norte Velho, os maiores consumidores dos produtos oleiros de Jataizinho foram, por ordem decrescente, os municípios de Assaí, Jataizinho, Cornélio Procópio, Santo Antonio do Paraíso, São Sebastião da Amoreira, Nova América da Colina, Uraí, Santa Cecília do Pavão, São Jerônimo da Serra e Miraselva.

Já no que se refere ao consumo de manilhas produzidas pela Cerâmica Bela Vista, destacam-se no Norte Velho os municípios de Cornélio Procópio, Bandeirantes, Santa Mariana, Cambará, Assaí, Ribeirão do Pinhal, Uraí, Nova Pátima, Nova América da Colina e Jataizinho. Todavia, com exceção dos três primeiros municípios citados que consumiram, respectivamente, 18 628 peças, 16 186 peças e 7 519 peças,

todos os demais registram um consumo de manilhas relativamente baixo que oscilou entre 3 400 a 595 peças. Este fato pode estar ligado à ausência da implantação de uma infraestrutura de saneamento básico. (Figura 27).

No Norte Novíssimo o consumo de produtos das olarias e cerâmicas de Jataizinho é mais limitado. Isto se deve, principalmente, à distância que separa esta região da área produtora. Por outro lado, o Norte Novíssimo apresenta uma rede urbana em desenvolvimento onde existem inúmeras cidades de pequeno e médio porte como as de Fenix, Campo Mourão, Mamborê, Goio-Erê, Alto Piquiri, Umuarama e Xambrê que, entre 1960-1970, duplicaram sua população. (105) Todavia, o desenvolvimento urbano que aí se verifica, pouco significado apresenta para estimular a produção de Jataizinho, uma vez que alguns produtos oleiros podem ser obtidos em cerâmicas dessa região. Uma delas, é a Cerâmica Andirá, de propriedade da Companhia de Terras do Norte do Paraná, que está instalada na margem esquerda do rio Ivai, a cerca de 4 Km da rodovia que liga Maringá à Cianorte ( BR-86). Utilizando-se de argila

---

( 105) NAKAGAWARA, Yoshiya. Obra citada, p. 14.

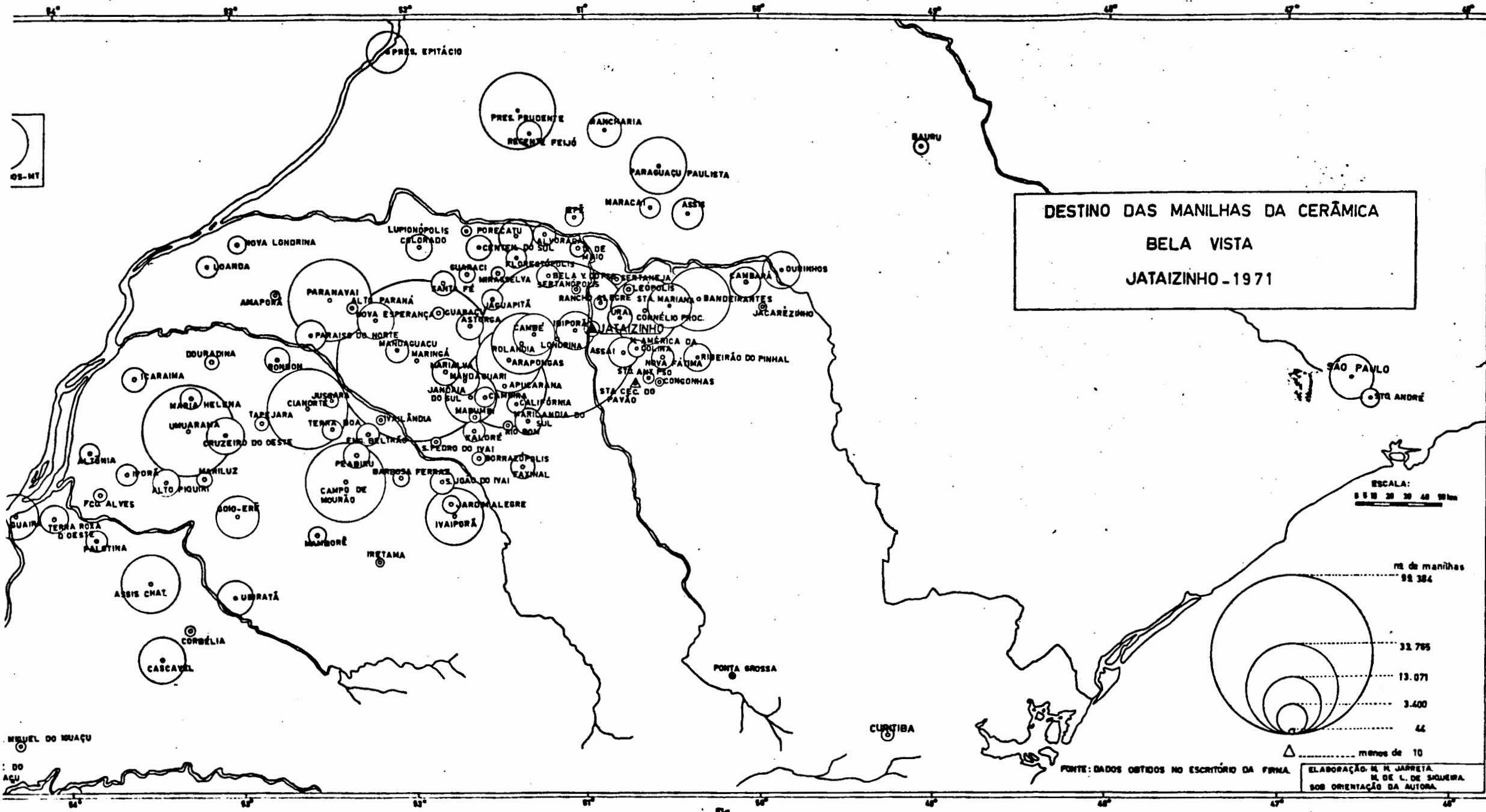


FIGURA 27

de ótima qualidade, retirada no próprio local e recomendada para inúmeras aplicações no fabrico de materiais cerâmicos destinados à construção civil, a Cerâmica Andirá produziu, no ano de 1975, em média, 2 359 942 peças. ( 106)

Em 1971, a produção oleira de Jataizinho encaminhada para o Norte Novíssimo incluía telhas, tijolos num total de 389 040 peças que foram colocadas, principalmente, nos municípios de Loanda ( 44 220 peças), Umuarama( 52 420), Campo Mourão (44 220), Cruzeiro do Oeste, Iporã, Campina da Lagoa, Barbosa Ferraz, Goio-Erê, Fenix e Janiópolis.

Entre os municípios do Norte Novíssimo que consumiram as manilhas produzidas em Jataizinho destacam-se, pela quantidade recebida, os de Umuarama ( 33 765 peças), Paranaí ( 27 124 peças), Cianorte ( 26 222) e Campo Mourão ( 25 628 peças). Percebe-se assim, que embora restrito pelas já mencionadas condições geográficas e pela existência de cerâmicas nesta área, o consumo dos produtos jataienses ocorre, em sua maior parte, nos centros urbanos mais expressivos do Norte Novíssimo. (Fotos 13-14).

A distribuição dos produtos oleiros de Jataizinho em outras localidades é pouco expressiva; todavia, as manilhas produzidas nas cerâmicas desse município chegam a atender algumas cidades paulistas como Presidente Prudente, Pre

---

( 106) VARIOS AUTORES. "Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná", p. 293.



Fotos 13-14. Cerâmica Bela Vista. Na foto superior as instalações deste estabelecimento que, foi adquirido da Companhia Colonizadora de Terras Maxwell. Na foto inferior produtos oleiros desta Cerâmica que especializou-se no fabrico de manilhas utilizando, para isso, os "barreiros" existentes na região.

sidente Epitácio, Paraguaçu Paulista e Ourinhos; por outro lado, o aparecimento de cidades como Dourados (Mato Grosso do Sul) e São Paulo (Capital) na relação de consumidores dos produtos das olarias de Jataizinho constituem casos esporádicos que só podem ser explicados pelo aproveitamento das viagens de retorno.

Tal como acontece em outras áreas, as olarias de Jataizinho tem se desenvolvido em função do grande mercado consumidor. Assim, para atender a crescente demanda vem sendo construídas novas unidades cerâmicas e oleiras dotadas de instalações modernas e, portanto, em condições para produzir peças em maior número, de melhor qualidade e a preços mais lucrativos. Esse fato tem contribuído para gerar problemas de concorrência que nem sempre podem ser solucionados. Ao contrário, eles são agravados pela escassez de argila nas proximidades de Jataizinho, pela falta de lenha para movimentar a fornalha o que implica, conseqüentemente na aquisição de outro combustível e no encarecimento do produto final; além disso, surgem outros problemas derivados da deficiente organização de trabalho e da utilização de mão-de-obra não qualificada e pouco numerosa para atender às necessidades da produção.

Percebe-se assim que ocorre uma grande instabilidade na produção e no comércio dessas mercadorias, o que talvez pudesse ser contornado com a criação de cooperativas que absorvessem a produção das cerâmicas e olarias e, deste modo, dessem mais segurança ao pequeno e médio produtor; além desta, uma outra medida seria a instalação de filiais a fim de ampliar as áreas consumidoras.

Entretanto, é preciso destacar que, caso estas providências não se concretizem, muitas das pequenas olarias não terão condições de sobrevivência e, certamente, passarão, como já vem acontecendo, a operar clandestinamente no mercado paralelo; isto, sem dúvida, comprometerá a qualidade do produto que, assim, será elaborado sem as condições ideais de fabricação.

Além das olarias e cerâmicas de Jataizinho, merecem destaque especial as usinas de beneficiamento de algodão que ali se instalaram nos primeiros anos da década de 60. Este fato está ligado à elevada produtividade que o algodão herbáceo alcançou em todo o Norte do Paraná, o que determinou a localização dessas usinas nas proximidades das regiões algodoeiras e centros urbanos. Esta localização facilitaria, não somente a obtenção da matéria-prima como, também, o escoamento da produção para outros estados brasileiros e para o exterior.



Em 1968, de uma colheita total de 667 533 805 Kg de algodão, foram beneficiados nas 77 usinas paranaenses, 586 043 492Kg, sendo que do restante, 80 610 383 Kg foram beneficiados em estabelecimentos paulistas. (107)

Entre os municípios paranaenses que possuem o maior número de usinas estão os de Assai (11 usinas), Maringá (8 usinas), Paranavai (6 usinas), Umuarama (5 usinas), Londrina (4 usinas), Apucarana e Jataizinho (com 3 usinas cada um). (108) Percebe-se assim, que as usinas de beneficiamento de algodão instaladas no Norte do Paraná estão concentradas na Micro-região Algodoeira de Assai.

Jataizinho, um dos municípios que integra a Micro-região Algodoeira de Assai, participou e vem participando, não só no cultivo do algodão conforme foi destacado no capítulo referente às atividades agrárias, mas, também, no processamento de sua semi-industrialização.

O beneficiamento desse produto em Jataizinho, iniciou a partir de 1968, através das três usinas então existentes: Abib e Cia Ltda (1967); Algodoeira Pernambucana Algoper (1964); e Cooperativa agrária de Cotonicultores de Jataizinho (CACOJAL). A estas, juntaram-se outras alguns anos depois.

Conforme o demonstrativo da produção algodoeira

(107) Serviço de Acordo de Classificação do Estado do Paraná, Algodão no Paraná, Safra 68-69, p. 2.

(108) Idem. Idem, p. 2.

ra de Jataizinho no período de 1968-1969, a firma ALGOPER foi a que obteve o maior volume de algodão, sendo 6 272 971 Kg em caroço, 3 574 183 em pluma, além de 496 374,8 Kg de perdas, o que representa 4,8% do total recebido. (Tabela 36).

A firma Abib e Cia Ltda registrou, em relação às demais, o menor volume de algodão, ou seja, 2 196 235 Kg que representaram 10,78% do total; observa-se, porém, que a produção de algodão em caroço e em pluma atingiu um percentual mais satisfatório, pois foi de, respectivamente, 60,75% e 35,08%. Por outro lado, a CACOJAL que adquiriu 38,44% da produção obteve resultado inferior ao das duas citadas, tanto em relação ao caroço, quanto à pluma; além disso, esta firma teve 2,06% do produto, desclassificado, 0,35% de resíduos e 7,8% de perdas.

Diante do exposto e analisando detalhadamente os dados referentes à produção algodoeira de Jataizinho, nota-se que existe uma grande variação no volume do produto, considerando as diferentes safras e as firmas envolvidas. Estas condições, delimitam e, mesmo, restringem a comercialização interna e externa do produto, que depende, não apenas de certas particularidades geográficas da área em que o algodão é produzido, como também de aspectos sócio-econômicos.

Após o beneficiamento, as firmas compradoras efetuam a comercialização do produto destinando, o algodão em caroço para sementes ou para a industrialização de óleos e o algodão em pluma para as indústrias têxteis. (Tabela 37).

TABELA 1  
 QUADRO DE PRODUÇÃO ALGODOEIRA POR FERRADE JATAIZINHO  
 SAFRA 68/69

USINAS	ALG. CARCÇO	CARCÇO	%	FLUM.	%	DESSCLASS.	%	RESÍDUOS	%	PERDAS	%
Abib e Cia	2.196.235,00	1.334.175,00	60,75	770.365,50	35,06	-	-	7.503,0	0,34	84.161,5	3,83
Algofer	10.343.528,00	6.272.271,00	60,65	3.574.183,00	34,56	-	-	-	-	496.374,0	4,80
Cacojal	7.830.112,00	4.448.811,00	56,81	2.582.163,00	32,98	161.020,5	2,06	27.455,0	0,35	620.002,5	7,80
SAFRA 69/70											
Macul S/A	4.051.436,0	2.763.255,0	55,81	1.662.465,0	33,58	-	-	8.475,0	0,17	517.181,0	10,44
Algofer	5.091.509,0	5.264.810,0	57,97	3.117.785,0	34,29	36.610,0	0,40	-	-	672.304,0	7,40
Cacojal	500.607,0	276.809,0	55,29	186.308,0	37,22	-	-	3.224,5	0,64	34.265,5	6,84
Palmeirense	973.765,0	632.550,0	64,96	315.571,0	32,41	-	-	4.468,0	0,77	25.044,0	2,63
Curo Branco	577.544,0	344.935,0	59,72	203.443,0	35,23	-	-	-	-	24.058,0	4,28
SAFRA 70/71											
Algofer	6.039.701,0	4.208.205,0	69,71	2.354.944,0	33,69	-	-	3.531,0	0,05	423.021,0	6,95
Curo Branco	1.405.049,0	807.566,0	57,50	409.674,5	33,16	2.516,0	0,17	2.594,0	0,17	126.658,5	8,97
Palmeirense	1.713.742,0	1.025.829,0	59,86	578.035,0	33,73	-	-	-	-	109.848,0	6,41
Macul S/A	4.405.059,0	2.495.043,0	56,64	1.402.309,5	32,93	-	-	11.361,0	0,26	496.004,5	11,26
SAFRA 71/72											
Abib e Cia.	1.208.830,0	699.739,0	57,81	425.382,5	35,19	400,0	0,03	3.011,0	0,32	80.406,5	6,62
Algofer	13.279.341,0	8.012.408,0	60,34	4.640.349,0	34,94	-	-	13.642,0	0,10	623.942,0	4,68
Cacojal	4.704.226,0	2.682.648,0	57,02	1.700.608,5	36,34	4.243,5	0,09	22.591,5	0,48	285.511,5	6,07
Palmeirense	1.530.009,0	908.934,0	59,39	524.371,0	34,27	-	-	-	-	86.701,0	5,65
Cer. Vencedora	1.499.241,0	879.430,0	58,65	525.178,5	35,02	-	-	9.563,5	0,64	85.368,0	5,70
SAFRA 72/73											
Algofer	8.416.785,0	5.102.575,0	60,71	2.019.642,0	34,69	-	-	27.074,0	0,33	359.501,0	4,27
Cacojal	1.869.478,0	1.142.833,0	61,25	563.150,0	35,47	193,5	0,01	5.022,0	0,30	53.672,5	2,87
Abib e Cia	403.396,0	244.155,0	60,52	144.920,5	35,93	-	-	-	-	14.341,5	3,55
Nova Safra	1.214.251,0	700.356,0	57,69	413.205,0	34,03	400,0	0,03	8.100,0	0,67	9.213,0	7,59
SAFRA 73/74											
Algofer	7.916.714,0	4.747.648,0	59,97	2.777.946,5	35,09	2.300,5	0,03	18.327,5	0,23	379.491,5	4,68
Cacojal	1.633.487,0	1.000.066,0	61,22	567.823,5	34,75	507,5	0,06	4.739,5	0,29	59.950,5	3,65
Macul	1.780.773,0	1.056.147,0	59,32	638.101,5	35,84	-	-	4.287,0	0,24	81.637,5	4,59
SAFRA 74/75											
Algofer	5.691.593,0	3.548.050,0	62,34	1.937.726,5	34,68	-	-	2.774,5	0,05	167.042,0	2,93
Cacojal	3.991.462,0	2.497.751,0	62,58	1.433.879,0	35,92	499,5	0,01	3.799,5	0,10	5.534,0	1,39
Macul	5.172.756,0	3.265.481,0	63,13	1.797.696,0	34,75	-	-	12.005,6	0,23	97.572,6	1,89
José B. Farias (produtor)	28.500,0	17.350,0	60,87	10.034,0	35,21	-	-	-	-	1.116,0	3,92
Severino F. Fag (produtor)	108.500,0	66.800,0	61,57	39.016,0	35,96	-	-	-	-	2.684,0	2,47
SAFRA 75/76											
Cacojal	1.729.644,0	1.069.032,0	61,29	615.549,0	35,59	-	-	367,0	0,02	53.657,0	3,10
Nova Safra	856.369,0	500.405,0	58,44	298.650,0	34,87	379,6	0,04	12.523,2	1,46	44.411,2	5,19
Anacimemka	903.594,0	543.765,0	60,19	324.051,0	35,86	-	-	-	-	35.778,0	3,96
SAFRA 76/77											
Nova Safra	1.655.740,0	1.064.106,0	64,27	504.301,4	30,46	-	-	1.034,2	0,10	35.108,4	2,17
Cacojal	3.170.367,0	2.002.465,0	63,16	1.083.910,0	34,19	-	-	8.081,0	0,25	75.011,0	2,40
SAFRA 77/78											
Cacojal	1.800.289,0	1.145.322,0	63,64	599.335,0	33,23	-	-	844,5	0,05	54.487,5	3,02
Algofer	1.301.931,0	814.978,0	62,56	442.074,2	33,92	-	-	-	-	47.261,0	3,62
Nova Safra	1.723.434,0	1.005.608,0	58,37	601.420,6	34,88	-	-	1.411,6	0,08	24.033,8	1,45
SAFRA 78											
Algofer	4.400.266,0	2.652.076,0	60,27	1.053.281,0	23,93	-	-	-	-	185.005,0	4,20
Nova Safra	1.445.527,0	800.701,0	55,44	400.000,0	31,22	100,8	0,01	1.000,0	0,14	60.700,0	4,20
Cacojal	2.619.568,0	1.607.101,0	61,39	730.114,5	27,90	305,0	0,02	-	-	71.957,5	2,75

## CAROÇO VENDIDO - USINA DE ALGODÃO DE JATAIZINHO

	Abib e Cia.	Algoper	Cacojal	Macul S'A	Palmei- rense	Curo Branco	Cer.Ven cedora	Nova Safra	José D. Farias	Severino F.Pessoa	Asai- monka
1968	1) 211.423	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	2) -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	3) 1.122.752	6.272.971	1.669.060	-	-	-	-	-	-	-	-
1970	1) -	-	276.809	570.885	-	344.935	-	-	-	-	-
	2) -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	3) -	5.264.810	-	2.192.470	-	-	-	-	-	-	-
70/71	1) -	12.248	-	320.695	52.000	72.679	-	-	-	-	-
	2) -	-	-	58.800	-	-	-	-	-	-	-
	3) -	4.280.875	-	2.115.548	-	953.159	-	-	-	-	-
71/72	1) 698.730	67.624	2.682.648	-	-	-	879.430	-	-	-	-
	2) -	20.837	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	3) -	7.909.571	-	-	-	-	-	-	-	-	-
72/73	1) -	-	-	-	-	-	-	700.356	-	-	-
	2) -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	3) 244.155	5.109.575	1.146.831	-	-	-	-	-	-	-	-
73/74	1) -	110.904	84.848	1.056.147	-	-	-	-	-	-	-
	2) -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	3) -	915.218	915.218	-	-	-	-	-	17.350	66.800	-
74/75	1) -	-	395.596	528.970	-	-	-	-	-	-	54.765
	2) -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	3) -	3.548.050	2.102.155	2.735.511	-	-	-	-	-	-	-
75/76	1) -	-	509.416	-	-	-	-	500.405	-	-	-
	2) -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	3) -	-	550.616	-	-	-	-	-	-	-	-
76/77	1) -	-	-	-	-	-	-	472.230	-	-	-
	2) -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	3) -	-	2.002.465	-	-	-	-	-	-	-	-
77/78	1) -	-	-	-	-	-	-	330.868	-	-	-
	2) -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	3) -	814.975	1.145.522	-	-	-	-	764.800	-	-	-
79	1) -	-	15.611	-	-	-	-	-	-	-	-
	2) -	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	3) -	2.651.950	1.191.580	-	-	-	-	899.726	-	-	-

FORTE: Serviço de Acordo de Classificação do Estado do Paraná  
Algodão no Paraná - Safra 68 a 79

- 1) Carvão vendido no Estado (ôleo)
- 2) Carvão vendido no Estado p/ cimento
- 3) Carvão vendido p/ outro Estado

TABELA 37

Dependendo da safra, o rendimento pode ser maior ou, então, dar prejuízo. Por exemplo, dependendo do tipo do algodão e da técnica de cultivo, podem ocorrer produtos desclassificantes, o que implica em maiores quantidades de resíduos e, portanto, em perdas que constituem um aspecto negativo para o produtor.

Na década de 70, mais três usinas algodoeiras foram criadas no município de Jataizinho, visando aproveitar a matéria-prima existente na região: Indústrias Reunidas Macul S.A., Imóveis e Comércio, filial de outra algodoeira de Marília (Estado de São Paulo), que arrendou por dois anos, as instalações da firma Abib S.A.; Algodoeira Ouro Branco Ltda.; e Algodoeira Palmeirense S.A. (A.P.S.A.).

Apesar de ter aumentado o número de usinas nos anos de 1969 e 1970, a safra deste período registrou uma sensível queda no volume da produção de algodão em caroço e, conseqüentemente, os produtos beneficiados também sofreram uma redução. Nesse período destacaram-se as firmas ALGOPER, que absorveu 56,49% da produção; Macul que ficou com 30,76%; Palmeirense com 6,05%; Ouro Branco com 3,59%; e CACOTAL com 3,11%. (Foto 15).

Em 1972, as firmas mencionadas prosseguiram suas atividades. Além delas foi instalada outra, denominada Cerealista Vencedora e registrou-se o retorno da Macul S.A., que deixara de funcionar alguns anos antes. Em 1973 instalou-se a algodoeira Nova Safra.

O aumento do número de algodoeiras que reflete o crescimento deste setor de semi-beneficiamento industrial pode, entretanto, dar uma visão deturpada da reali



Foto 15. Algodoeira de Jataizinho. Vista das instalações da Algoper, localizada junto à rodovia que dá acesso a Rancho Alegre. As dimensões deste estabelecimento permitem estocar grandes quantidades de algodão até que este seja semi-beneficiado e distribuído.

dade da produção porque muitas firmas utilizam instalações de outras que assim deixam de produzir. Foi o que aconteceu com as firmas de José Botelho Farias, de Severino Felix da Silva, ambas instaladas em 1975 e, também, com a Assaimenka (1976). Fato idêntico ocorreu com a Algodoeira Nova Safra que passou a funcionar nas instalações da firma Abib e Cia..

Em 1976, funcionavam em Jataizinho, apenas três usinas: ALGOPER, Nova Safra e CACOJAL. O sucesso destas firmas esteve ligado não só à grande produtividade, como, também, à intensa comercialização que desenvolveram. Por exemplo, a Algoper tinha em Jataizinho um setor de compras e vendas e outro para o beneficiamento de algodão. Além disso, esta firma conta com subsidiárias, em São Paulo; depósito de exportação em Paranaguá (Pr); escritório de compras e vendas em São Paulo (SP), Umuarama (PR) e Limoeiro (PE) sendo que nesta última localidade dispõe também de máquina para beneficiamento do algodão.

O comércio da Algoper expandiu-se pelos Estados de Santa Catarina, Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Alagoas, atendendo, principalmente, as indústrias têxteis de grande consumo interno. Além das divisas territoriais brasileiras atingiu países como a Tailândia, o Japão e a Alemanha Ocidental.

O algodão comercializado pela Algoper procede de cerca de 20 municípios entre os quais se destacam os de Primeiro de Maio, Sertãoópolis, Santa Izabel do Ivaí, Ja

taí, Cambé, Janiópolis, Ubiratã, e Goio-Erê.(109).

A presença em Jataizinho de usinas de beneficiamento do algodão vem propiciando ao homem do campo maior segurança na colocação de sua produção; paralelamente as próprias usinas são beneficiadas com a continuidade desse fornecimento que lhes garante a matéria-prima necessária ao desenvolvimento de suas atividades. Assim, cultivador e usineiros participam do desenvolvimento econômico da região que, por sua vez, necessita de constante apoio por parte do poder público que deverá proporcionar-lhes necessário e uma eficiente política de comercialização .

É preciso lembrar que o incentivo ao desenvolvimento econômico em Jataizinho deve ser feito através da instalação de novas indústrias a fim de absorver a mão-de-obra ociosa existente na região.

---

(109) Dados obtidos no Escritório da Algoper, Jataizinho.



## 5. Conclusões.

5. Conclusões. Jataizinho goza de uma privilegiada posição geográfica no Norte Paranaense. Isto já se evidenciava desde que, na segunda metade do século XIX, ali se instalou a Colônia Militar do Jatai que aproveitou-se, justamente, da posição estratégica do local. Assim, também, certos aspectos de ordem física, como por exemplo a presença de um rio navegável (o Tibagi) e a inexistência de obstáculos orográficos, propiciaram condições para que Jataizinho se constituísse num ponto de passagem obrigatória para aqueles que, procedentes de Curitiba, desejassem alcançar as terras da Província do Mato Grosso.

Em 1920, quando Jataizinho era vila, a circulação nesta área ainda era feita por essas vias. Esta situação só foi modificada quando a cultura do café atingiu o Norte Paranaense e se tornou necessário implantar uma infra-estrutura regional capaz de atender as exigências do escoamento da produção cafeeira. Visando atingir este objetivo e, também, vislumbrando a

possibilidade de vender terras situadas além do Tibagi, alguns fazendeiros paulistas obtiveram do governo uma concessão para construir e explorar a via férrea que, de Ourinhos (São Paulo), atingia Jataizinho. A construção desta ferrovia, que concretizou-se em 1932 contribuiu para que o Norte Paranaense se integrasse ao Estado de São Paulo. Por outro lado, como consequência das relações que se estabeleceram nesta área, a ocupação humana realmente efetivou-se, sobretudo graças ao trabalho desenvolvido pelas Companhias Colonizadoras. Entre esta, merece destaque a Companhia de Terras do Norte do Paraná que, através de uma política bem dirigida incentivou a posse e a conquista do território dessa região. A venda de terras por essas Companhias, entretanto, foi facilitada pela propaganda que se fazia em torno da excelência dos solos de terra-roxa, propícios ao cultivo do café que, desde fins do século XIX, atingira o Norte Paranaense.

Foi ainda em decorrência da atuação das Companhia de Terra do Norte do Paraná que, em 1935, a ferrovia estendeu-se além do rio Tibagi que até essa época dificultara a expansão dos loteamentos. Assim, os trilhos avançaram no rumo Oeste do Norte Paranaense, completando o sistema viário desta área que era constituído apenas por uma precária rede de caminhos carroçáveis.

O processo de ocupação do Norte Paranaense foi, assim, dinamizado pela presença da ferrovia ( São

Paulo-Paraná ) e das rodovias. Esta, comunicavam o Norte Paranaense e, conseqüentemente Jataizinho, não só com o restante do Paraná, mas, também, com o Estado de São Paulo e com o Porto de Santos, através do qual era exportada a produção cafeeira. As rodovias, entretanto, só foram melhoradas a partir de 1960 , quando a policultura foi introduzida na região. Atualmente, a região dispõe de rodovias asfaltadas, como aquela que através de São Jerônimo, comunica Jataizinho com Curitiba e que aproveitou o traçado do antigo caminho que ligava Jataizinho a Castro e Curitiba. Além disso, a capital paranaense pode ser atingida pela Rodovia Mauá que faz o acesso de Londrina com a rodovia do café. A região ainda é servida pela BR-369 que liga Ourinhos à Guaíra.

A presença desta rede viária reforçou a função de Jataizinho como centro coletor e distribuidor de produtos locais, regionais e inter-estaduais , situação que perdura até hoje. Assim, estas vias são utilizadas pelos produtores de cidades vizinhas, como as de Assai, São Jerônimo, Santa Cecília do Pavão, São Sebastião da Amoreira e Ibiporã, entre outras, que fazem de Jataizinho também um centro de transações comerciais. O mesmo se observa em todos os setores que marcam as relações entre as cidades, ou entre campo-cidade.

Observa-se, contudo que, antes do asfaltamento das rodovias, o maior movimento de cargas de passagens

sageiros era feito através das ferrovias. A pesquisa de campo realizada em 1971 na estação ferroviária de Jataizinho, porém mostrou que, comparado aos anteriores, esse ano registrou um decréscimo no movimento de passageiros, como consequência do sistema operacional, pois o transporte rodoviário proporciona melhores condições de conforto e, além disso, são mais rápidas.

Todos estes aspectos considerados tem grande significado para a compreensão da vida de relações de Jataizinho e de toda a região, pois observa-se que é em sua área imediata que se registra o maior movimento de passageiros. Todavia, no que se refere ao movimento de cargas, percebe-se que o transporte por ferrovia é maior em direção aos Portos de Parana-guá e Antonina e, também, às cidades de São Paulo que recebem matéria-prima de Jataizinho, ou fornecem-lhe produtos manufaturados. Esta pesquisa mostrou, também, que o volume da mercadoria recebida pelas ferrovias é bem inferior ao da expedida. Esse fato pode ser entendido como um reflexo das atividades desenvolvidas em Jataizinho e na região pois se o município tem sua economia baseada, quase que exclusivamente, no produto decorrente de atividades primárias, a importação evidentemente, é mínima; além disso, a situação se agrava porque esta importação ainda tem que ser dividida com as transportadoras que se utilizam das rodovias.

As mercadorias exportadas através das ferrovias que servem Jataizinho e a região, destinam-se,

principalmente, aos Portos de Paranaguá (peletes de soja e linter do algodão) e Antonina (trigo); Ourinhos (trigo) e Blumenau (algodão em pluma). Por outro lado, Jataizinho recebe diferentes mercadorias destinadas às localidades próximas, como é o caso da Indústria de Óleos Tibagi, localizada no município de Ibiporã que recebe os vasilhames de que necessita através de Jataizinho.

Por todas as considerações feitas, percebe-se que as transformações agrárias ocorridas na ocupação do espaço de Jataizinho e que marcaram a sua paisagem rural, foram uma consequência das sucessivas fases que ali se processaram.

Assim, a princípio, a ocupação do espaço de Jataizinho esteve vinculada a instalação de uma Colônia Militar que, como tantas outras de mesma natureza, resultou em fracasso devido a ausência de uma infraestrutura capaz de assegurar-lhe a própria sobrevivência. Todavia desde o início do estabelecimento da Colônia Militar, os soldados deveriam promover seu próprio sustento praticando a agricultura de subsistência.

Esta primeira fase é caracterizada sobretudo pelo incentivo oficial de promover o estabelecimento humano objetivando a defesa, e a posse do território que, mais tarde, seria o município de Jataizinho.

Contudo, embora esta iniciativa tenha tido grande significado para aquela época, pode, hoje, ser considerada como uma tentativa sem sucesso, uma vez que terminada a guerra do Paraguai caiu em abandono não deixando, sequer, testemunhas materiais de sua existência.

No início do século XX a retomada de ocupação motivada pelo café deu início a segunda fase que assim, como a primeira, esteve apoiada em atividades primárias, como a agricultura praticada, em áreas de solos mais férteis e a pecuária, naquelas de menor fertilidade.

Com o cultivo do café, surgiram os loteamentos que não só ocuparam e dinamizaram o espaço agrário como também agilizaram as vias de circulação.

A terceira e última fase do processo de ocupação do espaço de Jataizinho, que se estende até os dias atuais, caracteriza-se pelo predomínio da policultura e pela introdução de atividades ligadas ao setor secundário. Desta forma, Jataizinho, integrou-se definitivamente no Norte Paranaense e passou a desfrutar das vantagens de estar situada no entroncamento das principais vias que servem a região, em decorrência de sua posição geográfica.

Em todas estas fases, entretanto, esteve presente a atividade oleira que marcou a paisagem de

Jataizinho. Sua importância pode ser avaliada pelo número de estabelecimentos lá instalados e pelo montante de sua produção de telhas, tijolos, manilhas e outros. O valor de sua produção também deve ser considerado no conjunto pois Jataizinho não só fornece para o mercado local como também para o consumo regional, chegando até a extrapolar para os Estados de São Paulo e Mato Grosso.

Também nesta atividade oleira assim como ocorreu nas práticas agrícolas, a mão-de-obra engajada não contribuiu apenas em parte para o aumento da população de Jataizinho pelas razões que já foram mencionadas no capítulo referente a população.

Verificou-se ainda que, as transformações que ocorreram no espaço geográfico de Jataizinho, não foram fases estanques mas, sim, que resultaram de uma interpenetração das atividades. Em décadas mais recentes, constatou-se que o espaço ocupado pelos cafezais foi gradativamente, sendo substituído pelos algodoads que contribuíram para a instalação de usinas de beneficiamento. Todavia, embora este produto fosse significativo para Jataizinho, conclui-se que o seu desenvolvimento esteve vinculado à oscilações econômicas de suas atividades primárias, ou daquelas correlatas.

Outro aspecto fundamental no estudo das transformações agrárias ocorridas em Jataizinho é que,



o fato deste município não ter acusado uma evolução as-  
cen-cional constante em sua economia, se deve não somen-  
te a fatores de ordem física, como os de natureza cli-  
mática, pedológica, ou topográfica, mas também aqueles  
resultantes de outros condicionantes, como por exemplo  
da instabilidade na definição da área territorial, da  
instabilidade política e da diretriz econômica adotada  
em Jataizinho para as suas principais atividades.

Observa-se que na evolução política-administrativa de Jataizinho este foi elevado a categoria de vila em 1920; passou a município em 1932 e, em 1938, foi extinto tornando-se apenas um distrito do município de São Jerônimo que fora constituído com par-  
te de seu território. Esse quadro político bem demonstra a instabilidade por que passou Jataizinho, com suas fronteiras que se contraíam ou dilatavam ao sabor das pressões políticas; esse aspecto, altamente negativo, foi sem dúvida, responsável pelo pequeno número de investimentos feitos na região, ao contrário do que se verificou em outros municípios do Norte Paranaense que paulatinamente, se desenvolvêram.

A oscilação das fronteiras do município de Jataizinho até 1947 foram influenciadas por pressões políticas e trouxeram, sem dúvida, um desenvolvimento maior e mais estável para outras localidades do Norte do Paraná. Por outro lado, pode ter ocorrido o inverso, ou seja, as oscilações dos limites político-administrativos podem ter sido justamente, uma conse-

quência do desenvolvimento das áreas vizinhas.

Deste modo, Jataizinho, antiga boca-de-sertão, sofreu e ainda sofre a interferência, nem sempre benéfica, das áreas próximas. Atualmente, porém Jataizinho desfruta de certas vantagens, pelo fato de estar localizado num ponto de entroncamento de um sistema viário estruturado em função da produção regional.

Todavia, embora Jataizinho não tenha alcançado desenvolvimento igual a outras localidades de sua região, destaca-se no Norte Paranaense por ter abrigado o núcleo pioneiro na árdua tarefa de povoar os antigos sertões do Tibagi.

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

Obras e artigos de caráter geral

ALMEIDA, Fernando Flávio Marques de - "O Planalto Basáltico da Bacia do Paraná" em Boletim Paulista de Geografia, nº 24, 1962.

ARAUJO FILHO, José Ribeiro de - "O café, riqueza Paulista" em Boletim Paulista de Geografia, nº 23, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, 1956.

AVANSI, Adilson - "A colonização Agrícola Holandesa no Estado de São Paulo. Holambra I", Série Teses e Monografias nº 6, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, 114 pp. São Paulo, 1971.

AZEVEDO, Aroldo de - "Brasil, a Terra e o Homem", vol. II, Companhia Editora Nacional - Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1970.

BONNAMOUR, J. - "Géographie Rurale: le méthodes et perspectives", Collection de Géographie Applicables sous la direction de Mme. J. Beaujeu-Garnier, Masson et Cie. Editeurs, Paris, 1973.

BARTHELMESS, Arthur - "Estado do Paraná. Aspectos Geoeconômicos", em Boletim do Instituto Histórico,

Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, 1958.

BEUJEU-GARNIER, Jacqueline - "Geografia de População", 438 pp., Companhia Editora Nacional-Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

CALÓGERAS, J. Pandiá - "Formação Histórica do Brasil", 6a. Edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1966.

CASTRO, Cláudio de Moura - "Estrutura e apresentação de publicações científicas", Editora Mc Graw-Hill do Brasil Ltda, 70 pp., Rio de Janeiro, 1976.

CARNEIRO, J. Fernandes - "Imigração e Colonização no Brasil, Faculdade Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1950.

DERRUAU, Max. - "Geografia Humana", 2 vol. , Editorial Presença - Editora Martins Fontes, Biblioteca de Textos Universitários, vol. 7 e 8, Lisboa, 1973.

FERNANDES, Líliliana Laganá - "O bairro rural dos Pires (Estudo de Geografia Agrária), Série Teses e Monografias, nº 5, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, 94 pp. , São Paulo, 1971.

GEORGE, Pierre - "Précis de Géographie Rurale", Presses Universitaires de France, Paris, 1963.

INSTITUTO AGRONÔMICO DE CAMPINAS - "Ocorrências de geadas com temperaturas mínimas nos períodos de 1880-1920 e 1929-1975", Campinas. Folha mimeografada.

JOLY, Aylthon Brandão - "Conheça a Vegetação Brasileira", 181 pp., Editora da Universidade de São Paulo - Editora, São Paulo, 1970.

JOLY, Aylthon Brandão - "Botânica", Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1966.

KELLER, Elza Coelho de Souza - "Estudo cultural dos conhecimentos sobre o habitat rural no Brasil" em Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, vol. X, Tomo I, Rio de Janeiro, 1957-1958.

KELLER, Elza Coelho de Souza - "Projeto de mapeamento e utilização da terra" em Aerofotogeografia nº 3, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1969.

KONDO, Takaco - "Sitiantes japoneses em Lageado e Renópolis", Dissertação de Mestrado, inédita, São Paulo, 1979.

MAACK, Reinhard - "Notas preliminares sobre as águas do

sub-solo da Bacia do Paraná-Uruguai", Imprensa da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1970.

MELLO, Maria Conceição D'Incao - "O bóia-fria", Editora Vozes, Petrópolis, 1975.

MINISTÉRIO DO INTERIOR - "Relatório do Estudo para o controle da erosão no Noroeste do Estado do Paraná", Curitiba, 1972.

MONBEIG, Pierre - "Novos Estudos de Geografia Humana", Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1957.

MONBEIG, Pierre - "Pionniers et planteurs de São Paulo", Librairie Armand Colin, 376 pp., Paris, 1952.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo - "Clima", em Grande Região Sul, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1963.

MORAIS NETO, José - "Principais fluxos de produtos agrícolas . 1970", em Revista Paranaense de Desenvolvimento, nº 38, Curitiba, 1973.

MULLER, Nice Lecocq - "Apontamentos sobre o habitat rural no Vale do Paraíba", em Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, vol. X, Tomo I, Rio de Janeiro, 1958.

- NAKAGAWARA, Yoshiya - Movimento Demográfico do Paraná. 1900 - 1975", inédito, mimeografado.
- NAVARRA, Wanda Silveira - " O uso da terra em Itatiba e Morungaba", Série Teses e Monografias, nº 29, 216 pp., Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.
- NICHOLLS, William H.-" A fronteira agrícola na história recente do Brasil: o Estado do Paraná. 1920-1965", em Revista Paranaense de Desenvolvimento, nº 26, Curitiba, 1971
- OTREMBE, Erich - "Geografia General y Industrial", Editora Omega, Barcelona, 1955.
- PADIS, Pedro Calil - "Formação da Economia Periférica", Tese de Doutorado, inédita, PUC, São Paulo, 1970.
- PENTEADO, Antonio Rocha - "O homem brasileiro e o meio" em Brasil, a Terra e o Homem, vol. II, pp. 3-35, Companhia Editora Nacional-Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1970.
- PENTEADO, Antonio Rocha - "Problemas de colonização e uso da terra na região Bragantina do Estado do Pará", Coleção José Veríssimo, Universidade Federal do Pará, Belém, 1967.

PETRONE, Pasquale - "Aspectos geográficos da área de colonização antiga do Espírito Santo", Publicação Avulsa nº 3 da Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, 1962.

PRADO JUNIOR, Caio - "História Econômica do Brasil", Editora Brasiliense, 6a. Edição, São Paulo, 1957.

ROMARIZ, Dora de Amarante - "Aspectos da vegetação do Brasil", 60 pp., IBGE, Rio de Janeiro, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste - "Viagem à Comarca de Curitiba. 1820", Coleção Brasileira, vol. 315, Companhia Editora Nacional, 189 pp., São Paulo, 1964.

SALGADO, Fernando Carlos Fonseca - "As colônias de Bastos e Pedrinhas. Estudo comparativo de Geografia Agrária", Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 266 pp., Presidente Prudente, 1971.

SUDESUL (Superintendência de Desenvolvimento do Sul), Governo do Estado do Paraná e IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) - "Estudo das alternativas Técnicas, Econômicas e Sociais do Setor Florestal do Paraná. Sub-programa Matéria Prima", execução do Centro de Pesquisas Florestais do Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1974.

VALVERDE, Orlando - "Planalto Meridional do Brasil",



Guia de Excursão nº 9 do XVIII Congresso Internacional de Geografia, Conselho Nacional de Geografia, 34 pp., Rio de Janeiro, 1957.

VARGAS, Tulio - " indomável republicano", Instituto Assistencial de Autores do Paraná, Papelaria Requi-  
ao Ltda., Curitiba, 1970.

VÁRIOS AUTORES - "Aspectos da erosão no Noroeste do Paraná" em Bacia do Rio da Prata, vol. I, Curitiba, 1973.

WAIBEL, Leo - "Osistema de Geografia Agrária", em Capítu-  
los de Geografia Tropical e do Brasil, IBGE, Rio  
de Janeiro, 1958.

WESTPHALEN, Cecília Maria e outros - "Nota prévia ao estu-  
do da ocupação da terra no Paraná moderno " em Bo-  
letim do Departamento de História, nº 7, Universi-  
dade Federal do Paraná, Curitiba, 1968.

#### Obras e artigos de caráter específico

BARTHELMESS, Arthur - "Ocupação e organização do Paraná  
Velho", em Boletim Paranaense de Geografia, nº 6-7  
Curitiba, 1962.

BARTHELMESS, Heloísa - "Divisão Regional do Paraná", em Boletim da Divisão de Geografia, nº 3, Departamento de Geografia, Terras e Colonização do Paraná, Curitiba, 1967.

BARTHELMESS, Heloísa - "Sistemas agrários do Estado do Paraná", em Boletim da Divisão de Geografia, nº 32, Curitiba, 1967.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti - "O problema das frentes pioneiras no Estado do Paraná", em Revista Brasileira de Geografia, Ano XV, nº 3, julho-setembro, IBGE, Rio de Janeiro, 1959.

BERNARDES, Nilo - "Expansão do povoamento no Estado do Paraná", em Revista Brasileira de Geografia, ano XIV, nº 4, pp. 427-456, Rio de Janeiro, 1952.

BIGARELLA, João José - "Esboço da geomorfologia do Estado do Paraná", em Boletim nº 32, Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas (IBPT), Curitiba, 19 .

BORGES, Gilda Matilde Bozza e outra - "Exportações para<sub>naenses</sub> no período de 1969-1974", em Revista Para<sub>naense</sub> de SDesenvolvimento, nº 19, Curitiba, 1975

CAMBIAGAI, Salette M<sub>g</sub>dalena - "O povoamento do Norte do Paraná", em Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, vol. I, pp. 81-90, Rio de Janeiro, 1951.

CARNEIRO, Davi - "História do Paraná", Impresso da Seção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Curitiba, sem data.

CARNEIRO, Davi - "O Paraná na História Militar do Brasil", Tipografia João Haupt e Cia Ltda, Curitiba, 1942.

CODESUL - "Regionalização Agrícola do Estado do Paraná", Curitiba, 1975.

DÓRIA, Escragnolle - "Colônias e presídios militares", em Nação Armada, Revista Civil e Militar, nº 80, outubro-dezembro, Rio de Janeiro, 1946.

EL KATIB, Faissal - "História do Paraná", 4 vol. 2a. Edição, Grafipar, Curitiba, 1969.

FUNDAÇÃO INSTITUTO AGRONÔMICO DO PARANÁ - "Manual agropecuário para o Paraná", Londrina, 1978.

FUNDAÇÃO INSTITUTO AGRONÔMICO DO PARANÁ - "Cartas climáticas básicas do Estado do Paraná", Londrina, 1976.

GERCA (Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura) - Relatório de 1968, Curitiba, 1968. Mimeografado.

I.B.G.E. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) - "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros",

vol. XXXI . Rio de Janeiro, 1959.

LANGE, Ana Maria e outros - "O trabalhador rural volante na agricultura paranaense: esboço de uma hipótese de trabalho", Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Agronômicas, Botucatu, 1977.

LARACH, Jorge Olmos Iturri (coordenador) - "Levantamento de reconhecimento dos solos do Nordeste do Estado do Paraná (Informe preliminar)", em Boletim Técnico, nº 16, Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária, Curitiba, 1971.

MACHADO, Brasil Pinheiro e outra - "Contribuição ao estudo da História Agrária do Paraná", em Boletim nº 3, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1963.

MAACK, Reinhard - "A consequência da devastação das matas no Estado do Paraná", em Arquivo de Biologia e Tecnologia, vol. VIII, Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, pp 437-457, Curitiba, 1953.

MAACK, Reinhard - "Geografia Física do Estado do Paraná", Banco de Desenvolvimento Econômico do Paraná - Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, Curitiba, 1968.

- MAACK, Reinhard - "Notas preliminares sobre clima, solo e vegetação do Estado do Paraná", em Arquivos de Biologia e Tecnologia, vol. III, pp. 103-200, Secretaria da Agricultura, Curitiba, 1948.
- MARTINS, Romario - "História do Paraná", Editora Guaíra Ltda. Curitiba
- MÜLLER, Nice Lecocq - "Contribuição ao estudo do Norte do Paraná", em Boletim Paulista de Geografia, nº22, março, pp. 55-87, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, 1956.
- NAKAGAWARA, Yoshiya - "As funções regionais de Londrina e sua área de influência", Tese de Doutorado, inédita, 1973.
- ORLEANS, Casimiro M.de (Frei) - "Pai dos Coroados", Tipografia Roesner, Curitiba, 1975.
- PENTEADO, Jurema E. - "Produção agrícola no Paraná", em Revista Paranaense de Desenvolvimento, nº 19, julho - agosto, Curitiba, 1970.
- PITANGA, Epiphany Candido de Souza - "Reconhecimento do Estado da Estrada da cidade de Antonina à Colonia Militar do Jatai", em Revista Itinerário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", Rio de Janeiro, 1858.

- SALAMUNI, Riad - "Fundamentos geológicos do Paraná", em História do Paraná, 2º vol., Grafipar, Curitiba, 1969.
- SILVA, Maria Aparecida - "Itapura - Estabelecimento Naval e Colônia Militar (1858-1870)", Tese de Doutorado, inédita, 1972.
- SOUZA, Deodato Miguel de Paula - "Contribuição ao reconhecimento dos solos da região cafeeira do Estado do Paraná", Curitiba, 1965.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida - "Paraná: o quadro geográfico, histórico e econômico", em Boletim Paulista de Geografia, nº 46, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, 1971.
- VÁRIOS AUTORES - "Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná", Edane, São Paulo, 1975.
- WOOD, David Lyle - "Brazilian Military Settlements - 1850 to 1913", University of Utah, USA, 1972.

### Estatísticas e Relatórios

#### Estatísticas-

I.B.G.E. - Censo Agrícola, Rio de Janeiro, 1920.

I.B.G.E. - Anuário Estatístico do Brasil, Rio de Janeiro, 1968.

I.B.G.E. - Censo Agropecuário, VIII Recenseamento Geral do Brasil, Rio de Janeiro, 1970.

I.B.G.E. - Produção Agrícola Municipal, vol. 2, Tomo XIX, Rio de Janeiro, 1975.

I.B.G.E. - Censo Agropecuário, Rio de Janeiro, 1976.

Serviço de Acordo de Classificação do Estado do Paraná. Algodão no Paraná. Safras de 1968-1969, 1970 - 1971, 1971-1972, 1972-1973, 1973-1974, 1974-1975, 1975-1976, 1976-1977, 1977-1978, 1978-1979, 1979.

#### Relatórios-

Relatório da Repartição Geral das Terras Públicas apresentado em 09 de março de 1855, ao Exmo. Snr. Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império pelo Director Geral da mesma Repartição o Conselheiro Manoel Felizardo de Souza de Mello, com additamento do Director Interino Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja, em 1º de maio de 1855. Rio de Janeiro, Typographia Universal de Laemmert, 1855.

Relatório apresentado à Assembléa Legislativa da Província no dia 07 de janeiro de 1857 para o Vice-Presidente José Antonio Vaz de Carvalhais. Curityba, Tipographia de Cândido Martins Lopes, 1887.

Relatório do Presidente da Província do Paraná, Francis  
co Liberato de Matos. 07.01.1858 na abertura da  
 da Assembléa Legislativa da Província.

Relatório apresentado à Assembléa Legislativa da Provin  
cia do Paraná pelo Presidente José Francisco Car  
doso. 1º de maio de 1860.

Relatório que o Exmo. Snr. Dr. José Francisco Cardoso  
 apresentou ao Exmo. Snr. Dr. Antonio Barbosa Go  
mes Nogueira por ocasião de passar-lhe a adminis-  
 tração da Província do Paraná. Curitiba, Typogra-  
 phia do Correio Official, 1861.

Relatório apresentado à Assembléa Legislativa da Provin  
cia do Paraná pelo Presidente Antonio Barbosa Go  
mes Nogueira, na abertura da 2a. sessão da 5a. As  
sembléa Legislativa em 15 de fevereiro de 1863.  
 Curitiba, Typographia de Cândido Martins Lopes,  
 1863.

Relatório do Estado da Província do Paraná apresentado  
 ao 2º Vice-Presidente Coronel Manoel Antonio Per  
reira, pelo Presidente Antonio Barbosa Gomes No  
gueira por ocasião de lhe entregar a administra-  
 ção da nova província. Curitiba, Typographia Cãn-  
 dido Martins Lopes, 1865.

Relatório apresentado ao Exmº Snr. Presidente da Provin  
cia do Paraná, Bacharel José Feliciano Horta de



Araujo apresentou o Bacharel Carlos Augusto Ferraz de Abreu por ocasião de passar-lhe a administração da mesma Província. Curityba, Typographia de Cândido Martins Lopes, 1867 .

Repartição dos Negócios da Guerra. Relatório à Assembléia Legislativa Geral. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1866.

Relatório apresentado à Assembléia Legislativa de Paraná no dia 15/03/1867 pelo presidente da Província, Illustríssimo e Excellentíssimo Senhor Dom Polidoro Cezar Burlenarque. Curityba. Typographia de Cândido Martins Lopes, 1867.

Relatório com que o Exmo. Snr. Br. Venâncio José de Oliveira Lisboa abriu a 1ª sessão da 10ª Legislativa da Assembléia Legislativa da Província do Paraná, no dia 15/02/1872. Curityba. Typographia da Viúva e Filhos de Cândido Martins Lopes, 1872.

Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná em 18/02/1876 pelo Presidente da Província o Exmo. Snr. Dr. Adolpho Lamenha Lins. Typographia da Viúva Lopes, 1876.

Relatórios presidenciais 1869-1873, com que abriu a 2ª sessão da 8ª Legislativa da Assembléia Legislativa do Paraná, no dia 6/04/1869. Curityba. Typographia de Cândido Martins Lopes.

Relatório apresentado pelo Exmo. Snr. Presidente da Pro  
víncia Dr. Adolpho Lamenha Lins ao passar a admi  
nistração ao Exmo. Snr. 2º Vice-Presidente Dig -  
natário Manoel Antonio. Dia 16/07/1877.

Relatório com que o Exmo. Snr. Presidente Dr. Joaquim  
Bento de Oliveira passou a administração da Pro  
víncia ao 1º vice-presidente o Exmo. Snr, Conse  
lheiro Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá em  
7/02/1878. Typographia Viúva Martins. Curityba.

Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Para  
ná em 30/10/1887 pelo Presidente da Província o  
Exmo. Snr. Joaquim d'Almeida Faria Sobrinho. Cu  
rityba. Typographia da Fazenda Paranaense. 1886.

Relatório apresentado ao governo do Paraná, da Secreta  
ria da Fazenda e obras pública. Julho de 1935.

Documentação cartográfica e Aerofotogramétrica -

Documentação cartográfica:

Carta Chorographica dos dittos certões do Tibagy e Ivay,  
1770, sem escala.

Estado do Paraná. Divisão Administrativa, 1853, sem data.

Carta da Província de São Paulo. Organizada por C.D.Rath.

Escala 1: 500 000. 1877.

Estado do Paraná. Divisão Administrativa. Sem escala. 1889.

Planta da extinta Colonia Militar do Jatai, levantada em 1866 e das medições efetuadas entre 1892-1909 pelo antigo comissario de terras Joaquim Floriano do Espírito Santo, no Distrito de Jatai. Escala 1:40 000.

Mapa do Municipio de Jatay. Escala 1:50 000. 1923.

Mapa elucidativo dos limites do municipio de Jatai, Londrina e Sertanópolis. Escala 1:600 000. 1937.

Folha de Urai. Paraná (SF-22-V-1-1-) Divisão de Geografia, Terras e Colonização. Escala 1:50 000. 1963.

Folha de Assai. Paraná. (SF-22-V-1-3). Divisão de Geografia, Terras e Colonização. Escala 1:50 000. 1963.

Mapa do Estado do Paraná. Divisão administrativa. Escala 1:600 000. 1971.

#### Documentação Aerofotogramétrica-

Fotos números 10 055 a 10 059; 10 490 a 10 494; 10 688 a 10 692; 10 797 a 10802; 11 184 a 11 188; 11 390 a 11 394 resultantes da cobertura aerofotogramétrica efetuada pela PROSPECT S.A., na escala aproximada de 1:50 000, em 1970.

## INDICE DAS TABELAS

	Página
TABELA 1 - Cobertura vegetal primitiva do Estado do Paraná .....	24
TABELA 2 - Estado do Paraná. Áreas ocupadas pela agricultura e pecuária.....	26
TABELA 3 - Médias térmicas e pluviométricas de Londrina. 1956-1975 .....	39
TABELA 4 - Médias térmicas e pluviométricas de Jataizinho. 1958-1975.....	40
TABELA 5 - Colônia Militar do Jatai. Evolução demográfica. 1855-1895.....	73
TABELA 6 - Aldeamento de São Pedro de Alcântara, Evolução demográfica.1864-1893.....	76
TABELA 7 - Área cultivada nos estabelecimentos agrícolas do Norte Velho.1920.....	82
TABELA 8 - Jataizinho. População urbana e rural. 1950-1970.....	93
TABELA 9 - Composição etária da população rural. Jataizinho, 1969.....	96
TABELA 10 - Jataizinho. Local de nascimento dos pais dos moradores.....	100

TABELA 11 - População rural. Ano da mudança para Jataizinho. 1969.....	102
TABELA 12 - Nível de instrução dos moradores. Jataizinho. 1969.....	105
TABELA 13 - Religião dos moradores da área rural. Jataizinho, 1969.....	107
TABELA 14 - Composição etária da população escolar da zona rural de Jataizinho. 1969.....	110
TABELA 15 - Naturalidade dos alunos da zona rural. Jataizinho. 1969.....	112
TABELA 16 - Domicílio: materiais empregados. Jataizinho. 1969.....	123
TABELA 17 - Domicílio: materiais empregados. Jataizinho. 1969.....	126
TABELA 18 - Domicílio: equipamentos eletro-domésticos. Jataizinho. 1969.....	128
TABELA 19 - Domicílios: utilização de água, luz e fossa. Jataizinho. 1969.....	129
TABELA 20 - Município de Jataizinho. Ocupação dos estabelecimentos rurais.....	133

	Página
TABELA 21 - Distribuição das propriedades rurais. Jataizinho. 1969.....	136
TABELA 22 - Jataizinho. Principais produtos agrícolas. 1969.....	142
TABELA 23 - Jataizinho. Áreas cultivadas e produção de algodão. 1950-1970.....	145
TABELA 24 - Jataizinho. Destino da produção algodoeira. 1969.....	151
TABELA 25 - Jataizinho. Área cultivada e produção de soja. 1967-1976.....	155
TABELA 26 - Jataizinho. Área cultivada e produção de milho. 1950-1970.....	160
TABELA 27 - Jataizinho. Área cultivada e produção de feijão. 1950-1970.....	163
TABELA 28 - Jataizinho. Área cultivada e produção de arroz. 1950-1970.....	171
TABELA 29 - Jataizinho. Áreas cultivadas e produção de café. 1950-1970.....	173
TABELA 30 - Jataizinho. Procedência dos empregados 1969.....	179

	Página
TABELA 31 - Jataizinho. Técnicas empregadas na agricultura. 1969.....	183
TABELA 32 - Jataizinho. Distribuição das propriedades. 1969.....	186
TABELA 33 - Jataizinho. Pessoal empregado nas cerâmicas. 1979.....	197
TABELA 34 - Cerâmicas. 1971.....	203
TABELA 35 - Distribuição da produção oleira. 1971.....	204
TABELA 36 - Quadro de produção algodoeira por firma de Jataizinho. Safra 68/69....	215
TABELA 37 - Caroço vendido. Usina de algodão de Jataizinho.....	216

## INDICE DAS FIGURAS

	Página
FIGURA 1 - Estado do Paraná. Delimitações do Norte do Paraná.....	10
FIGURA 2 - Mapa geológico do Estado do Paraná.....	13
FIGURA 3 - Carta de solos da região de Jataizinho. 1971.....	19
FIGURA 4 - Estado do Paraná. Vegetação.1948..	25
FIGURA 5 - Parques e reservas florestais do Estado do Paraná.....	27
FIGURA 6 - Isoietas Anuais. Isoietas de verão. Isoietas de inverno.....	36
FIGURA 7 - Estado do Paraná. Carta climática..	41
FIGURA 8 - Carta chorographica dos ditos sertões do Tibagy e Ivay.1770.....	50
FIGURA 9 - Mapa parcial do Norte do Paraná (colônias e aldeamentos).....	55
FIGURA 10 - Brazilian Military Settlements.....	57
FIGURA 11 - Planta da extinta colônia militar do Jatai levantada em 1866.....	68



	Página
FIGURA 12 - Mappa do Município de Jatahy .....	88
FIGURA 13 - Divisão administrativa do município de Jataizinho.1889-1947.....	89
FIGURA 14 - Composição etária. Jataizinho.1969.....	97
FIGURA 15 - Religião dos moradores. Jataizinho. 1969.....	108
FIGURA 16 - Habitat rural do municipio de Jataizinho.....	118
FIGURA 17 - Município de Jataizinho. Uso da terra. 1970.....	140
FIGURA 18 - Principais produtos agrícolas. Jataizinho.1969.....	141
FIGURA 19 - Destino da produção algodoeira. Jataizinho. 1969.....	149
FIGURA 20 - Calendário Agrícola.....	158
FIGURA 21 - Análise química do solo. Jataizinho. 1972.....	166
FIGURA 22 - Produtos agrícolas. Jataizinho. 1950 - 1970.....	168

## INDICE DAS FOTOS

	Página
FOTO 1 - Vista do rio Tibagi.....	22
FOTO 2 - Perobeira da Mata Latifoliada Tropical..	29
FOTO 3 - Aspecto da Mata Latifoliada Tropical....	30
FOTO 4 - Frei Timóteo de Castalnuevo.....	59
FOTOS 5-6- Aspectos do Norte de Jataizinho.....	116
FOTOS 7-8- Habitações do tempo dos pioneiros.....	122
FOTO 9 - Habitação de Jataizinho em 1929.....	125
FOTO 10 - Aspecto de Jataizinho no início da década de 30.....	135
FOTO 11 - Cultura do algodão em Jataizinho.....	147
FOTO 12 - Cerâmica Cristina.....	201
FOTOS 13-14 - Cerâmica Bela Vista .....	210
FOTO 15 - Algodoeira de Jataizinho.....	218

## Página

FIGURA 23 - Situação e procedência dos empregados. Jataizinho. 1969.....	178
FIGURA 24 - Técnicas empregadas na agricultura. Ja taizinho. 1969.....	182
FIGURA 25 - Implementos agrícolas. Jataizinho.1969.	184
FIGURA 26 - Distribuição das propriedades rurais. Jataizinho. 1969.....	187
FIGURA 27 - Destino das manilhas da cerâmica Bela Vista. Jataizinho. 1971.....	208

## INDICE GERAL

	Página
Sumário.....	1
1. Apresentação.....	2
2. Jataizinho no Norte do Paraná	
2.1. As bases físicas.....	9
2.2. O processo de ocupação do espaço.....	48
3. O homem e o habitat rural	
3.1. Apopulação.....	92
3.2.0 habitat rural.....	115
4. O uso da terra	
4.1. Atividades agrárias.....	139
4.2. Outras atividades.....	189
5. Conclusões .....	221
- Bibliografia utilizada.....	231
- Documentação cartográfica e Aerofotogramétrica...	246
- Índice das tabelas.....	248
- Índice das figuras.....	252
- Índice das fotos.....	254
- Índice geral.....	256

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.

